



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Ilduara Silveira dos Santos

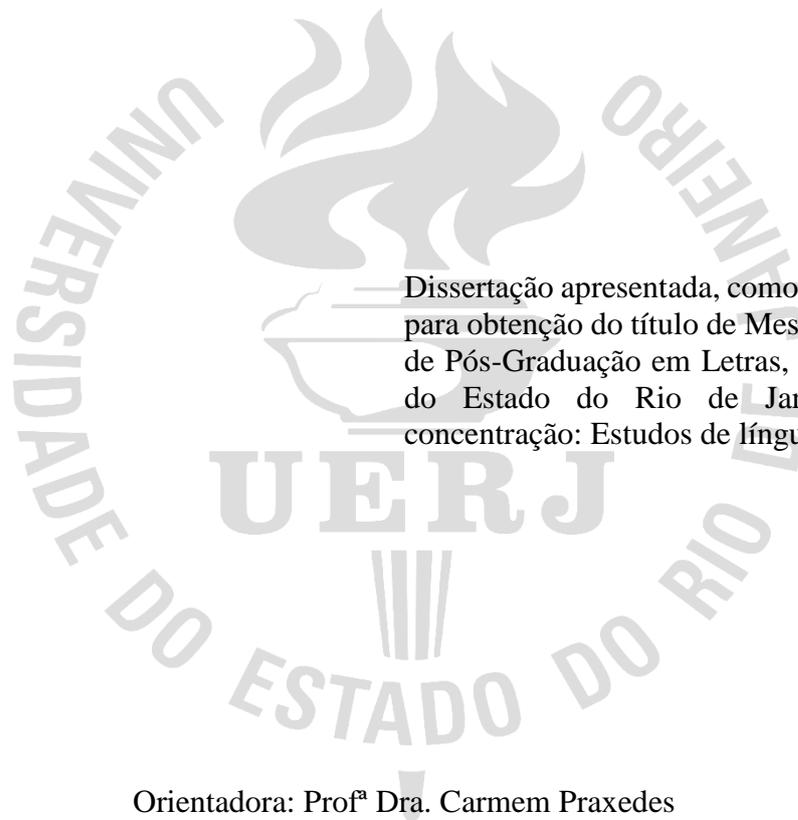
**Análise contrastiva da nomenclatura dos termos das proposições simples
em Língua Portuguesa e Língua Italiana a partir da Semiótica de Peirce**

Rio de Janeiro

2024

Ilduara Silveira dos Santos

Análise contrastiva da nomenclatura dos termos das proposições simples em Língua Portuguesa e Língua Italiana a partir da Semiótica de Peirce



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de língua.

Orientadora: Prof^ª Dra. Carmem Praxedes

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S237 Santos, Ilduara Silveira dos.
Análise contrastiva da nomenclatura dos termos das proposições simples em língua portuguesa e língua italiana a partir da semiótica de Peirce / Ilduara Silveira dos Santos. – 2024.
126 f.: il.

Orientador: Carmem Praxedes.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua italiana – Estudo e ensino – Teses. 3. Análise linguística – Teses. 4. Gramática comparada e geral – Sintaxe – Teses. 5. Semiótica – Teses. I. Praxedes, Carmem. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90:805.0

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ilduara Silveira dos Santos

Análise contrastiva da nomenclatura dos termos das proposições simples em Língua Portuguesa e Língua Italiana a partir da Semiótica de Peirce

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 16 setembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Carmem Praxedes (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva
Universidade Federal do Ceará

Prof^a Dra. Darcília Marindir Pinto Simões
Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação a minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Frédéric Chopin cujas músicas me acompanharam durante o processo de produção desse estudo.

Agradeço também ao meu companheiro, professor Roberto Dutra Jr., que me aconselhou, orientou e compartilhou comigo sua experiência.

Um agradecimento também aos meus gatos, Bianco e Kiki, que ficaram ao meu lado, em cima de mim, no teclado do computador ou sobre um livro que eu estivera lendo, muitas vezes me distraíndo, subindo à mesa de trabalho, deitando-se no meu braço, ou parando em frente ao computador, mas que mesmo assim, ajudaram-me com sua companhia, seu amor e carinho.

Agradeço às minhas irmãs, Uiara e Mayara, que estão comigo trilhando a estrada da vida.

Ao meu chefe, Alexandre Oliveira Boa Morte, por ter compreendido o momento pelo qual passei.

Ao meu analista, Wagner Vaz, com quem troquei ideias, pois ele também passava pelo mesmo processo de pesquisa: ele no doutorado em Psicologia e eu no mestrado em Linguística.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, mas sobretudo à Angela Maciel que me levou às primeiras letras.

Agradeço a minha orientadora que acreditou e confiou em mim e que há vinte anos me guia nessa aventura pelo fantástico mundo da Semiótica.

Uma proposição é verdadeira se não for falsa.

C.S. Peirce

RESUMO

SANTOS, Ilduara Silveira dos. *Análise contrastiva da nomenclatura dos termos das proposições simples em língua portuguesa e língua italiana a partir da semiótica de Peirce*. 2024. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O objetivo dessa dissertação foi fazer o contraste entre a nomenclatura dos termos da proposição na Língua Portuguesa e na Língua Italiana. A análise contrastiva consiste no confronto de duas línguas, sincronicamente, a fim de destacar semelhanças e diferenças, evidenciando o funcionamento diversificado, mas equivalente das línguas. A presente dissertação deu prosseguimento ao *Estudo contrastivo entre análise sintática portuguesa e análise lógica* do italiano no período simples, trabalho iniciado em 2007 por Carmem Praxedes, Bruna Trindade, Márcia Leal e Velaine Poço. O aporte teórico que fundamentou esse estudo é a semiótica de Charles Sanders Peirce, que por sua vez é inferencial, ou seja, a construção do sentido surge da relação das inferências pregressas dos usuários da língua. Desse modo, nesse trabalho teve-se a lógica como o conhecimento anterior que fundamenta a análise sintática. Para a análise na língua viva optou-se pelo conto *Metafisica*, de Luiz Fernando Verissimo, em Língua Portuguesa e por *Il modello dei modelli*, de Italo Calvino, em Língua Italiana. Os contos foram escolhidos pois seus autores são referências de leitura e na formação de gerações de leitores em suas respectivas línguas. Foi concluído que há continuidade entre análises sintática e lógica. A visão dinâmica e triádica de Peirce, considera a interpretação e o contexto na produção de significado. Há também a importância da perspectiva histórica e filosófica na análise linguística, sugerindo que o estudo das gramáticas deve incorporar a semântica e a pragmática para uma compreensão mais rica e contextualizada.

Palavras-chave: Peirce; análise contrastiva; sintaxe; semiótica; língua portuguesa; língua italiana.

RIASSUNTO

SANTOS, Iduara Silveira dos. *Analisi contrastiva della nomenclatura dei termini in frasi semplici in portoghese ed italiano*. 2024. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

L'obiettivo di questa tesi di master è stato fare un contrasto tra la nomenclatura dei termini della proposizione in portoghese e in italiano. L'analisi contrastiva consiste nel confrontare due lingue in modo sincrono al fine di evidenziare somiglianze e differenze, distaccando il diverso ma equivalente funzionamento delle lingue. Questa tesi di master prosegue *Lo studio contrastivo tra l'analisi sintattica portoghese e l'analisi logica italiana nel periodo semplice*, iniziato nel 2007 per Carmem Praxedes, Bruna Trindade, Márcia Leal e Velaine Poço. Il contributo teorico su cui si è fondato questo studio è stata la semiotica di Charles Sanders Peirce, che a sua volta è inferenziale, ovvero la costruzione del significato nasce dalla relazione tra le inferenze precedenti degli utenti del linguaggio. Pertanto, in questo lavoro, la logica è stata la conoscenza previa che sta alla base dell'analisi sintattica. Per l'analisi nella lingua viva abbiamo scelto il racconto *Metafisica*, di Luiz Fernando Verissimo, in portoghese e *Il Modello dei modelli*, di Italo Calvino, in italiano. Questi racconti sono stati scelti perché i loro autori sono riferimenti di lettura e della formazione di generazioni di lettori nelle rispettive lingue. È stato concluso che c'è continuità tra l'analisi sintattica e quella logica. La visione dinamica e triadica di Peirce considera l'interpretazione e il contesto nella produzione del significato. Viene anche sottolineata l'importanza della prospettiva storica e filosofica nell'analisi linguistica, suggerendo che lo studio delle grammatiche dovrebbe incorporare la semantica e la pragmatica per una comprensione più ricca e contestualizzata.

Parole chiavi: Peirce; analisi contrastiva; sintassi; semiotica; lingua portoghese; lingua italiana.

ABSTRACT

SANTOS, Ilduara Silveira dos. *Contrastive analysis of the nomenclature of simple proposition terms in Portuguese and Italian from Peirce's semiotics*. 2024. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This thesis aims at contrasting the nomenclature of propositional terms in Portuguese and Italian. Contrastive analysis involves comparing of two languages synchronically, highlighting their similarities and differences, thereby demonstrating the diversified yet equivalent functioning of these languages. This thesis follows up “Contrastive Study between Portuguese Syntactic Analysis and Italian Logical Analysis in Simple Sentences,” began in 2007 by Carmem Praxedes, Bruna Trindade, Márcia Leal, and Velaine Poço. The theoretical framework underpinning this study is Charles Sanders Peirce's Semiotics, which is inferential. According to it the construction of meaning grows from relations of prior inferences made by language users. In this study, logic is considered the prior knowledge that underlies syntactic analysis. For the analysis in the living language, the short story “Metafisica” by Luiz Fernando Verissimo in Portuguese and “Il modello dei modelli” by Italo Calvino in Italian were chosen. These stories were selected because their authors are landmarks in literacy of generations of readers of their respective languages. We came to the conclusion that there is continuity between syntactic and logical analyses. Peirce's dynamic and triadic view considers interpretation and context in the production of meaning. The historical and philosophical perspective is also important in linguistic analysis, suggesting that the study of grammars should incorporate semantics and pragmatics for a richer and more contextualized understanding.

Keywords: Peirce; contrastive analysis; syntax; semiotics; Portuguese language; Italian language.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Semiologia e Semiótica.....	20
Quadro 2 –	Enunciado, período, frase, oração em Língua Portuguesa	46
Quadro 3 –	<i>Frasi</i> em Língua Italiana	49
Quadro 4 –	Proposição em Filosofia	51
Quadro 5 –	Termos da proposição.....	52
Quadro 6 –	Proposição para Peirce.....	52
Quadro 7 –	Sujeito em Língua Portuguesa	55
Quadro 8 –	<i>Soggetto</i> em Língua Italiana	57
Quadro 9 –	Sujeito em filosofia	58
Quadro 10 –	Lógica	60
Quadro 11 –	Predicado em Língua Portuguesa	62
Quadro 12 –	<i>Predicato</i> em Língua Italiana	64
Quadro 13 –	Predicado em Lógica/Filosofia	67
Quadro 14 –	Quadro geral de contraste entre análise sintática e <i>analisi logica</i>	71
Quadro 15 –	Contraste verbo <i>haber</i> e verbo <i>esserci</i>	101
Quadro 16 –	As tricotomias de Peirce	104
Quadro 17 –	Relações triádicas entre sujeito/ predicado e <i>soggetto</i> e <i>predicato</i>	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Az	Jose Carlos Azeredo
Ch	Marilena Chauí
DT	Dardano e Trifone
JM	Japiassu e Marcondes
LFV	Luis Fernando Veríssimo
M	Mortari
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
RSC	Renzi, Salvi e Cardinaletti
SCV	Sujeito, verbo, complemento
TP	Trifone e Palermo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	OBJETO DE ESTUDO	22
1.1	Língua Portuguesa	22
1.2	Língua Italiana	23
1.3	Lógica	23
1.4	Língua em textos escritos	24
2	OBJETIVOS	26
2.1	Objetivo geral	26
2.2	Objetivos específicos	26
3	APORTE TEÓRICO	28
3.1	Semiótica e Lógica	28
3.2	O que é Semiótica?	29
3.2.1	<u>Surgimento a partir da medicina</u>	29
3.2.2	<u>Especificidades da semiótica: campos de atuação</u>	30
3.2.3	<u>Semiótica e/ou Semiologia</u>	32
3.3	Semiótica de Peirce	34
3.3.1	<u>Teoria do signo</u>	34
3.3.2	<u>Semiótica e cognição</u>	35
3.4	Do signo à semiose	36
3.4.1	<u>Semiose</u>	37
3.4.2	<u>Lógica e inferência</u>	39
3.5	O que tudo isso tem a ver com o presente trabalho?	39
3.5.1	<u>A filosofia como inferência na análise sintática e <i>analisi logica</i></u>	40
4	METODOLOGIA	41
4.1	Análise Contrastiva	41
4.1.1	<u>Análise Contrastiva e Semiótica de Peirce</u>	42
4.1.2	<u>Análise Contrastiva específica nesse trabalho</u>	43
5	UM POUCO DA HISTÓRIA DA GRAMÁTICA	44
6	ANÁLISE CONTRASTIVA DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA ITALIANA	46

6.1	Enunciado, período, frase, oração	46
6.1.1	<u>Enunciado, período, frase, oração em Língua Portuguesa</u>	46
6.1.2	<u>Frase em Língua Italiana</u>	49
6.1.3	<u>Proposição em Filosofia</u>	51
6.2	Sujeito	55
6.2.1	<u>Sujeito em Língua Portuguesa</u>	55
6.2.2	<u>Soggetto em Língua Italiana</u>	57
6.2.3	<u>Sujeito em Filosofia</u>	58
6.2.2.1	Semelhanças e diferenças entre as definições de sujeito.....	60
6.2.2.1.1	Semelhanças.....	60
6.2.2.1.2	Diferenças.....	60
6.3	Predicado	62
6.3.1	<u>Predicado em Língua Portuguesa</u>	62
6.3.2	<u>Predicato em Língua Italiana</u>	64
6.3.3	<u>Predicado em Lógica/Filosofia</u>	67
6.3.3.1	Semelhanças e diferenças entre as definições de predicado apresentadas.....	68
6.3.3.1.1	Semelhanças.....	68
6.3.3.1.2	Diferenças.....	68
6.4	Termos essenciais, integrantes e acessórios	70
7	ANÁLISE DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS DE SUJEITO E PREDICADO NOS TEXTOS PROPOSTOS	74
7.1	Critério para individuação entre sujeito e predicado nos textos em análise	74
7.1.2	Análises das funções sintáticas de sujeito e predicado no texto Metafísica de Luiz Fernando Veríssimo	74
7.1.3	Individualização de sujeito e predicado no texto <i>Metafísica</i>	76
7.2	<i>Análisi logica</i> nas funções de <i>soggetto</i> e <i>predicato</i> no texto <i>il modello dei modelli</i> de Italo Calvino	83
7.2.1	Individualização dos sujeitos e predicados das frases do texto <i>il modello dei modelli</i> de Italo Calvino	85
7.3	Análises sintática/<i>logica</i> e inferência	100
7.4	Relações triádicas entre sujeito/<i>predicado</i>/<i>soggetto</i>/<i>predicato</i>	107

CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	116
ANEXO A – Metafísica, Luis Fernando Veríssimo.....	120
ANEXO B – <i>Il modello dei modelli</i> , Italo Calvino	121
ANEXO C – O Modelo dos Modelos	124

INTRODUÇÃO

Adoto uma das definições de Charles Sanders Peirce para signo¹ (ou *representamen*) como: “algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém” (Peirce, 1975, p. 94). Com isso, a presente dissertação tem como proposta tomar a nomenclatura dos termos da sentença em Língua portuguesa e da *analisi logica*, em Língua italiana, vistas aqui como *o algo* da definição dada por Peirce. Assim o trabalho consistirá na análise contrastiva entre as proposições simples da língua portuguesa e da língua italiana.

Sobre inferência:

(...) a operação pela qual se admite como correta uma proposição em virtude de sua ligação (por implicação, por generalização ou mesmo, segundo alguns autores, por analogia) com outras proposições consideradas verdadeiras (...). No processo argumentativo, usam-se inferências (Fiorin, 2018, p. 31).

No processo de inferência, o problema semiótico, a semiose, é a capacidade de puxar o fio que liga uma ideia a outra, uma compreensão a uma compreensão anterior, ou seja, de formular inferências, acompanhar conhecimentos anteriores que se transformam e produzem outros conhecimentos. A inferência desenha os caminhos explicativos do raciocínio, ou seja, o percurso de construção do significado.

Pretendeu-se desatar, com essa dissertação, alguns nós que surgiram durante meu percurso na graduação. Um desses foi provocado pela sensação de que minha falta de conhecimento básico de Lógica dificultasse a compreensão mais aprofundada da análise da função sintática da Língua Portuguesa, pois é de conhecimento geral que a categorização gramatical da Língua Portuguesa é proveniente da categorização aristotélica, tendo assim uma origem filosófica, conforme afirma Neves (2011b): “a gramática incipiente grega é a fonte da nossa gramática, por via da gramática latina” e “O exame da gramática ocidental tradicional necessariamente remonta à gramática grega” (2011a), o que é também corroborado por Azeredo (1995, p. 16-17): “Derivada que foi, porém da análise lógica, a análise gramatical passou a chamar *sujeito* e *predicado* às partes fundamentais de qualquer construção centrada no verbo”.

¹ “Se o leitor percorrer os oito volumes dos *Collected Papers* (1931-58), de Charles Sanders Peirce, creio que poderá encontrar, no mínimo, entre vinte e trinta formulações distintas da sua definição de signo” (Santaella, 1995, p. 21).

Uma das principais ligações que se pode fazer entre a gramática e sua origem filosófica pode ser justificada pelo fato de a palavra *logos*, que originalmente designava o que chamamos de linguagem, ser hoje mais importante no campo da filosofia (Neves, 2005, p. 19).

(...) entre a gramática e a lógica as relações são muito complexas. Se alguns afirmam que a doutrina aristotélica das categorias é um reflexo da estrutura gramatical do grego, outros, de outro lado, afirmam que as distinções da gramática tradicional são puramente lógicas. Na verdade, essa petição de princípio só faz mostrar que as relações são íntimas entre as categorias de ser, de significar e de compreender (Neves, 2005, p.75).

A Lógica não é algo simples de ser definido. Tanto que há muitos livros cuja pretensão é ser uma introdução à Lógica e, no entanto, são livros bem volumosos e geralmente começam sua introdução tentando responder à pergunta: “o que é lógica?”. Farei um brevíssimo apanhado das definições encontradas em alguns desses livros. No livro *Introdução à Lógica* de Cezar Mortari, a lógica é definida de forma provisória como: “a ciência que estuda princípios ou métodos de inferência, tendo o objetivo principal de determinar em que condições certas coisas se seguem (são consequências) ou não, de outras” (2016, p. 14). Marilena Chauí, em *Convite à filosofia* (2005, p. 104), diz: “Inferência, coerência, conclusão sem contradições, conclusão a partir de conhecimentos suficientes são algumas noções implicitamente pressupostas por nós toda vez que afirmamos que algo é lógico ou ilógico.”

Ao usarmos as palavras lógica e lógico estamos participando de uma tradição de pensamento que se origina da Filosofia grega, quando a palavra *logos* – significando linguagem-discurso e pensamento-conhecimento – conduziu os filósofos a indagar se o *logos* obedecia ou não a regras, continha ou não normas, princípios e critérios para seu uso e funcionamento. A disciplina filosófica que se ocupa com essas questões chama-se lógica.

Há também a compreensão de Pierre Wagner que instiga ainda mais a questão:

não existe concepção da lógica sobre a qual a comunidade dos lógicos esteja inteiramente de acordo, não existe uma definição universalmente aceita. Ao contrário, existem opiniões divergentes a respeito de sua extensão, de sua unidade, de seu propósito e de sua orientação (2009, p. 12).

Para Charles Sanders Peirce: “Em seu sentido geral, a lógica é [...] apenas um outro nome para semiótica, a quase-necessária, ou formal, doutrina dos signos” (1977, p. 45). Percebemos que a definição de Peirce se aproxima daquela, vista anteriormente, por Chauí. O entendimento do vínculo entre a Lógica e a Semiótica ocorre desde que compreendamos que a cognição, e então, a comunicação são interesses comuns a essas duas ciências.

“Os lógicos ocuparam-se desde os tempos mais remotos com a inferência” (Morris, s/d, p. 16). Desse modo, a lógica aristotélica, nesse trabalho, é entendida como algo inferencial, pois

um saber, para ser construído, parte de um saber anterior. E a lógica aristotélica/estoica² é vista aqui como matriz das quais são oriundas as análises sintáticas da Língua Portuguesa e da Língua Italiana.

Classificar, categorizar, analisar o mundo a nossa volta faz parte da humanidade. Analisar é decompor um todo em suas partes (Japiassu; Marcondes, 1990, p. 18): decompor do mais complexo para o menos complexo. Quando nos aprofundamos em algo, partimos da decomposição do objeto de estudo em partes menores para se escapar de sua complexidade. “Para perceber as relações entre as ideias, fatos, fenômenos, seres ou objetos, a inteligência humana precisa discriminar, dividir, isolar as dificuldades para resolvê-las. Daí a necessidade de análise, método geral de que se servem todas as ciências” (Garcia, 1981, p. 317). É menos complicado examinar as partes que o todo. Desse modo, língua é uma parte de um todo, e esse todo é a linguagem, que é também uma parte de um todo maior: a cultura.

A aprendizagem, a conservação, a transformação e a transmissão da cultura realizam-se através de uma grande variedade de práticas sociais. As práticas sociais organizam-se para expressar a cultura das comunidades humanas assumindo a condição de sistemas de signos para transmitir essa cultura de um indivíduo para outro, de uma geração para a geração seguinte.

A ciência que estuda os sistemas de signos, quaisquer que eles sejam e quaisquer que sejam as suas esferas de utilização, chama-se Semiologia ou Semiótica.

[...]

Assim como a relação entre um homem e o mundo vem mediatizada pelo pensamento, a relação entre um homem e outro homem, dentro de uma sociedade, vem mediatizada pelos signos (Lopes, 1976, p. 15-16).

Para fins metodológicos, Charles Morris³ separou a semiose — o processo em que alguém se dá conta de uma coisa mediante uma terceira (Morris, s/d) — em três dimensões: sintaxe, semântica e pragmática em que:

- Sintaxe: é relação dos signos com outros signos;
- Semântica: são as relações de signos aos objetos a que os signos se aplicam;
- Pragmática: é a relação dos signos aos intérpretes.

Umberto Eco, em *Semiótica e filosofia da linguagem*, utiliza “o termo ‘gramática’ no seu sentido mais lato, a ponto de incluir, ao lado de uma sintática e uma semântica, também uma série de regras pragmáticas” (Eco, 1991a, p. 9). Tudo isso me levou a considerar que seria possível fazer o estudo contrastivo entre as classificações das sentenças nas duas línguas, pois o que em Língua Portuguesa é chamado de *análise sintática* em Língua Italiana é chamado de

² A palavra lógica só passou a ser usada pelos estoicos; Aristóteles a chamava de *analítica* (Chauí, p. 107, 2005)

³ MORRIS, Charles. *Fundamentos da Teoria dos Signos* (tradução: Antônio Fidalgo) Covilhã: Universidade da Beira Interior s/d disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4904582/mod_resource/content/1/Teoria%20dos%20Signos.pdf. data de acesso: 16/07/2021.

analisi logica ou sintattica.

Em seus *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, Louis Hjelmslev alerta para “O perigo que consiste em apressar-se demasiado na direção do objetivo fixado pela pesquisa e, com isso, negligenciar a própria linguagem, que é o meio de atingir esse objetivo. Na realidade, o perigo reside no fato de que a linguagem quer ser ignorada” (1975, p. 3). Desse modo, aqui estamos nós, eu e você, caro leitor, procurando desvendar os caminhos da linguagem, seus modos, e investigando meios de se estudar a linguagem dentro da própria linguagem.

Em seu *Dicionário de fatos gramaticais* (1956, p. 20), Mattoso Câmara define:

ANÁLISE – Decomposição de uma enunciação em seus elementos para fins de interpretação lingüística; é na análise que se baseia o estudo descritivo da língua (cf. XXIII-8). Conforme o intuito interpretativo, temos várias espécies de análise: 1) FONÉTICA – apreensão dos elementos fonéticos, como a sílaba e o fonema; 2) MÓRFICA – destaque e classificação dos morfemas; 3) LÉXICA – exame de cada vocábulo da enunciação a fim de classificá-lo do ponto de vista gramatical; 4) SINTÁTICA – divisão de uma frase em suas orações e cada oração em seus elementos. [...] A análise sintática é chamada LÓGICA porque tende a apreciar as frases de acordo com as leis da LÓGICA dita FORMAL, disciplina filosófica que estabelece as condições para a boa expressão de um raciocínio verbal. Dêste ponto de vista é uma técnica inadequada a se aplicar a toda e qualquer frase por três motivos: 1) muitas frases enunciadas não decorrem de um raciocínio, mas de um impulso emotivo, isto é, não são DECLARATIVAS; 2) muitas frases, mesmo pautadas num raciocínio, sofrem a interferência de variados fatores psíquicos que perturbam a nitidez do seu desdobramento lógico (anacoluto, atração, afetividade e silepse); 3) as possibilidades da expressão lingüística, mesmo nas frases puramente declarativas, ultrapassam os esquemas verbais que a lógica nos ministra (v. idiotismos, realce, pleonasma, impressionismo e antecipação).

Embora haja um mundo extralingüístico, a Linguística se ocupa com estudar uma parte de um todo que é a linguagem. “As línguas naturais, notadamente diversas, são manifestações de algo mais geral, a linguagem” (Petter, 2014)⁴. Linguística é a ciência que estuda a comunicação oral e escrita, e esta é uma parte do todo que é a linguagem, mas por haver a necessidade de delimitar o objeto a ser estudado, a Linguística estuda a língua em si mesma. “A Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (Saussure, 1973, p. 271). Isso acaba por deixar de lado a linguagem que é um aspecto muito mais amplo da interação humana.

Quando há o questionamento: “*Por que em Língua Portuguesa faz-se análise sintática se antes essa era também a chamada de lógica e essa parecia mais completa por conter também os campos semântica e pragmática?*”, penso na minha própria experiência como estudante, pois, na graduação, causou-me admiração tomar conhecimento das dimensões semântica e pragmática visto que eu tinha apenas como base a sintaxe.

⁴ Margarida Petter, *Linguagem, língua, lingüística* in FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística I – objetos teóricos. São Paulo: Ed. Contexto, 2014

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000):

A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato lingüístico.

O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos.

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral⁵.

Depreende-se que há uma proposta da inclusão de uma base textual no ensino de Língua Portuguesa. A linguística textual é estudada nas universidades. Como essa proposta é colocada em prática nas escolas de ensino médio (ensino médio porque é o ciclo anterior ao da graduação)? Esta pode ser uma proposta futura: fazer um levantamento de como é a prática da linguística textual nas escolas de ensino médio.

Outro incômodo que é elucidado aqui surgiu em uma tarde de conversa com a minha orientadora durante a iniciação científica, quando em um texto, deparei-me com a expressão Semiótica/Semiologia. Perguntei qual era a diferença entre as duas. Considero aquele momento como o início da minha vida acadêmica, apesar de estar no 5º período, quando me veio tal questionamento. Ao invés de simplesmente responder à pergunta, a orientadora me indicou leituras: Nöth, 1995; Epstein, 1990; Santaella, 1985. De certa forma, a presente dissertação ainda é motivada pela dúvida surgida naquela tarde de 2005.

Em seu modelo diádico, Saussure afirma que o signo é uma entidade psíquica de duas faces formado pela imagem acústica, que é uma representação fônica, e seu conceito é a ideia que fazemos do que a imagem acústica representa. Para assinalar a oposição que esses dois termos têm entre si, Saussure chamou a imagem acústica de significante, e seu conceito de significado. Para Peirce, o signo é definido por três elementos, sendo composto pelo *objeto*, o *representamen*, que seria aquilo que representa o objeto para alguém; e o *interpretamen*, que seria aquilo que o *representâmen* produz na *mente* do intérprete, a ideia do objeto, o conceito.

Saussure afirma que signo tem caráter psíquico, que tanto a imagem acústica quanto o conceito são formados na mente, que mesmo sem movermos os lábios, podemos falar conosco, e formular uma ideia do que as palavras significam, mas em seu curso, ele afirma

⁵ http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf

que conceito e imagem acústica não são somente psíquicos, pois há a existência do circuito da fala (1973, p. 18):

(...) numa parte exterior (vibração dos sons indo da boca ao ouvido) e uma parte interior, que compreende todo o resto; uma parte psíquica e outra não psíquica, incluindo a segunda também os fatos fisiológicos, dos quais os órgãos são a rede (Saussure, 1973, p. 20).

Assim, por meio de experiências sensoriais participamos das trocas de informações com nossos interlocutores, e a imagem acústica remete à experiência sensorial do mundo extralinguístico para atribuir-lhe significado. Não teríamos como formular a ideia daquilo que o signo representa senão conhecêssemos o seu referente. Não descobriríamos os significados das palavras se não conhecêssemos os objetos que elas representam.

O modelo triádico definiria melhor o signo que o diádico, pois esse deixa de lado o objeto do mundo como termo integrante do signo, não levando em consideração que, sem tal existência, o signo não seria formado na mente dos interlocutores, o objeto seria um estímulo para a formação do signo.

Por isso o modelo tricotômico é o que compreende de forma mais completa o fenômeno da representação metafórica da linguagem e seu dinamismo, pois com a presença do objeto torna possível a formação do signo na mente dos sujeitos através das interações com o mundo, e com os interlocutores. Um exemplo é o amadurecimento paulatino das crianças em tese durante um ano e meio a dois, adquirindo experiências do mundo para só então começarem a falar: vivem o mundo à sua volta e nesse ínterim constroem significados em sua mente.

Um outro exemplo, além do contexto da aquisição infantil da linguagem, consiste em verificar a aplicabilidade do conceito em uma palavra (signo) aleatória. Quem não sabe o que é *paica* não terá formado em sua mente um signo. Um signo, para Saussure, só existe se na mente há o conceito, mas este só é possível através do conhecimento empírico do sujeito. Este só terá */paica/* (este como signo) se souber que a palavra *paica* significa um padrão de medida tipográfica anglo-saxã, que equivale aproximadamente 4,23mm.

O mundo precisa ser conhecido, descoberto, para então darmos nomes às coisas e formarmos em nossa mente os conceitos. Por isso o modelo triádico seria o mais completo, por levar em conta as coisas do mundo a serem nomeadas, por considerar que existe um mundo concreto, perceptível sensorialmente e que, após essa percepção, as coisas são conceituadas em nossas mentes como dados da realidade a partir da observação delas.

Nesta dissertação, o modelo de Peirce é o escolhido como aporte teórico, pois a sua Semiótica contempla os três campos da linguagem: sintaxe, semântica e pragmática. Desse modo, segue um quadro resumido das diferenças entre Saussure e Peirce.

Quadro 1 - Semiologia e Semiótica

Semiologia	Semiótica
Saussure	Peirce
Linguística	Filosofia
Língua <i>per se</i>	Uma coisa no lugar de outra sob certos aspectos ou modos
Conceito e imagem acústica	<i>Objeto, representamen interpretamen</i>

Fonte: A autora, 2024

O que se quer mostrar é que a predominância dos estudos da sintaxe em Português Brasileiro se deve à cisão entre os estudos da linguagem (linguagem aqui entendida como meio mais geral de interação) e os estudos linguísticos. Antes da Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959), havia autores em Língua Portuguesa que classificavam os termos das sentenças em *análise sintática ou análise lógica* (Alvares Cardoso, 1949). Mattoso Câmara em seu *Dicionário de fatos gramaticais* (1956) nos diz que “A análise sintática é chamada LÓGICA porque tende a apreciar as frases de acordo com as leis da LÓGICA dita FORMAL, disciplina filosófica que estabelece as condições para a boa expressão de um raciocínio verbal” (p.30). Antenor Nascentes chama apenas de análise lógica (*Método Prático de Análise lógica*, 1949). A NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) foi um acontecimento político que unificou a nomenclatura dos termos das sentenças, pois, até então, “o que havia no ensino de Língua portuguesa no Brasil era um total conflito no emprego de termos” (Henriques, 2009, p. 16).

Só é possível falar e compreender aquilo que já está no nosso campo de conhecimento. Essa é uma premissa muito simplificada da inferência. É como na graduação em que há disciplinas que requerem outras como pré-requisitos. Em outras palavras: como o graduando vai fazer a disciplina Linguística II sem ter feito a disciplina Linguística I? Em Linguística II serão abordados assuntos e autores discutidos na primeira disciplina. É algo semelhante que ocorre com a análise sintática. Esse tipo de análise não surgiu do nada. Há toda uma história da qual ela é consequência, o que coloca a análise sintática e *analisi logica* num *continuum* que se iniciou na lógica aristotélica.

Não basta que a frase seja sintaticamente bem-feita para ser inteligível: É preciso que a frase seja colocada num contexto de enunciação e numa correlação semântica. Precisa-se da semântica e da pragmática para a sua inteligibilidade. A seguir, o trecho de Garcia para corroborar essa hipótese (1981, p. 8).

A célebre e assaz citada e comentada frase de Chomsky — “*Colorless green ideas sleep*

furiously” (incolores ideias verdes dormem furiosamente) — apresenta os traços de gramaticalidade integral; no entanto, constitui (fora, evidentemente, do plano metafórico, onde todas as interpretações são possíveis) um enunciado incompreensível no plano referencial-denotativo, pois há incompatibilidade lógica entre os seus componentes, que se isoladamente têm sentido, no conjunto não têm: ideias não podem ser verdes nem incolores, e muito menos ser uma coisa e outra ao mesmo tempo.

Para a presente dissertação foi feita a análise contrastiva da nomenclatura dos termos das proposições simples da Língua Portuguesa e da Língua Italiana extraindo sua origem comum na categorização aristotélica, a partir dos quais serão traçados paralelos entre as nomenclaturas de ambas as línguas, e donde serão elucidadas suas origens comuns.

Para finalizar essa introdução, justifico o uso da primeira pessoa do singular. Minha escolha se deve ao fato de que toda pesquisa reflete o olhar do investigador sendo esse o ponto de observação do objeto em estudo, ou seja, discordo de Peirce para quem “não deveria haver nem subjetividade nem opinião pessoal implicada na investigação” pois “a investigação deve levar a um acordo de opiniões” (Bacha, 1997, p. 167). Penso que a pesquisa tem em si algo de subjetivo, visto que o próprio pesquisador é uma conjunção de vivências particulares. Há um sujeito por trás da persona cientista. O que não a isenta dos critérios objetivos. Se vez ou outra cito uma vivência pessoal é para ilustrar a possibilidade de lançar sobre o cotidiano o olhar linguístico. Às vezes em que surgir a primeira pessoa do plural, me referirei ao contexto geral.

Trago como exemplo da importância do olhar do cientista a publicação do diário do Malinowski no qual ele faz um relato muito pessoal de sua experiência com indígenas da Nova Guiné que resultou na publicação do livro *Argonautas no pacífico ocidental*. A publicação (*post mortem*, autorizada por sua esposa) resultou no livro *Diário no sentido estrito do termo* cuja publicação foi justificada por se considerar que “as revelações sobre a personalidade deste importante cientista social poderiam trazer alguma contribuição para a avaliação de seu trabalho etnográfico”, ou seja, mostra quão significativa é a visão pessoal que o cientista tem do seu objeto de estudo.

(...) depois das revelações do diário ficou mais difícil para o antropólogo se apresentar como um ser totalmente destituído de classe, sexo, cor, opiniões, e etc., que não afeta e não é afetado pelo cotidiano do mundo dos seus pesquisados (...) Ele [o antropólogo] deve ser também humanizado em suas fraquezas e omissões” (...)⁶.

⁶ *Nos bastidores da pesquisa de campo revista cadernos de campo* Vagner Gonçalves da Silva, ano VII, n.7, 1998

1. OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo dessa dissertação são as classificações dos termos das proposições simples do português brasileiro e do italiano. Essas classificações que serão postas em contraste no presente trabalho a partir da descrição/prescrição de análises feitas em gramáticas de referência nas duas línguas e de obras de filosofia e lógica. Com isso, pretendi destacar as reminiscências da lógica a partir dos nomes dados às funções sintáticas e de sua definição.

1.1 Língua Portuguesa

Para a análise da nomenclatura da sintaxe da Língua Portuguesa foi utilizada a 39ª edição da *Moderna Gramática Portuguesa* publicada em 2019 de Evanildo Bechara, cuja primeira edição é de 1969. A escolha desta obra deve-se ao fato de que ela retrata a língua dos dias atuais nos mais diversos espaços sociais, seu autor ser um dos maiores gramáticos de nossa língua e por ser a referência fundamental nas bibliografias tanto dos cursos de Letras como de concursos públicos em todo o país.

Igualmente utilizamos a *Gramática de usos do português* (2011a) de Maria Helena Moura Neves. Essa gramática tem origem na observação da língua viva, isto é, nos usos correntes no Brasil e organiza as possibilidades de construção que estão sendo aproveitadas pelos usuários para a obtenção dos efeitos de sentido pretendidos. Por não ser uma gramática normativa, ela mostra as regras dos usos dos itens gramaticais partindo do princípio de que é no uso que os itens gramaticais assumem uma função. Foi estudada, sobretudo, a PARTE 1, *A formação básica das predicções: o predicado, os argumentos e os satélites* pois aí encontra-se a descrição no nosso objeto de estudo. Neves nesse livro não se aprofunda na sintaxe, pois segue os passos dos primeiros gramáticos gregos que ignoravam a sintaxe, tendo apenas como estudo as partes do discurso, ou seja, as classes gramaticais.

O exame das partes do discurso, porém, é característico do tratamento ontológico e lógico e, assim, é a grande construção da filosofia, no que concerne à linguagem. A gramática, procurando examinar fatos de língua, faz a histórica virada: trata as partes do discurso como classes de palavras. E é assim que a sintaxe é a grande ausente do quadro gramatical inicial. Valendo-se especialmente dos termos que os filósofos haviam cunhado, a gramática os põe, porém, noutra universo de relações (...) (Neves, 2005)

Como terceira gramática em Língua Portuguesa, foi usada a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, de José Carlos de Azeredo (2014). Essa gramática tem viés prescritivo (modelo de uso) e traz também informações sobre a evolução do conceito de gramática, recobrando a tradição pedagógica e o olhar contemporâneo da ciência da linguagem. Nela é enfatizada uma concepção moderna de estudo científico da língua e tem como proposta um ponto de equilíbrio entre a tradição e a renovação. Como o autor não dedica nessa obra tópicos específicos às funções sintáticas, utilizo, do mesmo autor, as obras complementares *Fundamentos de gramática do português* (2000) e *Iniciação à sintaxe do português* (1995).

1.2 Língua Italiana

Para a apuração da nomenclatura das sentenças em Língua Italiana, optamos pela 3ª edição (1999), da *Grammatica italiana con nozioni di linguistica*, de Maurizio Dardano e Pietro Trifone. Essa escolha mostra-se adequada, pois essa é uma gramática que descreve e analisa com precisão os fenômenos linguísticos de forma clara. Essa gramática estimula à observação da Língua Italiana, pois cada capítulo gramatical é seguido de algumas páginas de linguística, o que propõe novos pontos de vista sobre a língua. Foi para o nosso trabalho de fundamental importância as partes da obra dedicadas ao estudo da sintaxe da Língua Italiana, a saber, o capítulo 3 – **LA FRASE SEMPLICE**.

Também foi investigada a *Grande grammatica italiana di consultazione* que é, de acordo com a descrição da editora, “*un monumento alla lingua italiana*”. Esta gramática foi organizada por Lorenzo Renzi, Giampaolo Salvi e Anna Cardinaletti. Foi publicada entre os anos de 1988 e 1995, sendo a mais completa descrição da Língua Italiana e uma das gramáticas mais ricas de todo o mundo, segundo informação verbal de Evanildo Bechara.

Foi usada também a *Grammatica italiana di base* organizada por Pietro Trifone e Massimo Palermo. A opção por essa edição se deveu ao fato de ser uma gramática que procura esclarecer as dúvidas acerca dos usos linguísticos, explica as regras da Língua Italiana de maneira simples e com muitos exemplos.

1.3 Lógica

Para analisar as nomenclaturas dos termos da proposição em Língua Portuguesa e Língua Italiana a partir de suas reminiscências com a lógica foram usados os livros *Introdução à Lógica* de Cezar Mortari (2016), por ser um livro introdutório ao assunto do qual procurei articular uma relação com as análises da proposição linguística; *O Dicionário básico de filosofia* de Hilton Japiassu e Danilo Marcondes (1990), por ser um dicionário de filosofia, e, portanto, foi um facilitador na busca pelo significado das palavras nessa disciplina; e o livro *Convite à Filosofia* de Marilena Chauí (2005), essa escolha se deve ao fato de ser uma obra fundamental no estudo de filosofia.

1.4 Língua em textos escritos

Para a observação das línguas em seu uso, proponho a análise de textos escritos nas línguas portuguesa e italiana para fim de contrastar a classificação de como em ambas as línguas se podem analisar suas sentenças de acordo com as gramáticas de referência.

Em português brasileiro foi analisado o conto *Metafísica* (no anexo) de Luis Fernando Veríssimo, extraído do livro *Veríssimo antológico – meio século de crônicas, ou coisa parecida* (Objetiva, 2020, edição eletrônica, p.358). Esse autor foi o escolhido para a análise porque é lido quase diariamente por gerações de brasileiros desde 1969, ocupando as páginas dos jornais sempre com textos precisos, oportunos e relevantes. Veríssimo é um autor de referência, sendo um dos escritores mais lidos do Brasil. E se mantém atual pois viveu a revolução digital que transformou profundamente a comunicação. Mostramos a seguir o início do conto⁷:

Conta-se que um admirador de Albert Einstein foi visitar o mestre em sua casa e o encontrou estirado numa poltrona, com a cabeça para trás e os olhos fechados. Não querendo perturbar o aparente repouso do professor, o visitante sentou-se num canto e ficou esperando que ele acordasse. Passou meia hora, o professor continuava estirado na poltrona, a cabeça para trás e os olhos fechados. Foi quando o visitante viu um ratinho aparecer debaixo da mesa e dirigir-se para os pés de Albert Einstein. [...] (Veríssimo, 2020, p. 358).

Para o estudo da nomenclatura da sentença em Língua Italiana, foi escolhido o texto “*Il modello dei modelli*” (no anexo), extraído do livro *Palomar* (Mondadori, 2016, edição eletrônica, p. 120), de Ítalo Calvino. A escolha do texto deve-se ao fato de que, assim como LFV, Calvino é um autor de referência em Língua Italiana, sendo um dos mais influentes do

⁷ Um conto num livro de crônicas que se justifica, pois a fronteira entre conto e crônica é difícil de precisar em Luis Fernando Veríssimo, conforme apresentação no próprio livro em análise.

século XX. Especificamente, a escolha desse texto é motivada pelo fato de que o olhar do Sr. Palomar “volta-se para as coisas próximas do cotidiano” (apresentação da editora), assim como o nosso trabalho que se volta para o cotidiano das funções sintáticas.

Houve na vida do senhor Palomar uma época em que sua regra era esta: primeiro, construir um modelo na mente, o mais perfeito, lógico, geométrico possível; segundo, verificar se tal modelo se adapta aos casos práticos observáveis na experiência; terceiro, proceder às correções necessárias para que modelo e realidade coincidam. Esse procedimento, elaborado por físicos e astrônomos que indagam a estrutura da matéria e do universo, parecia a Palomar o único capaz de lhe permitir enfrentar os mais emaranhados problemas humanos, e em primeiro lugar os da sociedade e do melhor modo de governar (Calvino, 2002, p. 120, tradução: Ivo Barroso).⁸

Quase podemos ver o Sr. Palomar meditando na mesma posição em que o Einstein de Veríssimo: Sentado numa poltrona, olhos fechados, a cabeça voltada para trás. Nesse conto o Sr. Palomar está num mundo da metafísica assim como Einstein. Procurei selecionar textos nos quais houvesse alguma semelhança, porque, como se verá na metodologia:

os falantes de uma determinada língua, produzem, e ao mesmo tempo, usufruem de uma vasta gama de textos. Estes, na sua variedade, podem ser circunscritos a um número limitado de ‘tipos de texto’, ou seja, classe de textos que têm algumas características básicas comuns” (Pierini, 2004, p. 36).⁹

⁸ *Nella vita del signor Palomar c'è stata un'epoca in cui la sua regola era questa: primo, costruire nella sua mente un modello, il più perfetto, logico, geometrico possibile; secondo, verificare se il modello s'adatta ai casi pratici osservabili nell'esperienza; terzo, apportare le correzioni necessarie perché modello e realtà coincidano. Questo procedimento, elaborato dai fisici e dagli astronomi che indagano sulla struttura della materia e dell'universo, pareva a Palomar il solo che gli permettesse d'affrontare i più aggrovigliati problemi umani, e in primo luogo quelli della società e del miglior modo di governare [...] (Calvino, 2002, p. 120)*

⁹ *I parlanti di una data lingua sono produttori e, nello stesso tempo, fruitori di una vasta gamma di testi diversi. Questi, pur nella loro varietà, possono essere ricondotti a un numero limitato di "tipi di testo", cioè classi di testi che hanno in comune alcune caratteristiche di base.*

2 OBJETIVOS

O objetivo desta dissertação foi a realização de uma análise contrastiva da nomenclatura dos termos das proposições simples em Língua Portuguesa e Língua Italiana, à luz da Semiótica de Charles Peirce. A pesquisa visou investigar como os termos de sujeito e predicado são nomeados e estruturados em ambas as línguas, buscando identificar semelhanças e diferenças na forma como essas línguas organizam logicamente as proposições. A dissertação analisou as implicações dessas diferenças linguísticas, procurando contribuir para uma melhor compreensão do funcionamento lógico-linguístico de cada idioma.

2.1 Objetivo geral

O objetivo geral dessa dissertação é prosseguir com a pesquisa iniciada em 2008 por Carmem Praxedes, Bruna Trindade, Márcia Leal e Velaine Poço¹⁰, aprofundando o contraste da nomenclatura da categorização dos termos da sentença do italiano e do português brasileiro a partir da descrição/prescrição de análises feitas em gramáticas de referência nas duas línguas. A partir disso então, realizar uma leitura à luz da Semiótica de Peirce, pela relevância do seu caráter inferencial.

2.2 Objetivos Específicos

Para tanto, tem-se como objetivos específicos:

- Contrastar a nomenclatura da classificação dos termos da sentença da Língua Italiana e do Português Brasileiro a partir da descrição/prescrição de análises feitas em gramáticas de referência nas duas línguas;

¹⁰ PRAXEDES, Carmem; TRINDADE, Bruna; LEAL, Márcia, Poço, VELAINE. *Estudo contrastivo entre análise sintática portuguesa e análise lógica do italiano no período simples*. <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/15/11.htm> (acesso em 27/05/2021).

- Construir tabelas com as classificações dos termos da proposição simples em ambas as línguas;
- Traçar as semelhanças e diferenças entre as nomenclaturas da análise sintática das línguas portuguesa e italiana;
- Destacar as reminiscências que as categorizações sintáticas de ambas trouxeram da lógica aristotélica/estoica;
- Realizar uma reflexão a partir de uma visão Semiótica/Lógica da nomenclatura dos termos da proposição simples.

3 APORTE TEÓRICO

O aporte teórico desta dissertação baseia-se na Semiótica e na Lógica de Charles Peirce, com ênfase no processo de inferências, oferecendo as bases para uma análise profunda da nomenclatura dos termos das proposições simples em Língua Portuguesa e Língua Italiana. A lógica peirceana permite a compreensão dos diferentes níveis de representação do sujeito e do predicado nas proposições de ambas as línguas.

3.1 Semiótica e Lógica

Optou-se pela Semiótica de Peirce como aporte teórico, pois esse filósofo, considera a Semiótica como um outro nome para a Lógica. De acordo com Peirce, a lógica não se confina apenas ao estudo dos argumentos válidos e inválidos, isso seria apenas uma parte da lógica peirceana. Cabe à lógica estudar todas as formas concebíveis de relações racionalmente harmônicas entre todos os tipos de signos (Rodrigues, 2017).

A Semiótica de Peirce constitui assim, o embasamento teórico-metodológico propício à análise, pois, como faremos o contraste entre a nomenclatura da Língua Portuguesa e a da Língua Italiana, ambas serão analisadas como signos dispostos um no lugar do outro.

Hjelmslev chama a atenção para o fato de que há “o engano bastante difundido segundo o qual uma língua não passa de uma nomenclatura pura e simples, uma reserva de etiquetas destinadas a serem atribuídas a objetos preexistentes” (1975, p. 62). Línguas não são etiquetas, mas, em algum ponto, elas podem ser postas lado a lado e comparadas/contrastadas (como se verá no capítulo dedicado à metodologia). É isso que proponho fazer aqui.

A intenção desse trabalho foi valer-se da Semiótica de Peirce pois é inferencial: um conhecimento que leva a outro conhecimento e assim até o infinito.¹¹ No caso específico deste trabalho, as análises sintática e *logica* se distanciaram da sua origem comum: lógica e categorização aristotélica/estoica. Nesse sentido, tomamos Santaella (2005, p. 5) para explicar o motivo pelo qual usamos a Semiótica peirceana como aporte teórico, pois:

¹¹ “não há absolutamente uma primeira cognição de um objeto, mas, sim, que a cognição surge através de um processo contínuo” (Peirce, 2008: 261).

a teoria semiótica nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados. Permite-nos também captar seus vetores de referencialidade não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido, pois em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz.

Teseu foi a Creta como sacrifício ao Minotauro que habitava o labirinto construído por Dédalo. Um labirinto tão bem engendrado, que aquele se aventurasse através dele não mais conseguiria sair. Ariadne disse a Teseu que o ajudaria se ele a levasse a Atenas para que se casassem. Ariadne, então, deu-lhe uma espada e um fio de lã – o fio de Ariadne – para que ele pudesse achar o caminho de volta no labirinto, já que ela ficaria segurando uma das pontas. Teseu saiu vitorioso e partiu de volta à sua terra com Ariadne (Graves, 2018). O curso dessa dissertação foi como o de Ariadne na mitologia: puxaremos o fio da meada que nos faz traçar as origens comuns entre as análises sintática e *logica*: “Seus vetores de referencialidade num contexto estendido”, como dito por Santaella, pois procuramos depreender as marcas deixadas pela história nas análises sintática e *logica*. Porque aquilo que foi dito antes reverbera até os dias de hoje mantendo sua validade: “porque há vida nos conceitos, nas entrelinhas da imaginação antiga, nas inspirações que motivaram seus raciocínios”¹². Ou de forma mais enfática: “tudo aquilo sobre que se reflete tem um passado” (Peirce, 2008, p. 253).

3.2 O que é Semiótica?

A semiótica é o estudo dos sistemas de representação e comunicação que usamos para dar sentido ao mundo. A semiótica é aplicada em diversas áreas, como linguística, comunicação, artes e filosofia, ajudando a desvendar os mecanismos subjacentes à produção e compreensão de sentido das diversas linguagens.

3.2.1 Surgimento a partir da medicina

O conceito *semeiotiké* aparece, pela primeira vez, no contexto da medicina. Desde a

¹² Apresentação Luiz Costa Pereira J, Lauand, Jean Filosofia na “Língua Portuguesa”. Jean Lauand: São Paulo: Factash Editora, 2014.

Antiguidade, o diagnóstico médico é descrito como a “parte semiótica” da medicina. O médico grego Galeno de Pérgamo (139-199), por exemplo, classificou o diagnóstico médico como um processo de *semêiosis*. Aquilo que os antigos designaram como *semeiôtica*, portanto, ainda não era a teoria geral dos signos, mas uma de suas áreas específicas, a saber, o aprendizado médico dos sintomas. Na medicina dos séculos XVII e XVIII, a forma grega *semeiotica* se encontrava ao lado da forma latina *semiôtica* (desde 1490) (Nöth, 2006).

A Semiótica encontra sua ancestralidade na medicina, sendo entendida como diagnóstico de doenças (Nöth, 2008, p. 19). Na medicina clássica, a semiótica era a técnica do diagnóstico e da observação dos sintomas, isto é, dos sinais das doenças (Japiassu e Marcondes, 1990, p. 222). Ou seja, existem certas correspondências entre Semiótica geral e Semiótica médica, visto que ambas designam campos do saber que têm o escopo de investigar as marcas feitas pelos fenômenos. Ambas as palavras, Semiótica e Semiologia, podem ser encontradas em títulos de livros de medicina¹³.

A fim de corroborar a origem da Semiótica na medicina, cito Roland Barthes no livro *Uma aventura semiológica* (2001) em que há um capítulo chamado *semiologia e medicina* no qual ele alude ao *Nascimento da clínica* (1977), livro de Michel Foucault. Nesse, o autor relata que a clínica médica surgiu no século XVIII e que a prática principal é enquadrar o paciente numa normalidade a partir de um olhar objetivo: “os sintomas que significam e a doença que é significada” (p. XVIII).

3.2.2 Especificidades da Semiótica: campos de atuação

A diversidade de escolas que têm a Semiótica como disciplina faz com que cada campo de saber seja estudado sob olhares diversos. As diversas semióticas podem ser compreendidas, cada uma, como óculos de cores diferentes. Óculos que verão com cores distintas os diversos campos da comunicação, das artes visuais, a dança, a música, a arquitetura, o *design*. Um dos campos de saber da Semiótica é a Biossemiótica.

Biossemiótica sustenta que os sistemas perceptivos dos seres vivos lhes garantem a capacidade de representação do mundo, devendo ser compreendidos como sujeitos de sua existência, contrariando a visão segundo a qual os organismos seriam apenas produto da seleção de mutações ocorridas ao acaso.
(...)

¹³ Tomemos como exemplos: ROCCO, José Rodolfo. *Semiologia Médica*, Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2010; PORTO, Celmo Celeno. *Semiologia Médica*. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2019.

Os pesquisadores da biossemiótica, ..., estão interessados em recuperar os processos através dos quais coisas e seres passam a ser um sinal para o sistema perceptivo de outros seres vivos.

(...)

A ideia da existência de mundos particulares a cada espécie implica a observação e a pesquisa dos aspectos relacionais nos quais todo ser vivo está enredado (Silva, 2020)¹⁴¹⁵.

Visto que a Semiótica é uma disciplina que estuda as significações e que tudo gera um significado, seu campo de atuação é vastíssimo, no entanto, ela tem especificidades. Trata-se então de ver como um determinado campo de interesse pode-se aplicar à abordagem Semiótica:

(...) por ser uma teoria muito abstrata, a semiótica só nos permite mapear o campo das linguagens nos vários aspectos gerais que as constituem. Devido a essa generalidade, para uma análise afinada, a aplicação semiótica reclama pelo diálogo com teorias mais específicas dos processos de signos que estão sendo examinados (Santaella, 2005, p. 6).

No *Tratado geral de Semiótica* (1991b), Umberto Eco delinea os limites políticos dos campos de atuação da disciplina. Assim, tem-se a *Zoossemiótica* que considera o comportamento comunicativo de comunidades não-humanas, ou seja, não-culturais, no limite que o homem é capaz de compreender o significado do comportamento dos animais como o explicitado por Benveniste (1976, p. 60). Outro campo semiótico ao qual Eco faz referência é o estudo dos *Sistemas Olfativos* “que salientam quando menos a existência de odores a funcionar como índices ou indicadores prossêmicos” (1991b, p. 7). Temos a tendência de nos aproximarmos dos bons aromas e de repelir os ruins. No livro *O Perfume* (1996), Patrick Süskind conta a história de Jean-Baptiste Grenouille, cuja monstruosidade caiu no esquecimento, pois sua genialidade e ambição se concentrava no reino fugaz dos perfumes. Há também os estudos das *Ideologias* como “conjunto de ideias, princípios e valores que refletem uma determinada visão de mundo, orientando uma forma de ação” (Japiassu e Marcondes, 1990, p. 127). Para a Semiótica de vertente francesa, ideologia é “a busca por um objeto de valor, a busca pela conjunção do sujeito com o seu objeto de predileção” (Portela, 2019, p.135).

Também há “o estudo da *Comunicação Tátil*, que considera comportamentos sociais como o beijo, a abraço, o tapinha nas costas” (Eco, 1991b, p. 7). Como os dois beijos que os cariocas têm o costume de dar e causam estranhamento aos brasileiros das outras regiões do Brasil que não têm esse hábito. “Os códigos do paladar, indubitavelmente presentes nos costumes culinários (Eco, 1991b, p. 7)”. Cada região tem seus hábitos alimentares e que podem

¹⁴ <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1085>

¹⁵ Para aprofundamento na questão da biossemiótica indicamos a leitura de Vírus *semiosis*: uma entrevista com Kalevi Kull por Winfried Nöth, 2020 in <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/53396/34867>; Gláucia Silva (2020): SELEÇÃO NATURAL E BIOSSEMIÓTICA BIOLOGIA E ANTROPOLOGIA SE RENOVAM (<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1085>).

também causar estranheza, como, por exemplo, nós aqui no sudeste do Brasil, estranhamos quando sabemos que no Pará tem-se o hábito de comer açaí misturado ao arroz.

Seguindo com a enumeração dos campos da Semiótica, há a *Paralingüística* que contém os aspectos não verbais que acompanham o verbal e que transcendem à própria fala: o tom e o volume de voz, o ritmo da fala, as pausas, também chamados de traços suprasegmentais:

(...) estuda aqueles traços antes denominados supra-segmentais (ou variantes livres), que corroboram a compreensão dos traços lingüísticos propriamente ditos; e, ainda, esses traços supra-segmentais aparecem cada vez mais segmentados, ou pelo menos segmentáveis, conseqüentemente institucionalizados ou institucionalizáveis, de modo que, hoje, a paralingüística estuda (valendo-se da mesma precisão com que antes se estudavam as diferenças entre fonemas) as várias formas de entonação, a ruptura do ritmo da elocução, o soluço, o suspiro, as interjeições vocais, os murmúrios e os gemidos interlocutores, e estuda até mesmo como linguagens articuladas aqueles sistemas comunicativos que parecem baseados em puras improvisações entonatórias, como as linguagens assobiadas, ou em uma sintaxe rítmica desprovida de teor semântico, como as linguagens de tambor (Eco, 1991b, p. 7).

3.2.3 Semiótica e/ou Semiologia

Para desfazer a imprecisão de que a Linguística estuda as linguagens, destaco que essa confusão também se dá pelo fato de a língua inglesa dispor apenas da palavra *language* para se referir tanto às línguas como às linguagens em geral (Weedwood, 2002, p. 9, nota de rodapé). Assim enfatizo que Linguística e Semiótica são dois campos distintos, mas que se interseccionam.

Qual é a diferença entre Semiótica e Semiologia? Essa foi a pergunta que fiz à orientadora durante uma reunião para fins de orientação na iniciação científica e que me empurrou para o primeiro passo nessa minha aventura Semiótica.

Tanto o termo semiótica quanto o termo semiologia têm as raízes de suas constituintes iniciais e principais nas palavras gregas *semēion*, “signo”, e *sema*, “sinal”, “signo”. Tal como a gramática e a aritmética ou a biologia e a filologia, que são campos de estudos de diversas áreas de conhecimento humano, a semiótica e a semiologia, nas suas origens, são os campos de estudo dos signos e dos sinais (Noth, 2006).

A definição geral de Semiótica é: “a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido” (Santaella, 1985, p. 15). Uma possível diferença entre Semiótica e Semiologia pode ser explicada a seguir:

O termo Semiologia passou a ser adotado pelos lingüistas da linha saussureana (sobretudo os latinos) para designar a mesma ciência que ingleses e alemães conceberam com o nome de Semiótica. Começou-se, então, a pensar numa diferença entre as duas ciências. Uma das propostas seria considerar a Semiótica como ciência

geral dos signos, incluindo os verbais e não-verbais, ao passo que Semiologia serviria, unicamente, para os signos humanos, culturais e sobretudo os textuais. Esta distinção foi oficializada pela Associação Internacional de Semiótica, em 1969, que, por iniciativa de Roman Jakobson, adotou a Semiótica como ciência geral, a metateoria da qual dependeriam as semióticas-objetos, tanto a lingüística, como as não-lingüísticas. Dessa forma, a lingüística seria um ramo da semiótica. Foi, no entanto, o lingüista dinamarquês Louis Hjelmslev que, reinterpretando o pensamento saussureano, permitiu a outros o estabelecimento dos limites da Semiótica em oposição à Semiologia. Esta seria o estudo do signo, enquanto que Semiótica seria o estudo da significação, entendida como a função semiótica e somente perceptível no interior de um sistema de signos, verbais, não-verbais e compósitos ou sincréticos (Batista, 2016, p.62).

São muitas as linguagens. Algumas pessoas sabem e conseguem dançar, cantar ou pintar. Para se construir um prédio são necessários, primeiramente, arquitetos e engenheiros. Alguns outros escrevem músicas. Entretanto, nós, humanos, mesmo não dotados de certas especificidades, somos capazes de nos comunicarmos através da linguagem verbal (falada e escrita). Aqueles que não constroem edifícios, não compõem músicas, não sabem dançar e até os que não tiveram acesso à educação formal comunicam-se por meio da fala. A comunicação verbal é tão primordial que há quem defina a Linguística como ciência que estuda as linguagens. Essa definição gera um nó complicado de ser desfeito: a confusão entre língua e linguagem. Além disso, dentro da linguagem escrita, ainda há a Literatura. A linguagem verbal não é a única e exclusiva forma de linguagem. Assim, há as linguagens:

- Verbais: as línguas oral e escrita;
- Não-verbais: a movimentação das mãos, as expressões faciais, a linguagem corporal, incluindo posturas, gestos, placas, pinturas, dança.

Nós, humanos¹⁶, somos tão complexos que nossa história nos mostra que precisamos de uma variedade enorme de linguagens, nas quais dentro delas mesmas há uma grande variedade, para nos entendermos e nos fazer entender. Um exemplo disso pode ser depreendido dos tipos de arquitetura: ao vermos a fotografia de uma construção podemos inferir sua origem e o período em que foi construída. A arquitetura deixou sua marca historicamente referenciada no edifício construído. Outro exemplo são as artes plásticas: ao contato com uma pintura podemos inferir em que período, o lugar e quem a produziu. Apesar dessa força comunicativa das demais linguagens, nosso principal meio de comunicação é a linguagem verbal, por isso somos

¹⁶ Há aqui a pressuposição de que os não-humanos têm linguagem. Em uma ocasião pude observar a comunicação entre saguis: um deles caíra da árvore, outro que "testemunhou" a queda começou a gritar, e em pouco minutos apareceram muitos outros saguis também gritando. Lamentavelmente o que caiu da árvore não sobreviveu. Os gatos quando deixam seu cheiro em nós comunicam a outros gatos a posse do território. Há estudos que defendem que há comunicação entre plantas (<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/04/a-ciencia-comprova-as-plantas-podem-falar>). Quando no texto falo "Nós, humanos", lembro-me de uma conversa com colegas na qual surgiu a pergunta: "se uma árvore cai na floresta e não há quem a escute, ela fez barulho?" Sim, mas o som não será um signo. Então fui chamada a atenção para o fato de que animais também tem a percepção da queda da árvore. Propus, então, a delimitação a pessoas.

condicionados a crer que sejamos a única espécie que se comunica, apenas porque não “ouvimos” quando espécies não-humanas falam entre elas.

3.3 Semiótica de Peirce

Não é o signo o objeto de estudo da Semiótica peirceana, mas a semiose. Peirce adotou dos estoicos o termo *semiosis* (σημείωσις) (Noth, 2021). “A definição de semiose de Peirce afirma que semiose é o estudo da ‘ação do signo’, a saber, a ação de ser interpretado” (Noth, 2021). A base do signo para Peirce é uma relação triádica entre três elementos os quais são os fenômenos da primeiridade, da secundidade e da terceiridade:

A primeiridade está relacionada com as ideias de acaso, oriência, originalidade, presentidade, imediaticidade, frescor, espontaneidade, qualidade, sentimento, impressão; a secundidade, com as ideias de ação e reação, esforço e resistência, conflito, surpresa, luta, aqui e agora; a terceiridade, com as ideias de generalidade, continuidade, crescimento, aprendizagem, tempo, evolução (Santaella, 2004, p. 31).

A primeiridade é a primeira impressão antes que se faça qualquer interpretação sobre o objeto: é a qualidade. É o azul do céu sem o céu, por exemplo. Secundidade é a corporificação. É a coisa no seu lugar. É o azul no/do céu. É a qualidade encarnada na matéria (Santaella, 1985). A terceiridade é a inteligibilidade: é a racionalização. É a representação de que se não chover, o céu estará azul.

3.3.1 Teoria do signo

São três os elementos do signo definidos por Peirce: o *representamen* é o primeiro que se relaciona com o objeto, gerando um terceiro, o interpretante. O *representamen* é aquilo que é perceptível. É o que traz para a mente algo de fora. É correlato ao significante de Saussure. É a nuvem no céu que indica que vai chover.

O objeto é a coisa material da qual temos o conhecimento perceptível ou imaginável, mas pode ser também um pensamento. Na definição de signo que adotamos aqui “aquilo que representa algo para alguém sob certos aspectos ou modos”, o objeto é o algo. No exemplo da nuvem de chuva no céu indicando que vai chover, o objeto é a chuva.

Peirce reconheceu duas espécies de objeto. O objeto mediato, também chamado objeto real ou dinâmico, é o que o signo substitui. Em geral, levando-se em conta as línguas naturais, objeto dinâmico é sobre o que se fala. Por exemplo, se eu falar “fui à farmácia e me pesei na balança”. O objeto dinâmico, ou real, foi a balança sobre a qual me pesei.

O objeto imediato é aquele cuja existência depende do signo. É a representação mental de um objeto. Só temos acesso a ele através do objeto dinâmico. É o “modo como o signo representa, indica, se assemelha, sugere, evoca aquilo a que ele se refere” (Santaella, 2005, p. 15).

O interpretante é o efeito do signo. É, grosso modo, a imagem criada na mente do intérprete. Retomando o exemplo anterior, o interpretante é a balança criada na mente de quem me ouve falar.

Um exemplo singelo para essas definições pode ser o filme *Amadeus*¹⁷ (Miloš Forman, 1984), que tem Wolfgang Amadeus Mozart, representado no filme pelo ator Tom Hulce, como um de seus personagens principais. Ao ver esse filme, apenas podemos imaginar o quanto da obra cinematográfica tenha realmente acontecido¹⁸. Por exemplo, a inveja, nunca comprovada historicamente, que Antonio Salieri (representado no filme por F. Murray Abraham) sentia por Mozart. Podemos então deduzir que o Mozart que vemos no filme é a representação (o *representamen*) de um Mozart que teve sua existência real, ou seja, é o objeto. A ideia que fazemos do Mozart real a partir da sua representação no filme é o interpretante.

3.3.2 Semiótica e cognição

Na Semiótica de Peirce, o processo cognitivo se baseia na inferência. Há três artigos, que são conhecidos entre os comentadores de Peirce pelo nome de *Cognition Series* (Série Cognitiva). Os artigos são: “Questões relativas a certas faculdades reivindicadas pelo homem” (1868), “Algumas consequências de quatro incapacidades” (1868), e “Fundamentos da validade das leis da lógica: outras consequências de quatro incapacidades” (1869).

Peirce (2005, p. 260-261) postulou as seguintes incapacidades da mente humana:

1. Não temos poder algum de Introspecção mas sim, todo conhecimento do mundo interno deriva-se, por raciocínio hipotético, de nosso conhecimento dos fatos externos.

¹⁷ https://www.youtube.com/watch?v=qt8NZZ_6nqY

¹⁸ A maioria das pessoas não gosta de filmes musicais porque não veem nisso verossimilhança, pois não é algo que acontece na vida real, esquecem-se que a obra cinematográfica é uma ficção, até documentário é uma ficção se levarmos em conta que é uma história real filtrada pela subjetividade do diretor.

2. Não temos poder algum de Intuição mas, sim, toda cognição é determinada logicamente por cognições anteriores.
3. Não temos poder algum de pensar sem signos.
4. Não temos concepção alguma do absolutamente incognoscível.

Aplicando-se os quatro postulados ao problema proposto na presente dissertação, considerando-se apenas a análise sintática, seria o mesmo que apreender algo a partir do incognoscível, já que ela é derivada da categorização aristotélica/estoica, algo pouco visto na graduação em Letras. A dedução como raciocínio necessário, ou seja, a aprendizagem da análise sintática é dedutiva, pois as categorizações aristotélicas seriam o conhecimento prévio que facilitaria sua aprendizagem.

(...) sinequismo de Peirce, a teoria de que tudo é contínuo. Cognição é um processo mental que ocorre num fluxo contínuo. Os pensamentos e as percepções nunca são puramente espontâneos e totalmente alheios aos anteriores. Nenhuma cognição é inteiramente nova, já que todas as cognições são determinadas por cognições anteriores (Noth, 2021).

Peirce se opôs às categorias aristotélicas por julgar que não são gerais, formais e universais (Santaella, 2004, p. 29). Essa discussão não foi tratada aqui. Nosso trabalho não foi o de valorizar uma categorização em detrimento de outra.

3.4 Do Signo à semiose

A definição de signo como “uma coisa no lugar de outra sob certos aspectos ou modos” (Santaella, 1995) pode ser entendida como um conhecimento que conduz a outro conhecimento. Já a semiose pode ser definida, de modo muito simples, como a transformação de um conhecimento em outro, ou um saber que leva a outro saber. Por conseguinte, podemos compreender que a semiose acontece a partir da relação de um signo com outro signo que gera um terceiro. A semiose, assim, começa com o signo e as suas relações de inferência.

Inferência é o “processo lógico de derivar uma proposição da outra, ou de se obter uma conclusão a partir de determinadas premissas, de acordo com certas regras operatórias” (Japiassu e Marcondes, 1990, p. 133). A inferência se dá na relação com um fato, um conhecimento anterior. Logo, a falta do conhecimento da ancestralidade dos estudos de língua pode fazer com que haja dificuldades em apreender sua nomenclatura e suas definições.

Há a necessidade de se fazer presente no texto um relato pessoal para ilustrar o meu ponto de vista de que seria mais enriquecedor para os estudos de língua se houvesse acompanhado a esses estudos de filosofia: Certa vez na quinta série, atual sexto ano, fizemos um exercício em

que tínhamos que classificar os substantivos em concretos ou abstratos. A professora explicou que os substantivos concretos são os que se podem pegar e os abstratos os que não se podem pegar¹⁹. Daí, no exercício constava a palavra *nuvem*. Olhei pela janela, vi uma nuvem fofinha no céu, lamentei que não a pudesse pegar. Então no exercício classifiquei o substantivo *nuvem* como abstrato. *Bruxa* foi uma outra palavra. Não se pode pegar uma bruxa, pois elas não existem²⁰. Então esse substantivo seria no meu entendimento, de acordo com a explicação da professora, abstrato. Qual não foi minha surpresa quando na correção ambos os substantivos foram classificados como concretos. Só no pré-vestibular fui compreender a diferença entre ambos: o substantivo concreto tem existência própria e o substantivo abstrato “precisa” de um outro ente para existir, ou seja, essa é uma definição ontológica. Como ensinar para crianças de 11 ou 12 anos o conceito tão complexo como o *ser*?

Em entrevista concedida por Evanildo Bechara a alunos de pós graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e publicada pela Dialogarts (2020), o filólogo afirma que “a NGB precisa hoje de uma revisão, não somente porque novos conceitos teóricos foram introduzidos, mas também porque os pesquisadores melhoraram a descrição linguística, o que, naturalmente, tem reflexo em propostas novas da NGB” (2020, p. 61) e que “a nomenclatura deve estar sempre na preocupação de toda pessoa que estuda a Língua. Principalmente das pessoas que estudam a Língua dentro de princípios científicos” (2020, p. 64).

Há toda uma bagagem filosófica por trás das definições das nomenclaturas em Língua Portuguesa que é ignorada, inclusive na graduação em Letras. É como se fossem conceitos soltos, autogerados. Mal se fala na graduação em Letras das origens filosóficas dos estudos da linguagem e da Linguística. Quando se fala *isso que você está dizendo não tem lógica*, pode-se pensar que se está falando do significado do que se quer dizer.

3.4.1 Semieiose

A semiose é um processo ininterrupto que vai e volta, pois de acordo com Peirce, regride infinitamente em direção ao objeto dinâmico e progride infinitamente em direção ao

¹⁹ Recentemente, ouvi meu sobrinho de oito anos dando essa mesma explicação.

²⁰ Até então eu não conhecia o contexto histórico envolvendo as bruxas. Na época, bruxas eram para mim personagens de contos de fadas.

interpretante final (Santaella, 2005). Sendo que objeto dinâmico, também chamado de objeto mediato, objeto sem uma mediação, é o objeto real, o objeto que existe fora de sua representação. É a *coisa em si*²¹ da qual falava Kant (2012). Interpretante final é o signo que traduz o significado do primeiro “a partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto e produz-se na mente interpretadora um outro signo” (Santaella, 1985, p. 79).

Se levarmos em consideração que tudo a nossa volta são signos, visto que tudo remete a algo com o qual (possivelmente) já nos tenhamos deparado antes, pode-se concluir, assim, que fazemos semiose em todos os momentos da nossa vida cotidiana, inclusive quando dormimos e sonhamos.

“Tudo remete a algo com o qual já nos deparamos antes” é o caráter inferencial. É acordar e não se espantar com as cortinas na janela, com o gato enrodilhado nas suas pernas e com o abajur na cabeceira da cama, pois já se tem o conhecimento dessas coisas do mundo. Diferente seria se você acordasse e, ao se dar conta da presença do gato, pensasse num breve instante: “é o gato”, para no instante seguinte lembrar-se de que você não mora com um gato em casa. Mas você sabe o que é um gato pois já tivera o contato com esse conhecimento anteriormente.

Agora imagine que você abra os olhos e veja algo que nunca vira antes. É o primeiro contato que se tem com aquela coisa estranha. Não há uma inferência a ser feita, pois não há na sua bagagem de conhecimento algo com o que se relacionar sobre a coisa. “O processo de semiotização se configura como exercício permanente do pensar e do produzir signos” (Machado, 2016, p. 14). Assim, nesse processo simples, mas complicado de ser explicado, o próprio pensamento é ele mesmo um signo, pois carrega em si os processos anteriores que fazem você chegar ao saber que ao acordar está no seu quarto com um gato, seu abajur e as cortinas na janela.

É um signo, por exemplo, o pensamento que você tem para achar um filme bom ou não, pois sua bagagem de conhecimento, experiência anterior (outros, filmes, conversas, leituras, e uma infinidade de outras coisas) formam o seu pensamento-signo. O pensamento é um signo, pois é formado pelas experiências anteriores, e por isso pode ser dissecado e analisado em suas partes.

As formulações a respeito das significações mergulham no campo interpretante das inferências. “A investigação de um problema semiótico acompanha os passos e as possibilidades do difícil processo de construção do sentido de modo a alcançar os ângulos do pensamento prismático” (Machado, 2016, p. 15), ou seja, relacionar um saber a outro saber. É

²¹ “A coisa que não está submetida às condições do conhecimento é a coisa em si” (Kant, 2012).

como se puxássemos o fio invisível de Ariadne que liga um saber a outro para chegarmos ao ponto em que estamos no conhecimento das coisas.

Olho para minha mesa de trabalho e, entre muitas coisas, há o livro *Semiótica Aplicada* (Santaella, 2005). Como esse livro veio parar aqui? Por que ele está nessa mesa agora? Por que e quando ele foi adquirido? Qual a história desse objeto/livro em particular? Tudo isso compõe o processo de semiose que me faz não estranhar a presença desse livro-signo. Isso tudo é a inferência/semiose desse objeto. Se puxássemos mais esse fio, poderíamos chegar a pensar que a simples presença desse livro aqui e agora tem em si a história de todos os livros anteriores a ele: os livros publicados no Brasil, os da sua autora, o do seu tema, e dos outros livros que o acompanham na bibliografia dessa dissertação.

3.4.2 Lógica e inferência

“Peirce deu-se conta de que não há pensamento que possa se desenvolver apenas através de símbolos. Nem mesmo o raciocínio puramente matemático pode dispensar outras espécies de signos (Santaella, 2005, p. 3)”. Assim, há aí uma explicação para um dos incômodos que me motivaram a propor o presente trabalho: os estudos das proposições a partir do estudo da lógica e das categorias aristotélicas/estoicas. O conhecimento prévio da lógica e das categorizações para o entendimento da análise sintática é dedutivo: um conhecimento geral do qual (lógica) se deprenderia um conhecimento específico (sintaxe).

3.5 O que tudo isso tem a ver com o presente trabalho?

Como vimos, o signo é o ponto de partida para a semiose. E a semiose é inferência. Desse modo a lógica e categorizações aristotélicas cabem como inferência para as análises sintática e *lógica*.

“Qualquer evento mental sem exceção, é um processo inferencial”²². Assim, a falta do conhecimento de Filosofia e da História da Língua Portuguesa e das Línguas Neolatinas, em

²² Semiose: o interpretante e a inferência de Charles Sanders Peirce, Luis Antonio Mopi Lafuente, João Pessoa – PB, 2016 (dissertação de mestrado).

geral, pode fazer com que os estudos de Língua Portuguesa sejam apenas decorar nomenclatura sem, no entanto, saber por que são como são. Há a falta de algo com que fazer inferência. Isso pode ser corroborado por Peirce, para quem “não há cognição imediata (intuição) do objeto conhecido, pois todo e qualquer conhecimento é mediado pelo signo e por conhecimentos anteriores” (Lafuente, 2016, p. 6), ou seja, “cada cognição é logicamente determinada por outras anteriores” (Nöth, 2021, p. 51).

Partindo da reflexão de Peirce “toda cognição é determinada logicamente por cognições anteriores” (2008, p. 261), ou seja, um conhecimento que leva a um outro conhecimento assim como as sinapses neurais, a análise sintática deveria ser uma cognição apoiada num campo de conhecimento anterior: a lógica e as categorias aristotélicas. Por exemplo, a Lógica inferencial: um conhecimento que se liga a outro, gerando, assim, um novo conhecimento: a significação. Essa necessidade de um conhecimento prévio que leva a outro pode justificar a interferência da língua materna no momento da aprendizagem de uma língua adicional. A inferência nos estudos de língua pode ser percebida quando há interferência da língua materna ao se aprender uma língua adicional.

3.5.1 A filosofia como inferência na análise sintática e *analisi logica*

De acordo com Peirce “toda a filosofia encara o universo existente como uma performance que se originou de uma habilidade anterior” (2008, p. 121). Assim, como é adotado nesse trabalho que o conhecimento de lógica e a categorização aristotélica são inferências para o estudo de análise sintática, pois essas estão em um *continuum*, pensamos que seja válida a análise contrastiva entre a *sintaxe* e a *logica*, pois isso pode ser o fio de Ariadne que mostrará a conexão entre a lógica e análise sintática.

Como o aporte teórico dialoga com o trabalho de análise contrastiva das nomenclaturas da análise sintática e *analisi logica*? Esse diálogo acontece a partir da definição de signo de Peirce com análise contrastiva das nomenclaturas da análise sintática e *analisi logica*. Há diálogo no que diz respeito à semiose inferencial desse filósofo, na qual um conhecimento leva a outro conhecimento. Assim, o conhecimento de lógica e categorização aristotélica seriam inferências à análise sintática e *analisi logica*, pois essas duas são provenientes daquelas. Um conhecimento que leva a outro e que leva a outro, e assim até o infinito.

4 METODOLOGIA

A metodologia desta dissertação baseia-se na análise contrastiva de Robert Lado, que busca comparar dois sistemas linguísticos para identificar semelhanças e diferenças. Aplicando essa abordagem às proposições simples em Língua Portuguesa e Língua Italiana, a pesquisa examina as nomenclaturas de sujeito e predicado, investigando como essas estruturas se articulam nos dois idiomas. A análise é guiada pela Semiótica de Peirce, usando suas categorias de signos para interpretar as distinções linguísticas e suas implicações semióticas.

4.1 Análise Contrastiva

A linguística contrastiva surgiu na segunda metade do século XX, tendo sua data de nascimento fixada em 1957, com a publicação de *Linguistics Across Cultures* (1957)²³, de autoria de Robert Lado, e tem um escopo descritivista que visa a confrontar duas línguas sincronicamente, a fim de destacar semelhanças e diferenças. No livro, Robert Lado não faz distinção entre comparação e contraste. A metodologia se chama *Linguística Contrastiva*, no entanto, no corpo do texto ele usa a palavra *comparação* para se referir ao modo como se deve aplicar o método. A Linguística Contrastiva não deve ser confundida com a Linguística Comparada, visto que essa última é o ramo surgido no século XIX que compara duas línguas com o propósito de se identificar um parentesco comum, tendo assim, um viés diacrônico.

Comparar é uma atividade praticada normalmente com o objetivo de tornar evidente semelhanças e diferenças, ou para expressar algum valor. Várias entidades linguísticas podem ser comparadas com diversas finalidades, como, por exemplo, auxiliar no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira ou em trabalhos de tradução (Pierini, 2004, p. 8). A linguística contrastiva define-se como a disciplina que explicita o funcionamento diversificado, mas equivalente das línguas. O termo *contrastivo* pode ser entendido como uma diferença de algo comum entre uma língua A e uma língua B. Assim como inicialmente comparado por Praxedes et al. (2008).

²³ No Brasil o livro foi publicado pela editora Vozes sob o título: *Introdução à linguística aplicada*, 1971.

O que é comparável pode ser definido a partir do que é invariável, a equivalência, que torna possível destacar, delimitar e descrever o que é variável. A Linguística Contrastiva confronta duas línguas diferentes, destacando e descrevendo similaridades e diferenças. Primeiramente, seleciona-se um nível de análise e depois verifica-se se uma determinada categoria gramatical presente na língua de partida que também se encontra presente na língua de chegada (Pierini, 2004).

A Linguística Contrastiva une uma perspectiva interlinguística a uma análise profunda de um dado fenômeno em duas línguas. Como as línguas são sistemas complexos, o único modo para compará-las é analisar uma área de cada vez. Portanto, a Linguística Contrastiva pode oferecer uma contribuição significativa à descrição de ambas as línguas aqui em foco (Pierini, 2004).

O livro de Robert Lado tem o escopo de preparar materiais didáticos e professores para o ensino de língua estrangeira. Aqui, utilizaremos o método com a finalidade de comparar e descrever as semelhanças e diferenças entre as classificações dos termos da análise sintática e *logica* das Línguas portuguesa e italiana.

4.1.1 Análise contrastiva e Semiótica de Peirce

A análise contrastiva de Lado é paradigmática, pois descrevendo as estruturas gramaticais descrevem-se também as propriedades que sistematicamente transmitem sentidos e relações (Lado, 1971, p. 79). Nessa dissertação, a nomenclatura e a descrição das análises sintática e *logica* são colocadas lado a lado.

Há, portanto, pontos de conexão entre as teorias de Peirce e Lado. Por exemplo, a análise contrastiva de Lado pode ser vista como uma aplicação prática dos princípios da Semiótica de Peirce, especialmente no que diz respeito à compreensão dos signos e de como eles funcionam em diferentes línguas. Ambas as teorias focalizam a forma como os signos são usados para transmitir significado e como a compreensão desses signos pode afetar a comunicação entre as pessoas. Portanto, é possível encontrar pontos de diálogo entre essas duas abordagens, especialmente quando se considera seu foco comum na linguagem e na comunicação.

4.1.2 Análise contrastiva específica nesse trabalho

Nesse trabalho são feitas três confrontações: das nomenclaturas das análises sintática e *logica* com a definição da lógica clássica. Depois foi feita a confrontação de como seria a categorização das sentenças nas duas línguas.

A comparação das classificações dos termos das sentenças foi realizada em 3 etapas.

1. Classificação da sentença em Língua Portuguesa e depois disso, o contraste com classificação da sentença em Língua Italiana a partir da sua nomenclatura;
2. Retomada a origem da classificação pela filosofia;
3. Descrição das reminiscências nas duas línguas neolatinas nos textos propostos a partir da nomenclatura e descrição das funções sintáticas.

Desse modo, a análise contrastiva realizada no presente trabalho dialoga com a Semiótica de Peirce no que concerne à inferência como pressuposição, pois, para esse filósofo, para que haja a cognição é necessário um conhecimento prévio que viabiliza a semiose. Nesse sentido, a depuração obtida pela análise contrastiva aqui empreendida, foi tida como aspecto inferencial que possibilitaria a compreensão da nomenclatura dos termos da proposição.

Para que um texto seja compreendido, são acionadas na mente do intérprete informações de seu conhecimento prévio do mundo. Para a compreensão da nomenclatura dos termos da sintaxe, seria possível empregar o percurso histórico da análise sintática, sua origem e relação com lógica clássica.

5 UM POUCO DA HISTÓRIA DA GRAMÁTICA

Borges Neto no artigo intitulado *Gramática e lógica* (2016) conta um pouco da história da Gramática:

O primeiro tipo de lógica é conhecido como “lógica aristotélica” e foi a única lógica conhecida até fins do século XIX. Surge na antiguidade como uma “teoria da demonstração”, que buscava avaliar os raciocínios e os argumentos em busca de uma “verdade” mais segura. Começa a ser construída por Aristóteles e vai ser desenvolvida e aperfeiçoada pelos estóicos, pelos filósofos medievais, até receber uma formulação que pode ser considerada definitiva pelos senhores de Port Royal, no século XVII. Em nossos dias, esse tipo de lógica não é mais utilizada e só tem interesse histórico.

Uma de suas características está em ter sido construída a partir do conhecimento acumulado, no tempo de Aristóteles, sobre a língua grega. Aristóteles constrói um modelo de análise linguística (rudimentar, frente ao nosso conhecimento atual) como base para seu modelo de análise lógica. E é justamente essa análise linguística rudimentar que vai constituir a base para o desenvolvimento da gramática.

Aristóteles e seus seguidores atribuem aos enunciados gregos uma estrutura tripartite – sujeito, cópula e predicado (ou atributo) – e a partir dessa estrutura constroem o núcleo da lógica (a teoria do silogismo categórico). Com base na distinção nas diferentes formas de predicação, Aristóteles estabelece um conjunto de Categorias.

(...)

Por esse procedimento [perguntas e respostas: quem possui? Possui o que?], Aristóteles vai compor uma lista de categorias, entendidas como tipos de termos. Como Aristóteles sempre toma por base a linguagem natural (língua grega, no caso), tanto para listar as espécies de perguntas quanto para estabelecer as respostas possíveis, não é difícil entender como de suas Categorias chegamos às classes de palavras (ou partes do discurso) reconhecidas pela Gramática Tradicional.

(...)

as estruturas sintáticas e a classificação das palavras foram sendo identificadas primeiramente para fins da lógica. Filósofos e gramáticos interessados nas línguas e não na lógica usaram, subsidiariamente, as noções da lógica para construir gramáticas.

(...)

Dessa forma, embora tivessem outros objetivos, as gramáticas da antiguidade basearam-se fortemente na teoria linguística construída pelos lógicos. (...) a gramática greco-latina é subproduto da lógica aristotélica.

(...)

As gramáticas ditas “tradicionais”, ainda em nossos dias, mantêm-se fiéis à teoria (ou, como querem alguns, à doutrina gramatical) das gramáticas da antiguidade e, conseqüentemente, a seu suporte lógico-linguístico.

A península ibérica, onde se encontra Portugal, e a península itálica foram colonizadas pelo império romano que, por sua vez, importou a filosofia de uma outra colônia sua, a Grécia, levando essa disciplina para terras colonizadas. No que lhe concerne, o Brasil foi colonizado por portugueses que trouxeram para cá parte de sua cultura.

O fato de a gramática ser oriunda da lógica aristotélica, por si só já torna evidente que temos a ascendência da tradição greco/latina. Embora a *analisi logica* em Língua Italiana também seja de origem greco/latina há pontos de divergência entre ela e a em Língua Portuguesa.

Quando as questões envolvendo a língua se afastaram da lógica? Com Apolônio Díscolo.

(...) afirmando que a exposição compreenderá a construção (*syntaxis*) das palavras, feita em vistas à congruência (Aristóteles) da oração perfeita. A sintaxe, na verdade, abarca todos os níveis, constituindo o conjunto de regras que regem a síntese dos elementos, sob o princípio básico de que a língua é uma série de elementos relacionados. Entretanto, é a oração completa (o *autotelês lógos*), que é o domínio da sintaxe, porque nela existe a congruência ou coerência, obtida apenas quando nome e verbo se juntam (Neves, p. 70-71, 1993).

A filosofia/lógica se ocupou apenas de sujeito e predicado. É Apolônio Díscolo quem primeiro se ocupa da sintaxe. Ele empreendeu os estudos da sintaxe, ou seja, a relação entre os elementos da língua grega que antes se voltava apenas para os elementos da oração, isto é, para as classes de palavras.

6 ANÁLISE CONTRASTIVA DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA ITALIANA

A seguir, tem-se início a exposição dos quadros com as definições de sujeito/*soggetto* e predicado/*predicato*.

6.1 Enunciado, período, frase, oração

Primeiramente, são expostas as definições de enunciado, período, frase, oração para que se possa delinear o objeto de estudo.

6.1.1 Enunciado, período, frase, oração em Língua Portuguesa

Quadro 2 – Enunciado, período, frase, oração em Língua Portuguesa²⁴

Bechara	Neves	Azeredo	Semelhanças	Diferenças
“Toda a manifestação da ‘linguagem com vistas à comunicação’ ^{1*} com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades	“(…) as chamadas classes lexicais têm seu estatuto semântico definido pelo sistema de transitividade, sempre interior à oração (...)” (p. 16).	“comportamento verbal, com que expressamos alguma intenção comunicativa, é o que se chama um ato de fala ^{1*} , e a menor unidade linguística que o	^{1*} Bechara e Azeredo mencionam o propósito da intenção comunicativa. Neves, por seu turno, indiretamente, define oração	Bechara destaca a importância da comunicação interpessoal, enquanto; Neves enfatiza a função ideacional na oração;

²⁴ Sombreados da autora.

<p>delimitadas^{2*} por um silêncio melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, e pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial. (...) Talvez porque o primeiro [tipo declarativo ou enunciativo] encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico-base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de enunciado; na tradição gramatical brasileira, período” (Bechara, 2019, p. 429-430).</p>	<p>algumas classes de palavras^{3*} gramaticais (...) se deixam analisar, privilegiadamente, no sistema de transitividade, que é o que define as relações semânticas na oração, e respondem, pois, primordialmente, pela função ideacional nesse nível²⁵” (Neves, 2011a, p. 19).</p>	<p>realiza discursivamente constitui uma frase^{2*}” (p. 71). “(...) as unidades fundamentais que empregamos na comunicação interpessoal, em situações concretas e únicas, por meio de palavras, chamam-se frases. Chamamos oração à unidade gramatical centrada em um verbo flexionado em um dado tempo e constituída, tipicamente, de duas partes: sujeito e predicado” (Azeredo, 2010, p. 136) (grifos do autor).</p>	<p>como um delimitador onde se encontram os itens lexicais; ^{2*}Construção linguística em unidades delimitadas;</p>	<p>Azeredo concentra-se nos atos de fala como expressões de intenção comunicativa. O que refletem abordagens distintas para entender e analisar a língua.</p>
--	---	---	--	---

Fonte: A autora, 2024

²⁵ Função ideacional “põe em exame a língua enquanto representação da realidade” (Neves, 1997, p.65).

O conceito de ato de fala, abordado por Azeredo, é proveniente da Filosofia, conforme a citação a seguir do professor Gustavo Adolfo da Silva (s/d) o que evidencia que é ainda fonte de investigação para a linguística:

A Teoria dos Atos de Fala surgiu no interior da Filosofia da Linguagem, no início dos anos sessenta, tendo sido, posteriormente, apropriada pela Pragmática. Filósofos da Escola Analítica de Oxford, tendo como pioneiro o inglês John Langshaw Austin (1911-1960), seguido por John Searle e outros, entendiam a linguagem como uma forma de ação (“todo dizer é um fazer”). Passaram, então, a refletir sobre os diversos tipos de ações humanas que se realizam através da linguagem: os “atos de fala”, (em inglês, “*Speech acts*”).

Ao falar em sistema de transitividade, Neves está apontando para as *valências* como sugestão de análise linguística, ou seja, está levando em conta os papéis temáticos e também relações semânticas, sendo papel temático, conforme definido por Cançado, “o grupo de propriedades atribuídas a um determinado argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento se encontra” (2003, p. 95), ou seja, há uma tendência em se considerar também a semântica e a pragmática nos estudos da proposição.

Não há uma concordância entre autores aqui em estudo para a escolha do termo que denomina a reunião de palavras unidas em cadeia de acordo com regras cuja finalidade é a comunicação entre os usuários de língua. Bechara denomina essa reunião de *enunciado* e afirma que na tradição gramatical brasileira essa reunião é chamada de *período*. À *frase*, o professor define como *enunciado sem núcleo verbal* (p. 560). Neves a chama de *oração*, e Azeredo distingue *frase* como a menor unidade linguística e *oração* como “unidade gramatical centrada em um verbo flexionado” (2010, p. 136).

6.1.2 *Frase em Língua Italiana*Quadro 3 – *Frase em Língua Italiana*²⁶

Dardano e Trifone	Renzi, Salvi e Cardinaletti	Trifone e Palermo	Semelhanças	Diferenças
<p><i>“L’analisi logica consiste nell’identificare le categorie sintattiche presenti nella frase semplice (cioè il soggetto, il predicato, i complementi, l’attributo, l’apposizione). Fin dalle origini della filosofia occidentale, logica e riflessione sulla lingua appaiono fra loro mescolate. Ecco perché ancora oggi ci serviamo di concetti logici per spiegare che cosa sono il soggetto, il predicato, i complementi ecc”</i>²⁷ (Dardano e Trifone, 1995, p. 59).</p>	<p><i>“La sintassi è lo studio delle costruzioni grammaticali, cioè di quelle sequenze di parole che governate sono da regole. La frase è l’unità massima in cui vigono delle relazioni di costruzione. (...)”</i>²⁸ (Renzi, Salvi e Cardinaletti, 2011, p. 37).</p>	<p><i>“(...)frasi semplici sono sequenze di parole ben formate e dotate di senso comprese tra due pause forti. Dal punto di vista della struttura interna una frase semplice è composta solo da sintagmi, cioè non contiene altre frasi (...). Le frasi semplici non dipendono da altre né dal punto di vista sintattico né dal vista del significato e perciò sono dette frasi indipendenti”</i>²⁹ (Trifone e Palermo, 2007, p. 182).</p>	<p>Frase como unidade de estudo; regras e estruturas gramaticais. BD e DT – assim como Bechara, destacam as origens filosóficas dos estudos linguísticos.</p>	<p>DT – análise lógica da frase, identificando as categorias sintáticas. Categorias gramaticais como parte da análise da frase; RSC – sintaxe como o estudo das construções gramaticais, focando nas sequências de palavras governadas por regras. TP – características das frases simples, como a sua estrutura interna e independência de outras frases. Frases simples compostas por sintagmas.</p>

Fonte: A autora, 2024

²⁶ Sombreados da autora;

²⁷ A análise lógica consiste na identificação das categorias sintáticas presente na frase simples (ou seja, O sujeito, o predicado, os complementos, o atributo, o aposto). Desde os primórdios da filosofia ocidental, a lógica e a reflexão sobre a linguagem aparecem misturadas. Aqui está o porquê ainda hoje usamos os conceitos lógicos para explicar o que são o sujeito, o predicado, os complementos etc. (tradução livre).

²⁸ A sintaxe é o estudo das construções gramaticais, ou seja, das sequências de palavras que são governadas por regras. A frase é a unidade máxima na qual vigoram as relações de construção (...) (tradução nossa).

²⁹ Frases simples são sequências de palavras bem formadas e dotadas de sentido entre duas pausas fortes. Do ponto de vista da estrutura interna, uma frase simples é composta apenas de sintagmas, isto é, não contém outras frases (...). As frases simples não dependem de outras nem do ponto de vista sintático nem do significado e por isso são chamadas de independentes (tradução livre).

Destaco que Dardano e Trifone, assim como o professor Bechara, afirmam que a análise linguística se iniciou com a lógica grega, evidenciando as origens comuns da análise linguística da Língua Portuguesa e da Língua Italiana.

Em Trifone e Palermo encontra-se a seguinte informação “*Le frasi semplici non dipendono da altre né dal punto di vista sintattico né dal vista del significato*” (As frases simples não dependem de outras nem do ponto de vista sintático nem do significado (tradução livre)) o que leva a crer que os autores consideram a análise da proposição como tendência formal.

Foi usado aqui o termo *frasi*, pois é o adotado pelos autores das gramáticas em Língua Italiana.

6.1.3 Proposição em FilosofiaQuadro 4 – Proposição em Filosofia³⁰

Japiassu e Marcondes ^{1*}	Chauí	Mortari	Semelhanças	Diferenças
<p>“1. Formulação linguística de um juízo, podendo ser verdadeira ou falsa. Tradicionalmente considera-se o juízo como um ato mental e a proposição como sua expressão linguística. Alguns filósofos da linguagem contemporâneos distinguem, por vezes, a proposição como uma estrutura lógica formal, pertencendo à linguagem portanto, e a sentença como a expressão de uma proposição em uma língua particular (...) (Japiassu e Marcondes, 1990, p. 203)”</p>	<p>“O objeto da lógica é a proposição, que exprime, através da linguagem, os juízos formulados pelo pensamento. A proposição é a atribuição de um predicado a um sujeito: S é P (...)” (Chauí, 2005, p. 108)^{2*}.</p>	<p>“Como argumentos estamos pretendendo afirmar (...) a conclusão com base nas premissas (...). Uma sentença (do português) é uma sequência de palavras do português que contenha ao menos um verbo flexionado (...). Dessa maneira, o que determina quais sequências de palavras de uma língua constituem sentenças dessa língua é sua gramática. Uma gramática, a propósito, nada mais é do que um conjunto de regras que dizem de que forma se podem combinar as palavras” (Mortari, 2016, p. 26).</p>	<p>Linguagem como expressão de pensamento; relação entre premissas e conclusão em um argumento; importância da estrutura e gramática da linguagem. JM e Ch – proposição como expressão linguística dos juízos;</p>	<p>JM – Proposição como uma estrutura lógica formal; CH – A proposição como atribuição de um predicado a um sujeito. M – Sentença como uma sequência de palavras que segue as regras gramaticais da língua; aproximação entre lógica e gramática.</p>

Fonte: A autora, 2024.

³⁰ Sombreados da autora.

“Uma gramática, a propósito, nada mais é do que um conjunto de regras que dizem de que forma se podem combinar as palavras” a citação de Mortari (2016, p. 26) pode fazer pensar que a Filosofia também se beneficiaria de algum conhecimento linguístico visto a visão reduzida de gramática formulada pelo autor.

^{2*} “Os juízos formulados pelo pensamento” (Chauí, p. 108) e “(...) podemos transmitir informação por meio de sentenças de uma língua: uma vez que as pessoas não têm acesso direto aos pensamentos uma das outras, o uso de sentenças tem a vantagem de colocar a informação em uma forma intersubjetiva (...)” (Mortari, 2016, p. 22), essas citações mostram que a linguagem é a mediadora na expressão do pensamento. O meio, o caminho pelo qual um se faz entender pelo outro.

A estrutura de um argumento é exemplificada a seguir.

Todo homem é mortal;

Sócrates é homem;

Sócrates é mortal.

No qual cada frase da sentença é uma proposição.

Quadro 5 – termos da proposição

Todo homem	Termos das proposições
é mortal;	
Socrates	
é homem;	
Sócrates	

Fonte: A autora, 2024.

Como veremos a seguir, Peirce reformula essa organização assim:

Quadro 6 – proposição para Peirce

Termo	Rema
Proposição	Dicente
Argumento	Argumento

Fonte: A autora, 2024.

A definição de lógica em Japiassu e Marcondes (1990, p. 153) demonstra a aproximação entre a análise sintática, a lógica e a Semiótica de Peirce.

(...) A lógica formal ou aristotélica consiste em uma investigação das categorias e princípios através dos quais pensamos sobre as coisas, do ponto de vista apenas da estrutura formal desse pensamento, abstração feita de seu conteúdo. Divide-se em lógica do conceito, ou seja, dos termos ou categorias que usamos; lógica das proposições, ou seja, do modo como formamos nossos juízos relacionando os conceitos e expressando-os em proposições; e uma lógica do raciocínio, ou do silogismo, que examina como relacionamos inferencialmente as proposições para delas extrair conclusões.

A lógica fornece os princípios e as regras para raciocinar logicamente e fazer inferências válidas. A sintaxe em uma linguagem formal define como as expressões são formadas e manipuladas, enquanto a inferência ocorre dentro dessa estrutura sintática, seguindo as regras definidas pela lógica. A sintaxe diz respeito à forma como a linguagem é construída. No entanto, a linguagem não é apenas forma. A lógica tomou o caminho da formalidade ao se limitar ao cálculo do predicado ou lógica dos predicados formulado por Gottlob Frege, com a intenção de evitar-se as possíveis ambiguidades da linguagem natural (Wagner, 2009, p. 21), mas, com isso, exclui-se também a semântica e a pragmática. Talvez por isso, em Língua Portuguesa o que antes se chamava de análise lógica passou a chamar-se análise sintática, porque essa diz respeito à formação de frases.

Válido \neq verdadeiro

“A definição de argumento válido nada diz acerca da verdade ou falsidade das premissas e da conclusão” (Rodrigues, 2011, p. 17). Em um sentido lógico, a validade de um argumento se estabelece em relação à sua coerência interna e à sua correspondência com as leis lógicas e os princípios dedutivos, sem levar em conta sua materialidade, isto é, o conteúdo dos juízos que o compõem. A validade é, portanto, uma característica formal dos argumentos ou raciocínios lógicos. Estabelecida a validade formal do raciocínio, é necessário adicionalmente que suas premissas sejam verdadeiras para que a conclusão também o seja.

Classicamente, a verdade se define como adequação do intelecto ao real. Pode-se dizer, portanto, que a verdade é uma propriedade dos juízos, que podem ser verdadeiros ou falsos, dependendo da correspondência entre o que afirmam ou negam e a realidade de que falam (Japiassu e Marcondes, 1990, p. 241), ou seja, a validade é a estrutura lógica de um argumento e a coerência interna das inferências feitas a partir dessas premissas. A verdade está ligada à semântica e à pragmática; a lógica lida com validade, e não com a verdade. “Para que um argumento seja válido é preciso que suas premissas sejam verdadeiras” (Rodrigues, 2011, p. 18).

“Estabelecer a verdade ou falsidade das sentenças de um argumento não é um problema da lógica” (p. 18). Desse modo, a construção válida de um argumento pode levar à manipulação pela má fé. Deve-se ter o conhecimento de mundo para verificar a verdade de um argumento. Ainda em Rodrigues, há o exemplo do xenônio ser um gás nobre e que cabe ao químico afirmar a verdade dessa premissa. Imagine-se um argumento bem construído, mas que não corresponde à verdade. Algum crédulo tomará o argumento como verdadeiro se não souber dos significados (semântica) que subjazem às construções bem-feitas, e as intenções do argumentador (pragmática).

Na página 19, Rodrigues (2011) dá o exemplo dos candidatos a cargos políticos. Muitos que veem pesquisa de intenção de voto creem na verdade da conclusão dada: que o candidato com mais voto ganhará a eleição. Eis o problema do mero formalismo: argumentos bem-construídos são tomados como verdadeiros.

6.2 Sujeito

Aqui, avança-se nas delimitações das categorizações dos termos da sintaxe em Língua portuguesa e Língua italiana.

6.2.1 Sujeito em língua portuguesa

Quadro 7 – Sujeito em Língua Portuguesa³¹

Bechara	Neves ^{1*}	Azeredo ^{2*}	Semelhanças	Diferenças
<p>“Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração” (Bechara, 2019, p. 434). (...).</p> <p>“sujeito é uma noção gramatical e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de <i>agente</i> e <i>paciente</i>.” (idem, p. 435).</p>	<p>“As funções sintáticas dos substantivos. O substantivo funciona como núcleo do sintagma em que ocorre. Esse sintagma pode ser: a) sintagma nominal (com diferentes funções.) a. 1) quando não preposicionado • Sujeito” (Neves, 2011a, p. 71).</p>	<p>“(…) a função “sujeito” é exercida por um substantivo ou pronome substantivo, e a função ‘predicado’ é exercida por um verbo” (p. 136). “(…) ao se combinarem na construção interna de um tipo qualquer, as duas classes contraem uma relação, de sorte que uma delas passa a ter uma função em relação a outra (...)”. Sujeito e predicado são funções” (p. 141). “O nome é a base do sujeito, e o verbo é a base do predicado”. (Azeredo, 2010, p. 146).</p>	<p>B e N – sintagma nominal; B e Az– relação nome/ sujeito, verbo/predicado; Sujeito e predicado na estrutura da oração. Relação entre substantivos e verbos ^{3*}.</p>	<p>B – Sujeito como unidade do sintagma nominal; N e Az – funções sintáticas dos substantivos; N – Função específica dentro da oração.</p>

Fonte: A autora, 2024.

³¹ Sombreados da autora.

^{1*} Neves organiza sua gramática a partir das classes gramaticais e de qual sejam as suas funções dentro da sintaxe: “a necessidade de uma investigação gramatical que descreva o comportamento das diferentes classes gramaticais segundo a funcionalidade de seu emprego nos diferentes níveis em que atuam e segundo as funções que exerçam, nos diferentes níveis” (Neves, 2011, p.19).

^{2*} Para Azeredo a definição de sujeito é condicionada à relação que essa função sintática tem com o predicado, ou seja, podemos depreender disso, que sujeito é o termo da frase que se relaciona com o verbo.

^{3*} Mais uma demonstração de que a base para a análise sintática é proveniente da filosofia/lógica, sendo *S é P* a estrutura para a construção das premissas.

6.2.2 *Soggetto* em língua italianaQuadro 8 – *Soggetto* em Língua Italiana³²

Dardano e Trifone	Renzi, Salvi e Cardinaletti	Trifone e Palermo	Semelhanças	Diferenças
<p><i>“Il soggetto</i> (<i>dal lat. subjectum ‘ciò che sta sotto, ciò che è alla base’</i>) <i>è ciò di cui parla il predicato</i>³³ (...)” (Dardano e Trifone, 1995, p. 61) (grifos dos autores).</p>	<p><i>“La frase predicativa è articolata in due parti: il SOGGETTO e il PREDICATO. Il SOGGETTO è un argomento del verbo (...) che viene preso come punto di partenza della comunicazione. Il PREDICATO ne descrive una proprietà”</i>³⁴ (Renzi, Salvi e Cardinaletti, 2011, p. 44).</p>	<p><i>“Dal punto di vista del significato, il soggetto specifica chi o che cosa compie l’azione (nelle frasi con verbo attivo (...), chi o che cosa subisce l’azione (nelle frasi con verbo passivo: (...), a chi o a che cosa è attribuita una qualità o uno stato (nelle frasi con predicato nominale (...))”</i>³⁵. (Trifone e Palermo, 2007, p. 184).</p>	<p>Relações entre sujeito e predicado. O sujeito como algo que completa o sentido do verbo; DT e RSC – foco na estrutura da frase.</p>	<p>DT – Sujeito como aquilo sobre o que o predicado fala; RSC – Sujeito como argumento do verbo; TP – Enfoca a ação expressa pelo verbo.</p>

Fonte: A autora, 2024.

³² Sombreados da autora.

³³ O sujeito (do latim *subjectum* é aquilo que está abaixo, ou seja, que está na base) é sobre o que fala o predicado (...).

³⁴ A frase predicativa é articulada em duas partes: o SUJEITO e o PREDICADO. O SUJEITO é um argumento do verbo (...) que é tomado como ponto de partida da comunicação. O PREDICADO descreve uma propriedade sua.

³⁵ Do ponto de visto do significado, o sujeito especifica quem ou a coisa que realiza a ação (nas frases com o verbo em voz ativa) (...), quem ou aquilo que sofre a ação (nas frases com verbo em voz passiva (...), a quem ou a que coisa é atribuída uma qualidade ou um estado (nas frases com predicado nominal).

6.2.3 Sujeito em FilosofiaQuadro 9 – Sujeito em filosofia³⁶

Japiassu e Marcondes ^{1*}	Chauí	Mortari ^{2*}	Semelhanças	Diferenças
<p>“sujeito (lat. subjectus) 1. Em um sentido lógico linguístico, o sujeito de uma proposição representa aquilo de que se fala, a que se atribui um predicado ou propriedade. Ex.: Na proposição ‘Sócrates foi o mestre de Platão’, ‘Sócrates’ é o sujeito, ‘mestre de Platão’, o predicado’.</p> <p>(Japiassu e Marcondes, 1990, p. 231).</p>	<p>“Na proposição, as categorias ou termos são os predicados atribuídos a um sujeito. O sujeito (S) é uma substância; os predicados (P) são as propriedades atribuídas ao sujeito; a atribuição ou predicação se faz por meio do verbo de ligação ser (...)”</p> <p>(Chauí, 2005, p. 109)</p>	<p>“Cleo é um peixe. Examinando sua estrutura – a já conhecida análise gramatical que você aprendeu na escola –, você nota que há um indivíduo, Cleo (o sujeito da sentença), do qual se está afirmando que é um peixe (o que corresponde ao predicado da sentença)”</p> <p>(Mortari, 2016, p. 92).</p>	<p>JM e Ch – categoria; Sujeito é a quem é atribuído um predicado.</p>	<p>JM – categorização como princípio ontológico.</p>

Fonte: A autora, 2024.

³⁶ Sombreados da autora

Há diferença entre a Língua Italiana e a Filosofia no uso da palavra *argumento*: para a Filosofia, argumento é o conjunto de premissas. Por sua vez, *conclusão*, *sujeito* e *predicado* são seus termos.

^{1*}Para enfatizar ainda mais a ligação entre a Filosofia/Lógica com a análise sintática, será considerado também o verbete lógica:

1. Em um sentido amplo, a lógica é o estudo da estrutura e dos princípios relativos à argumentação válida, sobretudo da inferência dedutiva e dos métodos de prova e demonstração. Tradicionalmente, há três maneiras gerais de se conceber a lógica: a) Como ciência do real: ou seja, as categorias (como sujeito e predicado) e princípios lógicos (como a lei da identidade e a lei do terceiro excluído) refletiriam categorias e princípios ontológicos; seriam, portanto, derivados da própria natureza e estrutura do real. Esta é essencialmente a concepção aristotélica, que predomina em grande parte no pensamento antigo e medieval (...); b) Como ciência do pensamento (...) c) Mais contemporaneamente, a lógica é vista sobretudo como ciência da linguagem, ou seja, como ciência das linguagens formais, e das categorias e princípios que utilizamos para a construção de sistemas formais (...)" (Japiassu e Marcondes, 1990, p. 153)

O que corrobora a aproximação entre as análises sintáticas e a lógica. O afastamento entre as disciplinas (filosofia e linguística) também se deve ao estatuto atual da lógica como ciência da linguagem formal.

^{2*} Cezar Mortari não define o que seja *sujeito* e *predicado*, limitando-se a dizer que são conhecimentos que se adquire na escola, nas aulas de Língua Portuguesa. Pode-se também notar uma certa aproximação que o autor faz entre lógica e linguística na página 26 quando diz que:

“o que determina quais sequências de palavras de uma língua constituem sentenças dessa língua é sua gramática.” Uma gramática, a propósito, nada mais é do que um conjunto de regras que dizem de que forma se podem combinar as palavras. (Essas regras, claro, podem mudar – e mudam – com o tempo, mas isso é uma outra história.) Destaque-se o uso da palavra *forma* que indica que, para Mortari, a gramática se resume à imposição de regras para o bom uso da língua, isto é, gramática normativa. O que corrobora que falta também à Filosofia algum conhecimento de Linguística.

No entanto, o mesmo autor, na página 484, afirma algo diferente:

O primeiro dos termos (aquele entre o quantificador e a cópula) é usualmente chamado de *termo sujeito* da proposição. O segundo é o *termo predicado*. Note que essa noção de sujeito e predicado difere daquela da gramática tradicional que você viu na escola. Naquela versão, analisamos uma sentença como ‘Todo gato é preto’ da seguinte forma:
sujeito: todo gato
predicado: é preto
Mas não aqui. Ao falar do sujeito de uma proposição categórica, estamos nos referindo ao termo sujeito; da mesma forma, ao falar do predicado, estamos nos referindo ao termo predicado. ‘Todo’ é o quantificador, não fazendo parte do termo sujeito, e representa a cópula, não fazendo parte do termo predicado.

A aproximação entre a lógica e a gramática de uma língua é tão tênue que a definição pode não ser precisa. O que escapa a Mortari é que o termo *todo* em *todo gato* seria classificado como adjunto adnominal na análise sintática em Língua Portuguesa.

Quadro 10 – Lógica

Lógica (linguagem)	Inferência
	Sintaxe

Fonte: A autora, 2024.

6.2.2.1 Semelhanças e diferenças entre as definições de sujeito

A seguir, são delineadas as semelhanças e diferenças entre as definições de sujeito.

6.2.2.1.1 Semelhanças

Todos os autores concordam que o sujeito é uma parte essencial da estrutura da oração. Ele é fundamental para a organização da comunicação verbal, sendo o ponto de partida ou o tema sobre o qual se predica algo. Todos mencionam que o sujeito estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal (predicado). Isso significa que o sujeito é aquele sobre quem se afirma algo na oração. O sujeito é reconhecido como uma função sintática exercida por um substantivo ou pronome substantivo que atua como o elemento principal na estrutura sintagmática da frase.

6.2.2.1.2 Diferenças

Alguns autores, como Dardano e Trifone, enfatizam a origem etimológica do termo “sujeito” (do latim “*subjectum*”), destacando sua natureza de base ou fundamento sobre o qual se constrói a predicação. Outros autores, como Japiassu e Marcondes, situam o sujeito segundo diferentes concepções teóricas da lógica e da linguagem ao longo da história, incluindo a visão aristotélica e contemporânea.

Alguns autores, como Neves, descrevem o sujeito inserido em um contexto específico de sintagmas nominais não preposicionados, enfatizando sua função direta na estrutura gramatical da frase. Mortari explica o sujeito da premissa “Cleo é um peixe” (Mortari, 2016, p. 92) analisada por ele como o indivíduo sobre o qual se faz uma afirmação na proposição. Alguns autores, como Chauí, abordam o sujeito em relação ao verbo de ligação “ser”, destacando que o sujeito é uma substância sobre a qual são atribuídas propriedades pelo predicado.

Azeredo destaca a relação entre nome (substantivo) como base do sujeito e verbo como base do predicado, evidenciando a interdependência entre esses elementos na estruturação da oração. Apesar das diferenças nas abordagens teóricas e na descrição detalhada das funções e características do sujeito, todos os autores convergem na importância do sujeito como elemento essencial da estrutura da oração. Ele não apenas estabelece a base sobre a qual se realiza a predicação, como também desempenha um papel crucial na organização e na interpretação da língua. As diferentes perspectivas enriquecem a compreensão do conceito de sujeito na gramática e na análise linguística.

6.3 Predicado

A seguir quadro com as definições de predicado em Língua portuguesa assim como o a análise de contraste.

6.3.1 Predicado em Língua Portuguesa

Quadro 11 – Predicado em Língua Portuguesa³⁷

Bechara	Neves	Azeredo	Semelhanças	Diferenças
<p>“sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da Língua Portuguesa, organização que se traduz por marcas formais^{1*}, como a concordância de número e pessoa (...). O núcleo do predicado este constituído por uma classe de palavra chamada verbo, assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva” (Bechara, 2019, p. 439-440).</p>	<p>“Os verbos, em geral, constituem os predicados das orações. Os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicações que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado (Neves, 2011a, p. 25)”^{2*}.</p>	<p>“É por meio do verbo que se realiza a predicação. Pelo ato de predicar, o ser humano associa um atributo a um objeto, circunscrevendo essa associação a alguma fase da linha do tempo, respectivamente atual, anterior e posterior ao momento da fala (...)” (Azeredo, 2010, p. 146).</p>	<p>B e N – relação; Os três autores falam da presença do verbo; N e A – predicação.</p>	<p>B – normatividade. Formalidade. N – argumento; construção de predicados com argumento Az – atributo; destaque à enunciação; ato de predicar. Enunciação. Predicação como associação de um atributo a um objeto.</p>

Fonte: A autora, 2024.

³⁷ Sombreados da autora.

^{1*} Destaque para o conceito de *marca formal* em Bechara que indica a linguagem como formalidade e também para a indicação das possibilidades de referência discursiva. Em Neves há a contemplação das propriedades funcionais e formais, conforme a complementando da citação a seguir (2011a, p. 23). O que assinala a propensão dos autores a considerar tanto a semântica quanto à pragmática.

Os predicados são semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou relações, e suas categorias são distinguidas segundo suas propriedades formais e funcionais.

O predicado — que designa propriedades ou relações — se aplica a um certo número de termos que se referem a entidades, produzindo uma predicação que designa um estado de coisas, ou seja, uma codificação linguística que o falante faz da situação (...). Uma predicação constitui um conteúdo proposicional, isto é, um fato, que pode ser conhecido ou pensado, pode ser causa de surpresa e de dúvida, pode ser mencionado, negado, rejeitado ou lembrado (...).

À proposição são aplicados, ainda, operadores ilocucionários, que fazem dela um ato de fala (declarativo, interrogativo etc.), isto é, um enunciado.

A palavra *termos* está destacada para realçar que na parte concernente à descrição da Filosofia, Cezar Mortari afirma que na frase *todo gato é preto*, em Língua Portuguesa *todo gato* seria o sujeito, *todo* seria adjunto adnominal e, em Filosofia *todo* seria um quantificador.

“As chamadas classes lexicais têm seu estatuto semântico definido pelo sistema de transitividade, sempre interior à oração (...)” (Neves, 2011a, p.16), ou seja, para a autora, a semântica de uma palavra está intrinsecamente relacionada à função que a palavra exerce no sistema da sintaxe. O que evidencia a tendência de se considerar também a semântica e a pragmática ao se classificar os termos da sintaxe.

Dou ênfase para o conceito de *ato de fala* ter sido elaborado a princípio no campo da filosofia (Silva, s/d), conforme observado anteriormente.

6.3.2 *Predicato em Língua Italiana*Quadro 12 – *Predicato em Língua Italiana*³⁸

Dardano e Trifone	Renzi, Salvi e Cardinaletti	Trifone e Palermo	Semelhanças	Diferenças
<p>“<i>Il predicato (dal lat. praedicatum ‘ciò che viene affermato’) è ciò che viene detto a proposito del soggetto</i>” (Dardano e Trifone, 1995, p. 63)³⁹.</p>	<p>Ver <i>soggetto</i> no presente trabalho (p. 59). <i>“Il PREDICATO ne [del soggetto] descrive una proprietà (...). La negazione, in una frase predicativa, nega che la proprietà espressa dal predicato debba essere assegnata al soggetto della frase (...)”</i>⁴⁰ (Renzi, Salvi e Cardinaletti, 2001, p. 44).</p>	<p>“<i>Il predicato è l’elemento che indica l’azione o lo stato riferiti al soggetto e può essere verbale o nominale</i>” (Trifone e Palermo, 2007, p. 186)⁴¹.</p>	<p>O que é afirmado ou dito sobre o <i>soggetto</i>; Relação do predicado com o sujeito da frase.</p>	<p>RSC – Verbo como ponto de partida da comunicação; TP – Indicação de que o predicado pode ser verbal ou nominal; DT – Predicado como algo subordinado ao sujeito pois é definido como sendo algo que se diz do sujeito.</p>

Fonte: A autora, 2024.

³⁸ Sombreados da autora.

³⁹ O predicado (do lat, *praedicatum*, isto é, o que é afirmado) é o que é dito sobre o sujeito.

⁴⁰ O PREDICADO descreve uma propriedade sua [do sujeito] (...). A negação, em uma frase predicativa, nega que a propriedade expressa pelo predicado deva ser atribuída pelo sujeito da frase (...).

⁴¹ O predicado é o elemento que indica a ação ou o estado referido ao sujeito, e pode ser verbal ou nominal.

Acrescento à definição de *predicato*, dada por Dardano e Trifone, como “*Il predicato verbale è costituito da un verbo predicativo. I verbi predicativi sono quelli che hanno un significato compiuto e possono essere usati anche da soli*”⁴² (p. 63, 1995). Quando afirmam que os predicados “podem também ser usados sozinhos” referem-se ao fato de que há verbos que não precisam de um complemento para terem um sentido completo.

Os autores adicionam que “*Si chiamano complementi i vari componenti della frase che hanno la funzione di completare quanto è espresso dai due componenti fondamentali, soggetto e predicato. Il complemento si trova in una situazione di dipendenza rispetto ad altri elementi della frase*”⁴³ (Dardano e Trifone, 1995, p. 66, sublinhado dos autores), ou seja, pode-se inferir que para os autores, predicado é constituído pelo verbo.

Para ampliar essa discussão, recorro a Trifone e Palermo, a Marcello Sensini e Luca Serianni.

Il predicato verbale è costituito da un verbo predicativo: Marco ha dormito Giacomo, passeggia. Quando il predicato verbale non ha significato compiuto da solo, deve essere completato da uno o più argomenti: essi, insieme al verbo, formano il gruppo del predicato (Trifone e Palermo, 2007, p. 186, grifo dos autores)⁴⁴.

Il predicato è l'elemento della frase che dice (“predica”) qualcosa a proposito del soggetto: informa su chi esso è, come è, che cosa fa, che cosa ha subito o in che situazione si trova (...)

L'insieme delle parole che con il verbo formano il predicato si chiama gruppo del predicato o gruppo del verbo. All'interno del gruppo del predicato c'è sempre, come sappiamo, un verbo, che è il predicato vero e proprio della frase (Sensini, 1997, p. 420-421, grifos do autor).

Nella frase che abbiamo preso come esempio [i neonati riconoscono la madre già dai primi giorni di vita] avremo un soggetto espresso («i neonati»), che compie un'azione rappresentata dal predicato verbale («riconoscono»); l'azione «ricade» su un'entità rappresentata dal complemento oggetto («la madre»). (p.60)⁴⁵

La struttura bipartita «soggetto espresso» / «predicato» (con l'aggiunta di vari complementi e altre categorie sintattiche) esaurisce solo una parte delle possibili forme della frase (p. 61)⁴⁶

Vero e proprio «nucleo» della frase, il predicato è nella sua definizione tradizionale 'ciò che si afferma a proposito del soggetto' (latino PRAEDICATUM 'ciò che è

⁴² O predicado verbal é constituído por um verbo predicativo. Os verbos predicativos são os que têm um significado completo e podem ser usados também sozinhos (tradução livre).

⁴³ São chamados de complementos os diversos componentes da frase que têm a função de completar o que é expresso pelos dois componentes fundamentais, sujeito e predicado. O complemento se encontra em uma situação de dependência com relação aos outros elementos da frase (tradução livre).

⁴⁴ O predicado verbal é constituído por um verbo predicativo: Marco dormiu, Giacomo caminha. Quando o predicado verbal não tem significado completo sozinho, deve ser completado por um ou mais argumentos: esses, em conjunto ao verbo, formam o grupo do predicado (tradução livre).

⁴⁵ Na frase que tomamos como exemplo [os recém-nascidos reconhecem a mãe já nos primeiros dias de vida] temos um sujeito expresso (“os recém-nascidos”), que cumprem uma ação representada pelo predicado verbal (“reconhecem”); a ação “cai” sobre uma entidade representada pelo complemento objeto (“a mãe”) (tradução livre).

⁴⁶ A estrutura bipartida “sujeito expresso”/“predicado” (com a adição de vários complementos e outras categorias sintáticas) esgota somente uma parte das possíveis formas da frase. (tradução livre).

affermato'). *Esso è quasi sempre espresso da un verbo: «Gino ascolta la musica», (p.65).*⁴⁷

Recorro ainda à Neves que diz:

A predicação constitui, pois, o resultado da aplicação de um certo número de termos (que designam entidades) a um predicado (que designa propriedades ou relações). A construção de uma oração requer, portanto, antes de mais nada, um predicado, representado basicamente pela categoria verbo, ou, ainda, pela categoria adjetivo (construído com um verbo de ligação) (Neves, 2011, p. 25).

O predicado verbal é formado por um verbo que pode possuir um significado completo ao compor a frase de forma autônoma, no entanto, quando o verbo não possui significado pleno por si só, ele necessita de complementos que, em conjunto, formam o grupo do predicado. Complementos, portanto, desempenham o papel de completar o que é expresso pelos componentes fundamentais da frase: sujeito e predicado.

O predicado, em sua essência, é apenas o verbo. Trifone e Palermo (2007) explicam que o predicado verbal consiste em um verbo predicativo, que pode ou não necessitar de outros elementos para completar seu significado. Esses elementos adicionais, chamados argumentos ou complementos, segundo os autores não fazem parte do predicado em si, mas são necessários para completar a ação expressa pelo verbo. Seriani (1997) reforça que o predicado propriamente dito é o verbo, sendo o núcleo da frase. No exemplo “*i neonati riconoscono la madre*”, o verbo “*riconoscono*” é o predicado verbal, enquanto “*la madre*” é um complemento, necessário para completar o significado do verbo, mas que não faz parte do predicado em sentido estrito. Assim, segundo Seriani, o predicado é limitado ao verbo que predica algo sobre o sujeito, enquanto os demais elementos na frase, são complementos que acompanham o predicado, mas não o constituem. No entanto, penso que por uma questão semântica e da realização linguística, dever-se-ia considerar *predicato* tanto o verbo como os seus complementos, visto que estes completam o sentido daquele, como no exemplo dado em que o complemento *la madre* é necessário para completar o significado do verbo *riconoscere*.

⁴⁷ Verdadeiro e próprio “núcleo” da frase, o predicado é em sua definição tradicional ‘aquilo que se afirma sobre o sujeito’ (latim PRAEDICATUM ‘o que é afirmado’). Ele é quase sempre expresso por um verbo: “Gino escuta a música” (tradução livre).

6.3.3 Predicado em Lógica/FilosofiaQuadro 13 – Predicado em Lógica/Filosofia ⁴⁸

Japiassu e Marcondes	Chauí	Mortari	Semelhanças	Diferenças
<p>“predicado (lat. <i>praedicatum</i>) Em lógica, qualidade de algo. Aquilo que se afirma ou nega de um sujeito” (Japiassu e Marcondes, 1990, p. 200) Ver relação^{1*}.</p>	<p>O objeto da lógica é a proposição, que exprime, através da linguagem, os juízos formulados pelo pensamento. A proposição é a atribuição de um predicado a um sujeito: S é P (Chauí, 2005, p. 108).^{2*}</p>	<p>Ver no presente trabalho a definição de sujeito para o mesmo autor (p. 60). “Cleo é um peixe. Examinando sua estrutura – a já conhecida análise gramatical que você aprendeu na escola –, você nota que há um indivíduo, Cleo (o sujeito da sentença), do qual se está afirmando que é um peixe (o que corresponde ao predicado da sentença)” (Mortari, 2016, p. 92).</p>	<p>Importância da estrutura sujeito-predicado na formação do discurso racional e comunicativo, servindo como um ponto de convergência entre disciplinas como lógica, linguística e gramática. Relação entre sujeito e predicado; Importância do predicado na estrutura da proposição lógica.</p>	<p>JM – Qualidade de algo; função do predicado dentro do juízo lógico, ressaltando seu papel como portador de uma qualidade atribuída ao sujeito. CH – Proposição como o objeto central da lógica, onde a atribuição de um predicado a um sujeito expressa um juízo formulado pelo pensamento. M – Aplica o conceito de predicado em um contexto gramatical.</p>

Fonte: A autora, 2024.

⁴⁸ Sombreados da autora.

Com a finalidade de complementar o entendimento, segue a definição de *relação* encontrada no *Dicionário de Filosofia*.

1* **relação** (lat. relatio) 1. Ação de estabelecer um elo ou ligação entre alguma coisa e outra. Ex.: relação de semelhança, relação de parentesco, relação de causalidade. 2. A relação é uma das noções mais centrais do pensamento filosófico. Aristóteles a inclui entre as dez categorias, caracterizando-a como aquilo que faz com que algo se refira a outra coisa (...) (p. 212).

“O signo não é (...) um objeto com determinadas propriedades, mas uma relação ou uma função” (Epstein, p. 48) e tendo a sintaxe como a relação entre termos da frase, assim, pode-se concluir que a sintaxe é signo.

6.3.3.1 Semelhanças e diferenças entre as definições de predicado apresentadas

A seguir, destacam-se as semelhanças e diferenças das definições dos predicados.

6.3.3.1.1 Semelhanças

Todos os autores concordam que o predicado é a parte da oração que expressa o que se diz sobre o sujeito. Aquela descreve uma propriedade, ação ou estado atribuído ao sujeito da frase. Há um consenso de que o predicado está intimamente relacionado ao verbo. Ele é formado pelo verbo principal da oração e pode incluir outros elementos que complementam ou modificam essa ação ou estado. Predicar é associar um atributo ou ação a um sujeito em um contexto temporal específico. Essa associação constitui a essência da predicação, conforme destacado por Azeredo e Japiassu e Marcondes.

6.3.3.1.2 Diferenças

Alguns autores, como Bechara e Neves, destacam que o predicado não se limita ao verbo, mas inclui todos os elementos que designam as propriedades ou relações que são predicadas sobre o sujeito. Isso amplia a visão do predicado além do verbo principal. Outros, como

Dardano e Trifone, enfatizam mais especificamente o predicado como aquilo que é afirmado sobre o sujeito, utilizando a etimologia latina para ilustrar esse conceito. Renzi, Salvi e Cardinaletti introduzem a ideia de que o predicado pode ser verbal ou nominal, dependendo se descreve uma ação ou estado atribuído ao sujeito. Trifone e Palermo também mencionam essa distinção, acrescentando que o predicado indica tanto ação quanto estado em relação ao sujeito.

Japiassu e Marcondes abordam o predicado segundo um contexto mais amplo de lógica, definindo-o como a qualidade atribuída a algo na proposição. Isso amplia a interpretação do predicado além da análise gramatical tradicional. Chauí e Mortari conectam o predicado à lógica da proposição, enfatizando como a afirmação de um predicado sobre um sujeito constitui uma proposição completa.

As definições de predicado variam em termos de ênfase teórica, tipos específicos (verbal/nominal), e contexto lógico e gramatical. Apesar das variações, todas convergem na ideia de que o predicado é essencial para a estruturação da predicação na linguagem, descrevendo o que é dito sobre o sujeito em uma oração. A compreensão das diversas perspectivas enriquece a análise linguística e lógica, fornecendo diferentes ângulos para estudar a relação entre sujeito e predicado na comunicação verbal.

6.4 Termos essenciais, integrantes e acessórios

Sujeito e predicado são as partes essenciais, originais da oração. As demais partes são seus complementos, determinantes. Pode-se questionar se isso não seria uma questão de cunho ontológico: *O que não é essencial?* Mais uma vez recorremos a Japiassu e Marcondes que nos dizem que “O termo essencial significa algo diretamente ligado à essência e opõe-se a accidental. Na linguagem comum, adquire o sentido de ‘muito importante’, de ‘o mais importante’, de ‘fundamental’: ‘o essencial é a saúde’” (1990, p. 87). Donde a palavra *acidente* na mesma obra:

acidente (lat. *accidens*, de *accidere*: acontecer) 1. Tudo aquilo que não pertence à essência ou natureza de uma coisa, não existindo em si mesmo, mas somente em outra coisa. Ex.: a forma ou a cor pertencem a uma coisa que subsiste em si mesma: a substância. 2. É accidental tudo aquilo que pode ser mudado ou supresso sem que a coisa mesma mude de natureza ou desapareça. Na metafísica clássica, o acidente se opõe à substância e à essência: todo acidente só existe na substância (1990, p. 13).

Em Chauí, encontra-se o seguinte trecho:

a definição consiste em encontrar para um sujeito (uma substância) seus atributos essenciais (seus predicados). Um atributo é essencial quando faz uma coisa ser o que ela é, ou cuja ausência impediria a coisa de ser tal como é (“mortal” é um atributo essencial de Sócrates). Um atributo é accidental quando sua presença ou sua ausência não afetam a essência da coisa (“gordo” é um atributo accidental de Sócrates) (2005, p. 112).

Aplicando-se a afirmação de que acidente “não existe em si mesmo, mas somente em outra coisa”, às funções sintáticas, pode-se concluir que os complementos dependem do sujeito e do predicado.

Tomando sujeito como uma derivação de substância, pode-se entender que o que na frase não for nem sujeito e nem predicado só pode ser acidente, ou numa outra acepção, termos integrantes e acessórios da oração. Numa concepção cotidiana, é por vezes complicado definir o que não é essencial, daí poder-se pensar no porquê complicador distinguir, por exemplo, complemento nominal de adjunto adnominal.

Segundo Neves (2011a, p. 25), continuando sua explicação sobre verbos, cujo início consta no presente trabalho no quadro sobre predicados (p. 65), além da classificação segundo a transitividade, que ora destacamos, faz a subclassificação de verbos também de acordo com a *semântica*, com a *integração de componentes*. Classificações essas descritas respectivamente a seguir:

A classificação semântica das **predicações** pode basear-se nas unidades semânticas presentes no **verbo** (p. 25).
(...)

A classificação das **predicações** pode, ainda, integrar outros componentes além do **dinamismo**, como por exemplo, o **aspecto** e o componente pragmático **controle**.

Nessa consideração, a classificação se refere às **predicações**, ou seja, à codificação linguística dos estados de coisas, e não simplesmente aos **predicados** (p. 27). (grifos da autora).

Ao recorrer à Semântica fica ainda mais evidente que não são apenas os aspectos sintáticos que influenciam na análise das frases.

Neves, assim como faz com os verbos, declara que há a estrutura argumental dos nomes.

Dentro da estrutura de predicado de uma oração, o sintagma nominal é um termo, mas o nome, sendo de determinada natureza, pode constituir o núcleo de um predicado, selecionando argumentos. É o que ocorre com os nomes valenciais, que definem, do mesmo modo que o verbo, estrutura argumental e regência (2011a, p. 90).

A situação fica um pouco mais interessante ao se procurar equivalente entre os complementos do substantivo, e aqui, não me refiro somente aos complementos nominais, mas também aos adjuntos adnominais. Assim como em Língua Portuguesa existe certa dificuldade em fazer essa diferenciação, em Língua Italiana essa categorização também não é simples: o que torna ainda mais desafiador quando se procura equivalentes entre as duas línguas.

Recorri ao imprescindível “Fundamentos de gramática do português” (Azeredo, 2000), à procura de uma definição de complemento nominal. No entanto, nessa obra o autor também não nos dá uma definição de complemento nominal. Contudo, encontra-se uma distinção entre complementos e adjuntos:

Segundo uma nomenclatura que remonta à primeira metade do século, complementos são termos “necessários” ou **integrantes**, e adjuntos são termos “opcionais” ou **acessórios**. Na oração *Sacha lhe deu uma casa*, os sintagmas *lhe* e *uma casa* são estruturalmente necessários à construção do predicado, pois compõem a valência do verbo *dar*; por isso, são termos integrantes ou **complementos**. Por outro lado, nas orações *O pardalzinho nasceu livre* e *A alma voou para o céu dos passarinhos*, os sintagmas *livre* e *para o céu dos passarinhos* não são estruturalmente necessários, mas opcionais; por isso, são termos acessórios ou **adjuntos** (p. 172, grifos do autor).

Após tal distinção, segue a definição de valência “Chamamos de valência de um verbo ao conjunto das posições estruturais que irradiam desse verbo (...)” (2000, p. 172, grifo do autor).

Quadro 14 – Quadro geral de contraste entre análise sintática e *analisi logica*

Língua Portuguesa	Língua Italiana	Lógica
Sujeito	<i>Soggetto</i>	Sujeito
Predicado	<i>Predicato</i>	Predicado
Adjunto adnominal	<i>Atributo</i>	
Objeto direto	<i>i complementi</i>	
Objeto indireto		
Complemento nominal		
Adjunto adverbial		
Aposto	<i>L'apposizione</i>	
Vocativo	<i>Complemento di vocazione</i>	

Fonte: A autora, 2024.

L'attributo, em Língua Italiana, é considerado ao equivalente ao adjunto adnominal (Bechara, 2019, p. 477) pois ambos são termos que podem ser retirados da frase sem, no entanto, deixá-la sem sentido. Veja-se o seguinte excerto:

Chamam-se complementos os vários componentes da frase que têm a função de completar o que expresso pelos dois componentes fundamentais, sujeito e predicado (tradução livre).⁴⁹ (Dardano e Trifone, 1995, p. 66).

Embora esse estudo não tenha desenvolvido o contraste entre os termos que completam o sentido do verbo, visto que a existência desses complementos não é abordada pela Lógica/Filosofia, faz-se necessário desenvolver essa questão, pois os complementos são elementos investigados nos estudos de língua.

Temos que objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto, vocativo, *i complementi*, *l'apposizione*, *complemento de vocazione* são tudo aquilo que é “anexado” ao sujeito e ao predicado.

O contraste entre análise sintática e *analisi logica* fica ainda mais interessante quando passamos para os complementos e adjuntos. Em português temos: complemento nominal, adjunto adverbial, adjunto adnominal. Em italiano temos *i complementi* (os complementos). *I complementi* não é algo simples para ser delineado visto que varia o número dos complementos de acordo com os autores, mas se pode estabelecer uma média de 20.

Destaque-se que o professor Bechara admite subclassificações dos complementos nominais.

Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo (...). Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de resolução do diretor equivalente a o diretor resolveu, classifica do diretor como ‘complemento (e não adjunto) nominal subjetivo’. Já em prisão do criminoso, equivalente a o criminoso foi preso, teremos um ‘complemento nominal subjetivo passivo’. Em a remessa dos livros, equivalente a alguém remeteu os livros, dos livros se classificará como ‘complemento nominal objetivo’. Como ‘complemento nominal objetivo indireto ou terminativo’ será ao crítico do grupo sintagmático nominal a resposta ao crítico. Em o assalto pelo batalhão, a expressão preposicionada será classificada como ‘complemento de agente ou de causa eficiente’. Já em ida a Petrópolis, teremos um ‘complemento nominal circunstancial’” (2019, p. 476).

Em português essa questão também não é simples dada a complexidade de se distinguir entre complemento nominal e adjunto adnominal. Dificuldade que Bechara procura elucidar nas páginas 476-477.

(...) o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:
(...)

⁴⁹ “*Si chiamano complementi i vari componenti della frase che hanno la funzione di completare quanto è espresso dai due componenti fondamentali, soggetto e predicato*” (Dardano e Trifone, 1995, p. 66).

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis

Tanto Bechara quanto Azeredo, nas gramáticas consultadas nesse trabalho, explicam que os complementos nominais não admitem apagamento pois deixariam os nomes incompletos, além disso, são substantivos derivados de verbos.

7 ANÁLISE DAS FUNÇÕES SINTÁTICAS DE SUJEITO E PREDICADO NOS TEXTOS PROPOSTOS

Segue-se a individuação de sujeito e predicado e de como essas estruturas gramaticais se manifestam e se relacionam dentro das sentenças.

7.1 Critério para individuação entre sujeito e predicado

A seguir, as individualizações de sujeito e predicado nos textos “Metafísica” (Anexo A) e *I modelli dei modelli* (Anexos B e C). Primeiramente, foram destacados os períodos de acordo com as semelhanças apontadas nos quadros 7 (seção 6.2.1.), 8 (seção 6.2.2) e 9 (seção 6.2.3). Desse modo, adota-se para a análise a seguir a noção de sujeito como elemento da oração que estabelece uma relação predicativa com o verbo, sendo usualmente um substantivo ou pronome. Ele é o ponto de partida ou base sobre a qual o predicado faz uma atribuição ou descrição, definindo quem ou o que realiza ou sofre a ação, ou a quem uma qualidade é atribuída. Para o predicado foram compiladas dos quadros 11 (seção 6.3.1), 12 (seção 6.3.2) e 13 (seção 6.3.3) as convergências das definições de predicado, no qual é o elemento da oração que afirma algo sobre o sujeito, por meio de um verbo. Ele atribui uma propriedade, ação ou estado ao sujeito, sendo o núcleo da relação predicativa. O predicado pode ser verbal ou nominal, e é responsável por expressar a associação entre o sujeito e a ação, estado ou qualidade descrita na oração. Essa escolha de definição se justifica porque é considerada aqui como uma síntese que compreende e reflete a fusão das várias definições em uma única concepção que abrange as diversas nuances dos conceitos de sujeito e predicado.

7.1.2 Análises das funções sintáticas de sujeito e predicado no texto “Metafísica” de Luiz Fernando Veríssimo

A seguir, destaco em amarelo os sujeitos, e em azul os predicados das frases no texto “Metafísica” de Luiz Fernando Veríssimo (ANEXO A). Primeiramente destaquei em azul os predicados (verbos e seus complementos) e em seguida, em amarelo, os sujeitos.

Metafísica

Contam que um admirador de Albert Einstein foi visitar o mestre em sua casa e o encontrou estirado numa poltrona, com a cabeça para trás e os olhos fechados. Não querendo perturbar o aparente repouso do professor, o visitante sentou-se num canto e ficou esperando que ele acordasse. Passou meia hora, o professor continuava estirado na poltrona, a cabeça para trás e os olhos fechados. Foi quando o visitante viu um ratinho aparecer debaixo da mesa e dirigir-se para os pés de Albert Einstein. O visitante ficou em pânico. O que⁵⁰ fazer? O ratinho se aproximava dos pés do mestre com passinhos curtos mas resolutos. Devia acordar Einstein e avisar do perigo iminente? Ou esperar que o ratinho mudasse de rota? Ou, silenciosamente, sem acordar o professor, enxotar o ratinho? Enquanto o visitante decidia o que fazer, o ratinho chegou até o pé direito de Einstein e deu uma mordidinha no seu dedão pelo buraco do chinelo. Einstein nem abriu os olhos. Fez que sim com a cabeça. O ratinho voltou correndo para sua toca. Minutos mais tarde, Einstein abriu os olhos e deu com o visitante no canto. Este desculpou-se, disse que não pretendia acordá-lo, mas Einstein o silenciou com um gesto.

Não estava dormindo. Estava pensando. Sempre fazia isso. Sentava naquela poltrona, atirava a cabeça para trás, fechava os olhos e deixava o cérebro funcionar. Pensava no universo, pensava no funcionamento do universo, pensava nas explicações para o funcionamento do universo... Mas precisava ter cuidado. Sua mente tinha uma tendência muito grande para a metafísica. Escapava ao controle, disparava, quando ele via ela estava perdida no infinito, em equações fantásticas... Felizmente, sempre que isto acontecia, ele sentia uma cosquinha no dedão. Era o sinal para voltar à física, à realidade e às coisas prováveis. Fora assim que desenvolvera a sua teoria da relatividade. Seu cérebro indo em todas as direções, mas a cosquinha no dedão indicando o caminho, alertando-o para os excessos, chamando-o de volta à realidade e à razão.

O visitante engoliu em seco.

– E o senhor tem... uma explicação para a cosquinha no dedão?

Einstein não respondeu em seguida. Suspirou. Coçou a cabeça. Depois disse:

– Aí é que está. Só pode ser explicada como um sinal divino. Mas eu preciso resistir à metafísica!

O visitante procurou o ratinho com o olhar mas não o avistou. Além de tudo, era modesto.

⁵⁰ Segundo o professor Bechara (2019, p. 186) *que, quem, qual, quanto* são pronomes indefinidos que se empregam nas perguntas, e *o que* seria uma forma de dar ênfase.

7.1.3 Individualização de sujeito e predicado no texto “Metafísica”:

- Contam que um admirador de Albert Einstein foi visitar o mestre em sua casa e o encontrou estirado numa poltrona, com a cabeça para trás e os olhos fechados.
 - Sujeito: Sujeito indeterminado;
 - Predicado: contam que (...);
 - Sujeito: (...) um admirador de Albert Einstein (...);
 - Predicado: (...) foi visitar o mestre em sua casa e (...);
 - Sujeito: Implícito (subtendido: um admirador de Albert Einstein);
 - Predicado: (...) o encontrou estirado numa poltrona, com a cabeça para trás e os olhos fechados.
- Não querendo perturbar o aparente repouso do professor, o visitante sentou-se num canto e ficou esperando que ele acordasse.
 - Sujeito: Implícito (subtendido: um admirador de Albert Einstein);
 - Predicado: Não querendo perturbar o aparente repouso do professor (...);

[O visitante não quis perturbar o aparente repouso do professor].

 - Sujeito: (...) o visitante (...);
 - Predicado: (...) sentou-se num canto (...);
 - Sujeito: Implícito (subtendido: o visitante);
 - Predicado: (...) e ficou esperando que (...);
 - Sujeito: (...) ele (...);
 - Predicado: (...) acordasse.
- Passou meia hora, o professor continuava estirado na poltrona, a cabeça para trás e os olhos fechados.
 - Sujeito: (...) meia hora (...);
 - Predicado: (...) passou (...);
 - Sujeito: (...) o professor (...);
 - Predicado: (...) continuava estirado na poltrona, a cabeça para trás e os olhos fechados.

- Foi quando o visitante viu um ratinho aparecer debaixo da mesa e dirigir-se para os pés de Albert Einstein.

- Sujeito: verbo impessoal;
- Predicado: Foi (...);
- Sujeito: (...) o visitante (...);
- Predicado: (...) viu (...);
- Sujeito: (...) um ratinho (...);
- Predicado: (...) aparecer debaixo da mesa e (...);

[um ratinho apareceu debaixo da mesa].

- Sujeito: (...) um ratinho (...);
- Predicado: (...) dirigir-se para os pés de Albert Einstein.

[um ratinho dirigiu-se para os pés de Albert Einstein].

- O visitante ficou em pânico.
 - Sujeito: o visitante (...);
 - Predicado: (...) ficou em pânico.
- O que fazer?
 - Sujeito: Implícito (subtendido: o visitante);
 - Predicado: (...) fazer.

[O visitante deveria fazer o que?]

- O ratinho se aproximava dos pés do mestre com passinhos curtos mas resolutos.
 - Sujeito: o ratinho (...);
 - Predicado: (...) se aproximava dos pés do mestre com passinhos curtos, mas resolutos.
- Devia acordar Einstein e avisar do perigo iminente?
 - Sujeito: implícito² (subentendido: o visitante)
 - Predicado: (...) devia acordar Einstein e
 - Sujeito: implícito (subentendido: o visitante)
 - Predicado: (...) avisar do perigo iminente?

[O visitante deveria avisar do perigo iminente?]

- Ou esperar que o ratinho mudasse de rota?
 - Sujeito: implícito (subentendido: visitante);
 - Predicado: (...) esperar que (...);

[O visitante deveria esperar que o ratinho mudasse de rota?]

- Sujeito: (...) o ratinho (...);
- Predicado: (...) mudasse de rota?
- Ou, silenciosamente, sem acordar o professor, enxotar o ratinho?
 - Sujeito: implícito (subentendido: visitante);
 - Predicado: (...) sem acordar o professor (...);
 - Sujeito: implícito (subentendido: visitante);
 - Predicado: (...) enxotar o ratinho.

[O visitante deveria enxotar o ratinho sem que o professor acordasse?]

- Enquanto o visitante decidia o que fazer, o ratinho chegou até o pé direito de Einstein e deu uma mordidinha no seu dedão pelo buraco do chinelo.
 - Sujeito: o visitante (...);
 - Predicado: (...) decidia (...);
 - Sujeito: (...) que (...)
 - Predicado: (...) fazer (...)

[O visitante decidia o que devia fazer].

- Sujeito: o ratinho (...);
- Predicado: (...) chegou até o pé direito de Einstein e (...);
- Predicado: (...) deu uma mordidinha no seu dedão pelo buraco do chinelo.
- Einstein nem abriu os olhos.
 - Sujeito: Einstein (...);
 - Predicado: (...) nem abriu os olhos.
- Fez que sim com a cabeça.
 - Sujeito: implícito (subentendido: Einstein)
 - Predicado: (...) fez que sim com a cabeça.
- O ratinho voltou correndo para sua toca.
 - Sujeito: o ratinho (...);
 - Predicado: (...) voltou correndo para sua toca.
- Minutos mais tarde, Einstein abriu os olhos e deu com o visitante no canto.
 - Sujeito: Einstein (...);
 - Predicado: (...) abriu os olhos e (...);
 - Sujeito: Implícito (subentendido: Einstein);
 - Predicado: (...) deu com o visitante no canto.

- Este desculpou-se, disse que não pretendia acordá-lo, mas Einstein o silenciou com um gesto.
 - Sujeito: Este (...);
 - Predicado: (...) desculpou-se, (...);
 - Sujeito: implícito (subentendido: este)
 - Predicado: (...) disse que (...);
 - Sujeito: implícito (subentendido: este);
 - Predicado: (...) não pretendia (...);
 - Sujeito: implícito (subentendido: este);
 - Predicado: (...) acordá-lo.
 - Sujeito: Einstein (...);
 - Predicado: (...) o silenciou com um gesto.
- Não estava dormindo.
 - Sujeito: implícito (subentendido: Einstein);
 - Predicado: (...) não estava dormindo.
- Estava pensando.
 - Sujeito: implícito (subentendido: Einstein);
 - Predicado: (...) estava pensando.
- Sempre fazia isso.
 - Sujeito: implícito (subentendido: Einstein);
 - Predicado: (...) sempre fazia isso.
- Sentava naquela poltrona, atirava a cabeça para trás, fechava os olhos e deixava o cérebro funcionar.
 - Sujeito: (subentendo: Einstein);
 - Predicado: (...) sentava naquela poltrona (...);
 - Sujeito: implícito (subentendo: Einstein);
 - Predicado: (...) atirava a cabeça para trás (...);
 - Sujeito: implícito (subentendo: Einstein);
 - Predicado: (...) fechava os olhos e (...);
 - Sujeito: implícito (subentendo: Einstein);
 - Predicado: (...) deixava o (...)
 - Sujeito: (...) cérebro (...);
 - Predicado: funcionar (...).

[O cérebro funcionava].

- Pensava no universo, pensava no funcionamento do universo, pensava nas explicações para o funcionamento do universo...
 - Sujeito: implícito (subentendo: Einstein);
 - Predicado: (...) pensava no universo (...),
 - Sujeito: implícito (subentendo: Einstein);
 - Predicado: (...) pensava no funcionamento do universo (...),
 - Sujeito: implícito (subentendo: Einstein);
 - Predicado: (...) pensava nas explicações para o funcionamento do universo.
- Mas precisava ter cuidado.
 - Sujeito: implícito (subentendido: Einstein);
 - Predicado: (...) precisava ter cuidado.
- Sua mente tinha uma tendência muito grande para a metafísica.
 - Sujeito: sua mente (...);
 - Predicado: (...) tinha uma tendência muito grande para a metafísica.
- Escapava ao controle, disparava, quando ele via ela estava perdida no infinito, em equações fantásticas...
 - Sujeito: implícito (subentendido: Sua mente);
 - Predicado: (...) escapava ao controle (...),
 - Sujeito: implícito (subentendido: Sua mente);
 - Predicado: (...) disparava, quando (...);
 - Sujeito: ele (...);
 - Predicado: via (...);
 - Sujeito: ela (...);
 - Predicado: (...) estava perdida no infinito, em equações fantásticas.
- Felizmente, sempre que isto acontecia, ele sentia uma cosquinha no dedão.
 - Sujeito: (...) isto (...);
 - Predicado: (...) acontecia (...);
 - Sujeito: (...) ele (...);
 - Predicado: (...) sentia uma cosquinha no dedão.
- Era o sinal para voltar à física, à realidade e às coisas prováveis.
 - Sujeito: implícito (subentendido: uma cosquinha no dedão);
 - Predicado: (...) era o sinal para voltar à física, à realidade e às coisas prováveis.

- Fora assim que desenvolvera a sua teoria da relatividade.
 - Sujeito: verbo impessoal;
 - Predicado: fora (...);
 - Sujeito: implícito (subentendido: Einstein);
 - Predicado: (...) desenvolvera a sua teoria da relatividade.
- Seu cérebro indo em todas as direções, mas a cosquinha no dedão indicando o caminho, alertando-o para os excessos, chamando-o de volta à realidade e à razão.
 - Sujeito: seu cérebro (...);
 - Predicado: (...) indo em todas as direções (...);
 - Sujeito: implícito (subentendido: uma cosquinha no dedão);
 - Predicado: (...) indicando o caminho (...),

[A cosquinha no dedão indicava o caminho].

- Sujeito: implícito (subentendido: uma cosquinha no dedão);
- Predicado: (...) alertando-o para os excessos,

[A cosquinha no dedão alertava-o para os excessos].

- Sujeito: implícito (subentendido: uma cosquinha no dedão);
- Predicado: (...) chamando-o de volta à realidade e à razão.

[A cosquinha no dedão chamava-o de volta].

- O visitante engoliu em seco.
 - Sujeito: o visitante (...);
 - Predicado: (...) engoliu em seco.
- – E o senhor tem... uma explicação para a cosquinha no dedão?
 - Sujeito: O senhor (...)
 - Predicado: (...) tem... uma explicação para a cosquinha no dedão?
- Einstein não respondeu em seguida.
 - Sujeito: Einstein (...);
 - Predicado: (...) não respondeu em seguida.
- Suspirou.
 - Sujeito: implícito (subentendido: Einstein);
 - Predicado: suspirou.
- Coçou a cabeça.
 - Sujeito: implícito (subentendido: Einstein);
 - Predicado: (...) coçou a cabeça.
- Depois disse:

- Sujeito: implícito (subentendido: Einstein);
- Predicado: (...) disse.
- Aí é que³ está.
 - Sujeito: Verbo impessoal;
 - Predicado: (...) é que (...)
 - Sem Sujeito explícito
 - Predicado: (...) está.

[A questão está aí];

- Só pode ser explicada como um sinal divino.
 - Sujeito: implícito (subtendido: a cosquinha no dedão);
 - Predicado: (...) pode ser explicada como um sinal divino.
- Mas eu preciso resistir à metafísica!
 - Sujeito: eu (...);
 - Predicado: (...) preciso resistir à metafísica.
- O visitante procurou o ratinho com o olhar mas não o avistou.
 - Sujeito: o visitante (...);
 - Predicado: (...) procurou o ratinho com o olhar mas
 - Sujeito: implícito (subtendido: o visitante)
 - Predicado: (...) não o avistou.
- Além de tudo, era modesto.
 - Sujeito: implícito (subentendido: o ratinho);
 - Predicado: (...) era modesto.

7.2 Analisi logica nas funções de soggetto e predicato no texto “Il modello dei modelli” de Italo Calvino

A seguir, são destacados em amarelo os *soggetti*, em azul os *predicati* das frases no texto *il modello dei modelli* de Italo Calvino. Primeiramente destaquei em azul os *predicati* (verbos e complementos) e em seguida, em amarelo, os *soggetti*, e em verde, os termos que são ao mesmo tempo *suggetto* de um *predicato* e *predicato* de um outro *soggetto*.

Nella vita del signor Palomar c'è stata un'epoca in cui la sua regola era questa: primo, costruire nella sua mente un modello, il più perfetto, logico, geometrico possibile; secondo, verificare se il modello s'adatta ai casi pratici osservabili nell'esperienza; terzo, apportare le correzioni necessarie perché modello e realtà coincidano. Questo procedimento, elaborato dai fisici e dagli astronomi che indagano sulla struttura della materia e dell'universo, pareva a Palomar il solo che gli permettesse d'affrontare i più aggrovigliati problemi umani, e in primo luogo quelli della società e del miglior modo di governare. Bisognava riuscire a tener presenti da una parte la realtà informe e dissennata della convivenza umana, che non fa che generare mostruosità e disastri, e dall'altra un modello d'organismo sociale perfetto, disegnato con linee nettamente tracciate, rette e cerchi ed ellissi, parallelogrammi di forze, diagrammi con ascisse e ordinate.

Per costruire un modello – Palomar lo sapeva –, occorre partire da qualcosa, cioè bisogna avere dei principi da cui far discendere per deduzione il proprio ragionamento. Questi principi – detti anche assiomi o postulati – uno non se li sceglie ma li ha già, perché se non li avesse non potrebbe nemmeno mettersi a pensare. Anche Palomar dunque ne aveva, ma – non essendo né un matematico né un logico – non si curava di definirli. Dedurre era comunque una delle sue attività preferite, perché poteva dedicarsi da solo e in silenzio, senza speciali attrezzature, in qualsiasi posto e momento, seduto in poltrona o passeggiando. Verso l'induzione invece aveva una certa diffidenza, forse perché le sue esperienze gli parevano approssimative e parziali. La costruzione d'un modello era dunque per lui un miracolo d'equilibrio tra i principi (lasciati nell'ombra) e l'esperienza (inafferrabile), ma il risultato doveva avere una consistenza molto più solida degli uni e dell'altra. In un modello ben costruito, infatti, ogni dettaglio dev'essere condizionato dagli altri, per cui tutto si tiene con assoluta coerenza, come in un meccanismo dove se si blocca un ingranaggio tutto si blocca. Il modello è per definizione quello in cui non c'è niente da cambiare, quello che funziona alla perfezione; mentre la realtà vediamo bene che

non funziona e che si spappola da tutte le parti; dunque non resta che costringerla a prendere la forma del modello, con le buone o con le cattive.

Per molto tempo il signor Palomar si è sforzato di raggiungere un'impassibilità e un distacco tali per cui ciò che conta è solo la serena armonia delle linee del disegno: tutte le lacerazioni e contorsioni e compressioni che la realtà umana deve subire per identificarsi al modello dovevano essere considerate accidenti momentanei e irrilevanti. Ma se per un istante egli smetteva di fissare l'armoniosa figura geometrica disegnata nel cielo dei modelli ideali, gli saltava agli occhi un paesaggio umano in cui le mostruosità e i disastri non erano affatto spariti e le linee del disegno apparivano deformate e contorte.

Quel che ci voleva allora era un sottile lavoro d'aggiustamento, che apportasse graduali correzioni al modello per avvicinarlo a una possibile realtà, e alla realtà per avvicinarla al modello. Infatti il grado di duttilità della natura umana non è illimitato come in un primo tempo egli credeva; e in compenso anche il modello più rigido può dar prova d'una qualche elasticità inaspettata. Insomma se il modello non riesce a trasformare la realtà, la realtà dovrebbe riuscire a trasformare il modello.

La regola del signor Palomar a poco a poco era andata cambiando: adesso gli ci voleva una gran varietà di modelli, magari trasformabili l'uno nell'altro secondo un procedimento combinatorio, per trovare quello che calzasse meglio su una realtà che a sua volta era sempre fatta di tante realtà diverse, nel tempo e nello spazio.

In tutto questo, non che Palomar elaborasse lui stesso dei modelli o s'adoperasse ad applicarne dei già elaborati: egli si limitava a immaginare un giusto uso di giusti modelli per colmare l'abisso che vedeva spalancarsi sempre di più tra la realtà e i principi. Insomma, il modo in cui i modelli potevano essere manovrati e gestiti non entrava nelle sue competenze né nelle sue possibilità d'intervento. Di queste cose s'occupano abitualmente persone molto diverse da lui, che ne giudicano la funzionalità secondo altri criteri: come strumenti di potere, soprattutto, più che secondo i principi o le conseguenze nella vita della gente. Cosa questa abbastanza naturale, dato che ciò che i modelli cercano di modellare è pur sempre un sistema di potere; ma se l'efficacia del sistema si misura sulla sua invulnerabilità e capacità di durare, il modello diventa una specie di fortezza le cui spesse muraglie nascondono quello che c'è fuori. Palomar che dai poteri e dai contropoteri s'aspetta sempre il peggio, ha finito per convincersi che ciò che conta veramente è ciò che avviene nonostante loro: la forma che la società va prendendo lentamente, silenziosamente, anonimamente, nelle abitudini, nel modo di pensare e di fare, nella scala dei valori. Se le cose stanno così, il modello dei modelli vagheggiato da

Palomar dovrà servire a ottenere dei modelli trasparenti, diafani, sottili come ragnatele; magari addirittura a dissolvere i modelli, anzi a dissolversi.

A questo punto a Palomar non restava che cancellare dalla sua mente i modelli e i modelli di modelli. Compiuto anche questo passo, ecco si trova faccia a faccia con la realtà mal padroneggiabile e non omogeneizzabile, a formulare i suoi «sì», i suoi «no», i suoi «ma». Per far questo, è meglio che la mente resti sgombra, ammobiliata solo dalla memoria di frammenti d'esperienza e di principi sottintesi e non dimostrabili. Non è una linea di condotta da cui egli possa ricavare soddisfazioni speciali, ma è la sola che gli risulta praticabile.

Finché si tratta di riprovare i guasti della società e gli abusi di chi abusa, egli non ha esitazioni (se non in quanto teme che, a parlarne troppo, anche le cose più giuste possano suonare ripetitive, ovvie, stracche). Più difficile trova pronunciarsi sui rimedi, perché prima vorrebbe sincerarsi che non provochino guasti e abusi maggiori e che, se saggiamente predisposti da riformatori illuminati, possano poi essere messi in pratica senza danno dai loro successori: forse inetti, forse prevaricatori, forse inetti e prevaricatori a un tempo.

Non gli manca che esporre questi bei pensieri in forma sistematica, ma uno scrupolo lo trattiene: e se ne venisse fuori un modello? Così preferisce tenere le sue convinzioni allo stato fluido, verificarle caso per caso e farne la regola implicita del proprio comportamento quotidiano, nel fare o nel non fare, nello scegliere o escludere, nel parlare o nel tacere.

7.2.1 Individualização dos sujeitos e predicados das frases do texto *il modello dei modelli* de Italo Calvino

Seguem abaixo as individualizações entre *Soggetto* e *Predicato* na língua italiana. Ênfatizo que os *predicati* são considerados os verbos e seus complementos conforme apontados na seção 6.3.2.

- *Nella vita del signor Palomar c'è stata un'epoca in cui la sua regola era questa:*
 - *Soggetto: (...) un'epoca;*
 - *Predicato: c'è stata (...).*

- *Soggetto: (...) la sua regola (...);*
- *Predicato: (...) era questa.*
- *primo, costruire nella sua mente un modello, il più perfetto, logico, geometrico possibile:*

- *Soggetto: sottinteso⁴ (Palomar);*
- *Predicato: costruire nella sua mente un modello, il più perfetto, logico, geometrico possibile.*

[Palomar dovrebbe costruire nella sua mente un modello (...)]

- *secondo, verificare se il modello s'adatta ai casi pratici osservabili nell'esperienza:*

- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) verificare se il modello s'adatta ai casi pratici osservabili nell'esperienza (...);*

[Palomar dovrebbe verificare se il modello s'adatta (...)]

- *Soggetto: (...) il modello (...);*
- *Predicato: (...) s'adatta ai casi pratici osservabili nell'esperienza.*

- *terzo, apportare le correzioni necessarie perché modello e realtà coincidano:*
- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) apportare le correzioni necessarie perché modello e realtà coincidano (...);*

[Palomar dovrebbe apportare le correzioni necessarie perché modello e realtà coincidano];

- *Soggetto: (...) modello e realtà (...);*
- *Predicato: (...) coincidano.*

- *Questo procedimento, elaborato dai fisici e dagli astronomi che indagano sulla struttura della materia e dell'universo, pareva a Palomar il solo che gli permettesse d'affrontare i più aggrovigliati problemi umani, e in primo luogo quelli della società e del miglior modo di governare.*

- *Soggetto: Questo procedimento (...);*
- *Predicato: (...) elaborato dai fisici e dagli astronomi;*

[questo procedimento è stato elaborato dai fisici e dagli astronomi]

- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) indagano sulla struttura della materia e dell'universo (...);*

- *Soggetto: Questo procedimento (...);*
 - *Predicato: (...) pareva a Palomar il solo che (...);*
 - *Soggetto: (...) che (...);*
 - *Predicato: (...) gli permettesse d'affrontare i più aggrovigliati problemi umani, e in primo luogo quelli della società e del miglior modo di governare.*
- *Bisognava riuscire a tener presenti da una parte la realtà informe e dissennata della convivenza umana, che non fa che generare mostruosità e disastri, dall'altra un modello d'organismo sociale perfetto, disegnato con linee nettamente tracciate, rette e cerchi ed ellissi, parallelogrammi di forze, diagrammi con ascisse e ordinate:*
 - *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
 - *Predicato: Bisognava riuscire a tener presenti da una parte (...);*
 - *Soggetto: (...) che (...);*
 - *Predicato: (...) generare mostruosità e disastri, (...).*
 - *Soggetto: (...) che (...);*
 - *Predicato: (...) non fa (...);*
 - *Soggetto: (...) che (...)*
 - *Predicato: (...) generare mostruosità e disastri.*

[La realtà informe e dissennata della convivenza umana genera mostruosità e disastri];

- *Soggetto: (...) un modello d'organismo sociale perfetto, (...);*
- *Predicato: (...) disegnato con linee nettamente tracciate, rette e cerchi ed ellissi, parallelogrammi di forze, diagrammi con ascisse e ordinate.*

[un modello d'organismo sociale perfetto è disegnato con linee nettamente tracciate, rette e cerchi ed ellissi, parallelogrammi di forze, diagrammi con ascisse e ordinate].

- *Per costruire un modello – Palomar lo sapeva –, occorre partire da qualcosa, cioè bisogna avere dei principi da cui far discendere per deduzione il proprio ragionamento:*
 - *Soggetto: (...) un modello;*
 - *Predicato: Per costruire (...).*

[perché un modello sia costruito];

- *Soggetto: Per costruire un modello;*
 - *Predicato: (...) occorre partire da qualcosa, (...).*
 - *Soggetto: Palomar (...);*
 - *Predicato: (...) lo sapeva (...);*
 - *Soggetto: verbo impersonale;*
 - *Predicato: (...) bisogna avere dei principi.*
 - *Soggetto: (...) da cui (...);*
 - *Predicato: (...) far discendere per deduzione il proprio ragionamento.*
- *Questi principi – detti anche assiomi o postulati – uno non se li sceglie ma li ha già, perché se non li avesse non potrebbe nemmeno mettersi a pensare.*
 - *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
 - *Predicato: (...) non se li sceglie ma*
 - *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
 - *Predicato: (...) li ha già, (...);*
 - *Soggetto: Questi principi (...);*
 - *Predicato: (...) detti anche assiomi o postulati (...);*
 - *Soggetto: sottinteso: Palomar;*
 - *Predicato: (...) e non li avesse (...)*
 - *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
 - *Predicato: (...) non potrebbe nemmeno mettersi a pensare.*
 - *Anche Palomar dunque ne aveva, ma – non essendo né un matematico né un logico – non si curava di definirli.*
 - *Soggetto: Anche Palomar (...);*
 - *Predicato: (...) dunque ne aveva, ma – (...);*
 - *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
 - *Predicato: (...) non essendo né un matematico né un logico – (...);*

[Palomar non era né matematico né un logico];

 - *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
 - *Predicato: (...) non si curava di definirli.*
 - *Dedurre era comunque una delle sue attività preferite, perché poteva dedicarsi da solo e in silenzio, senza speciali attrezzature, in qualsiasi posto e momento, seduto in poltrona o passeggiando.*
 - *Soggetto: Dedurre (...);*

- *Predicato: (...) era comunque una delle sue attività preferite.*

[La deduzione era comunque una delle sue attività preferite

- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) poteva dedicarsi da solo e in silenzio, senza speciali attrezzature, in qualsiasi posto e momento (...),*
- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) seduto in poltrona (...)*
- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) o passeggiando.*

[Palomar si dedicava alla deduzione mentre era seduto in una poltrona o passeggiava];

- *Verso l'induzione invece aveva una certa diffidenza, forse perché le sue esperienze gli parevano approssimative e parziali.*

- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) aveva una certa diffidenza.*
- *Soggetto: (...) le sue esperienze (...);*
- *Predicato: (...) gli parevano approssimative e parziali.*

- *La costruzione d'un modello era dunque per lui un miracolo d'equilibrio tra i principi (lasciati nell'ombra) e l'esperienza (inafferrabile), ma il risultato doveva avere una consistenza molto più solida degli uni e dell'altra.*

- *Soggetto: La costruzione d'un modello (...);*
- *Predicato: (...) era dunque per lui un miracolo d'equilibrio tra tra i principi (lasciati nell'ombra) e l'esperienza (inafferrabile);*
- *Soggetto: (...) i principi (...);*
- *Predicato: (lasciati nell'ombra) e (...);*

[i principi erano lasciati nell'ombra];

- *Soggetto: (...) il risultato (...);*
- *Predicato: (...) doveva avere una consistenza molto più solida degli uni e dell'altra.*

- *In un modello ben costruito, infatti, ogni dettaglio dev'essere condizionato dagli altri, per cui tutto si tiene con assoluta coerenza, come in un meccanismo dove se si blocca un ingranaggio tutto si blocca.*

- *Soggetto: ogni dettaglio (...);*
- *Predicato: (...) dev'essere condizionato dagli altri, (...);*

- *Soggetto: (...) tutto (...);*
 - *Predicato: (...) si tiene con assoluta coerenza, come in (...);*
 - *Soggetto: (...) un meccanismo (...);*
 - *Predicato: (...) dove se si blocca un ingranaggio (...);*
 - *Soggetto: (...) tutto (...);*
 - *Predicato: (...) si blocca.*
- *Il modello è per definizione quello in cui non c'è niente da cambiare, quello che funziona alla perfezione; mentre la realtà vediamo bene che non funziona e che si spappola da tutte le parti; dunque non resta che costringerla a prendere la forma del modello, con le buone o con le cattive.*
- *Soggetto: Il modello (...);*
 - *Predicato: (...) è per definizione (...)*
 - *Soggetto: (...) in cui (...);*
 - *Predicato: (...) non c'è niente da cambiare (...);*
 - *Soggetto: (...) che (...);*
 - *Predicato: (...) funziona alla perfezione;*
 - *Soggetto: Sottinteso (noi);*
 - *Predicato: (...) vediamo bene (...)*
 - *Soggetto: (...) che (...);*
 - *Predicato: (...) non funziona (...).*
 - *Soggetto: (...) che (...);*
 - *Predicato: (...) si spappola da tutte le parti.*
 - *Soggetto: sottinteso (Palomar)*
 - *Predicato: (...) costringerla a prendere la forma del modello, con le buone o con le cattive (...);*
- [non resta a Palomar costringere la realtà]
- *Verbo impersonale*
 - *Predicato: (...) non resta (...);*
- *Per molto tempo il signor Palomar si è sforzato di raggiungere un'impassibilità e un distacco tali per cui ciò che conta è solo la serena armonia delle linee del disegno:*
- *Soggetto: il signor Palomar (...);*
 - *Predicato: (...) si è sforzato di raggiungere (...);*
 - *Soggetto: un'impassibilità e un distacco tali per cui (...);*

- *Predicato: (...) di raggiungere (...);*

[Palomar si è sforzato che una impassibilità fosse raggiunta].

- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) conta (...);*
- *Soggetto: (...) ciò che conta (...);*
- *Predicato: (...) è solo la serena armonia delle linee del disegno.*

- *tutte le lacerazioni e contorsioni e compressioni che la realtà umana deve subire per identificarsi al modello dovevano essere considerate accidenti momentanei e irrilevanti.*

- *Soggetto: (...) la realtà umana (...);*
- *Predicato: (...) deve subire (...);*
- *Soggetto: sottinteso (la realtà umana);*
- *Predicato: (...) per identificarsi al modello (...);*

[la realtà umana deve identificarsi al modello]

- *Soggetto: Sottinteso (tutte le lacerazioni e contorsioni e compressioni);*
- *Predicato: (...) dovevano essere considerate accidenti momentanei e irrilevanti.*

- *Ma se per un istante egli smetteva di fissare l'armoniosa figura geometrica disegnata nel cielo dei modelli ideali, gli saltava agli occhi un paesaggio umano in cui le mostruosità e i disastri non erano affatto spariti e le linee del disegno apparivano deformate e contorte.*

- *Soggetto: (...) egli (...);*
- *Predicato: (...) smetteva di fissare (...);*
- *Soggetto: sottinteso (egli)*
- *Predicato: di fissare (...);*

[Egli non fissava l'armoniosa figura geometrica]

- *Soggetto: (...) l'armoniosa figura geometrica (...);*
- *Predicato: (...) disegnata nel cielo dei modelli ideali (...);*

[L'armoniosa figura geometrica è stata disegnata nel cielo dei modelli ideali];

- *Soggetto: (...) un paesaggio umano (...);*
- *Predicato: (...) gli saltava agli occhi un paesaggio umano in cui (...);*
- *Soggetto: (...) le mostruosità e i disastri (...);*

- *Predicato: (...) non erano affatto spariti e (...);*
 - *Soggetto: (...) le linee del disegno (...);*
 - *Predicato: (...) apparivano deformate e contorte.*
 - *Quel che ci voleva allora era un sottile lavoro d'aggiustamento, che apportasse graduali correzioni al modello per avvicinarlo a una possibile realtà, e alla realtà per avvicinarla al modello.*
 - *Soggetto: Quel che (...);*
 - *Predicato: (...) ci voleva (...);*
 - *Soggetto: Quel che ci voleva (...);*
 - *Predicato: (...) era un sottile lavoro d'aggiustamento (...);*
 - *Soggetto: (...) che (...);*
 - *Predicato: (...) apportasse graduali correzioni al modello per (...);*
 - *Soggetto: (...) modello (...);*
 - *Predicato: (...) avvicinarlo a una possibile realtà (...);*
 - *Soggetto: (...) realtà (...);*
 - *Predicato: (...) avvicinarla al modello (...);*
 - *Infatti il grado di duttilità della natura umana non è illimitato come in un primo tempo egli credeva; e in compenso anche il modello più rigido può dar prova d'una qualche elasticità inaspettata:*
 - *Soggetto: il grado di duttilità della natura umana (...);*
 - *Predicato: (...) non è illimitato come in un primo tempo (...);*
 - *Soggetto: egli (...);*
 - *Predicato: (...) credeva.*
 - *Soggetto: (...) il modello più rigido;*
 - *Predicato: (...) può dar prova d'una qualche elasticità inaspettata.*
 - *Insomma se il modello non riesce a trasformare la realtà, la realtà dovrebbe riuscire a trasformare il modello.*
 - *Soggetto: (...) il modello (...);*
 - *Predicato: (...) non riesce*
 - *Soggetto: sottinteso (il modello)*
 - *Predicato: a trasformare la realtà (...);*
- [Il modello non trasforma la realtà];*
- *Soggetto: (...) la realtà (...);*
 - *Predicato: (...) dovrebbe riuscire*

- *Soggetto: (...) la realtà*
- *Predicato: a trasformare il modello.*

[La realtà trasformerebbe il modello];

- *La regola del signor Palomar a poco a poco era andata cambiando:*

- *Soggetto: La regola del signor Palomar (...);*
- *Predicato: (...) a poco a poco era andata.*
- *Soggetto: La regola del signor Palomar (...);*
- *Predicato: cambiando.*

[La regola del signor Palomar cambiava].

- *adesso gli ci voleva una gran varietà di modelli, magari trasformabili l'uno nell'altro secondo un procedimento combinatorio, per trovare quello che calzasse meglio su una realtà che a sua volta era sempre fatta di tante realtà diverse, nel tempo e nello spazio.*

- *Soggetto: una gran varietà di modelli;*
- *Predicato: (...) gli ci voleva (...).*
- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) per trovare (...);*

[perché Palomar trovi quel modello]

- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) calzasse meglio su una realtà (...);*
- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) era sempre fatta di tante realtà diverse, nel tempo e nello spazio.*

- *In tutto questo, non che Palomar elaborasse lui stesso dei modelli o s'adoperasse ad applicarne dei già elaborati:*

- *Soggetto: Palomar (...);*
- *Predicato: (...) non elaborasse lui stesso dei modelli o (...);*
- *Predicato: (...) s'adoperasse ad applicarne dei già elaborati.*
- *Soggetto: Palomar (...);*
- *Predicato: (...) applicarne.*

[Palomar applicava dei modelli già elaborati]

- *egli si limitava a immaginare un giusto uso di giusti modelli per colmare l'abisso che vedeva spalancarsi sempre di più tra la realtà e i principi.*

- *Soggetto: egli (...);*

- *Predicato: (...) si limitava (...);*
- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) a immaginare un giusto uso di giusti modelli*

[Egli immaginava un giusto uso]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) per colmare (...);*

[Egli voleva colmare l'abisso]

- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) vedeva (...);*
- *Soggetto: (...) l'abisso (...);*
- *Predicato: (...) spalancarsi sempre di più tra la realtà e i principi.*

[l'abisso si spalanca sempre di più tra la realtà e i principi]

- *Insomma, il modo in cui i modelli potevano essere manovrati e gestiti non entrava nelle sue competenze né nelle sue possibilità d'intervento.*

- *Soggetto: (...) i modelli (...);*
- *Predicato: (...) potevano essere manovrati e gestiti (...);*
- *Soggetto: (...) il modo (...);*
- *Predicato: (...) non entrava nelle sue competenze né nelle sue possibilità d'intervento.*

- *Di queste cose s'occupano abitualmente persone molto diverse da lui, che ne giudicano la funzionalità secondo altri criteri:*

- *Soggetto: (...) persone molto diverse da lui (...);*
- *Predicato: (...) s'occupano abitualmente di queste cose, (...);*
- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) ne giudicano la funzionalità secondo altri criteri.*

- *Cosa questa abbastanza naturale, dato che ciò che i modelli cercano di modellare è pur sempre un sistema di potere; ma se l'efficacia del sistema si misura sulla sua invulnerabilità e capacità di durare, il modello diventa una specie di fortezza le cui spesse muraglie nascondono quello che c'è fuori.*

- *Soggetto: verbo impersonale*
- *Predicato: (...) dato (...);*
- *Soggetto: (...) i modelli (...);*
- *Predicato: (...) cercano di modellar (...);*
- *Soggetto: (...) ciò che i modelli cercano di modellare (...);*

- *Predicato: (...) è pur sempre un sistema di potere.*
- *Soggetto: (...) l'efficacia del sistema (...);*
- *Predicato: (...) misura sulla sua invulnerabilità*
- *Soggetto: (...) l'efficacia del sistema (...);*
- *Predicato: e capacità di durare (...);*

[L'efficacia del sistema dura];

- *Soggetto: (...) il modello (...);*
- *Predicato: (...) diventa una specie di fortezza le cui (...);*
- *Soggetto: (...) spesse muraglie (...);*
- *Predicato: (...) nascondono quello (...);*
- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) c'è fuori.*

- *Palomar che dai poteri e dai contropoteri s'aspetta sempre il peggio, ha finito per convincersi che ciò che conta veramente è ciò che avviene nonostante loro:*

- *Soggetto: Palomar (...);*
- *Predicato: (...) s'aspetta sempre il peggio;*
- *Soggetto: Palomar;*
- *Predicato: (...) ha finito (...);*
- *Soggetto: sottinteso (Palomar)*

[Palomar si convince]

- *Predicato: per convincersi*
- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) conta veramente (...)*
- *Soggetto: (...) conta veramente (...)*
- *Predicato: (...) è ciò che (...);*
- *Soggetto: (...) che (...);*
- *Predicato: (...) avviene nonostante loro.*

- *la forma che la società va prendendo lentamente, silenziosamente, anonimamente, nelle abitudini, nel modo di pensare e di fare, nella scala dei valori.*

- *Soggetto: la forma che la società (...);*
- *Predicato: (...) va prendendo lentamente, silenziosamente, anonimamente, nelle abitudini, nel modo*
- *Soggetto: la società (...);*

- *Predicato: (...) di pensare e*

[La società pensa];

- *Soggetto: sottinteso (la società)*
- *Predicato: di fare, nella scala dei valori.*

[La società fa];

- *Se le cose stanno così, il modello dei modelli vagheggiato da Palomar dovrà servire a ottenere dei modelli trasparenti, diafani, sottili come ragnatele; magari addirittura a dissolvere i modelli, anzi a dissolversi.*

- *Soggetto: (...) le cose (...);*
- *Predicato: (...) stanno così (...);*
- *Soggetto: (...) il modello dei modelli (...);*
- *Predicato: (...) vagheggiato da Palomar;*
- *Soggetto: (...) il modello dei modelli vagheggiato da Palomar*
- *Predicato: (...) dovrà servire a ottenere dei modelli trasparenti, diafani, sottili come ragnatele.*
- *Soggetto: sottinteso (il modello dei modelli vagheggiato da Palomar)*
- *Predicato: (...) dissolvere (...);*

[Il modello dei modelli vagheggiato da Palomar dissolve]

- *Soggetto: sottinteso (il modello dei modelli vagheggiato da Palomar)*
- *Predicato: (...) dissolversi.*

[Il modello dei modelli vagheggiato da Palomar si dissolve]

- *A questo punto a Palomar non restava che cancellare dalla sua mente i modelli e i modelli di modelli:*

- *Soggetto: (...) Palomar (...);*
- *Predicato: (...) non restava (...).*
- *Soggetto: Sottinteso (Palomar)*
- *Predicato: (...) cancellare dalla sua mente i modelli e i modelli di modelli:*

[Palomar cancella dalla sua mente (...)]

- *Compiuto anche questo passo, ecco si trova faccia a faccia con la realtà mal padroneggiabile e non omogeneizzabile, a formulare i suoi «sì», i suoi «no», i suoi «ma»:*

- *Soggetto: (...) anche questo passo (...);*
- *Predicato: compiuto (...).*

[anche questo passo si compiuta]

- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) si trova faccia a faccia con la realtà mal padroneggiabile e non omogeneizzabile, (...);*
- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: (...) a formulare i suoi «sì», i suoi «no», i suoi «ma».*

- *Per far questo, è meglio che la mente resti sgombra, ammobbiliata solo dalla memoria di frammenti d'esperienza e di principi sottintesi e non dimostrabili.*

- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
- *Predicato: Per far questo (...);*
- *Soggetto: la mente resti sgombra (...);*
- *Predicato: (...) è meglio che (...);*

[Che la mente resti sgombra è meglio per far questo]

- *Soggetto: (...) la mente (...);*
- *Predicato: (...) resti sgombra, ammobbiliata solo dalla memoria di frammenti d'esperienza e di principi sottintesi e non dimostrabili.*

- *Non è una linea di condotta da cui egli possa ricavare soddisfazioni speciali, ma è la sola che gli risulta praticabile.*

- *Soggetto: cancellare dalla sua mente i modelli e i modelli di modelli (...);*
- *Predicato: (...) non è una linea di condotta da cui (...);*
- *Soggetto: (...) egli (...);*
- *Predicato: (...) possa ricavare soddisfazioni speciali, (...);*
- *Soggetto: Cancellare dalla sua mente i modelli e i modelli dei modelli (...);*
- *Predicato: (...) è la sola che gli risulta praticabile.*

- *Finché si tratta di riprovare i guasti della società e gli abusi di chi abusa, egli non ha esitazioni (se non in quanto teme che, a parlarne troppo, anche le cose più giuste possano suonare ripetitive, ovvie, stracche):*

- *Predicato: si tratta⁵ (...);*
- *Soggetto: sottinteso (Palomar)*
- *Predicato: di riprovare i guasti della società e gli abusi*

[Palomar riprova i guasti della società]

- *Soggetto: (...) di chi (...);*
 - *Predicato: (...) abusa (...);*
 - *Soggetto: (...) egli (...);*
 - *Predicato: (...) non ha esitazioni (...);*
 - *Soggetto: sottinteso (egli) (...);*
 - *Predicato: (...) teme che, (...)*
 - *Predicato: (...) a parlarne troppo, (...).*
 - *Soggetto: (...) le cose più giuste (...);*
 - *Predicato: (...) possano suonare ripetitive, ovvie, stracche.*
- *Più difficile trova pronunciarsi sui rimedi, perché prima vorrebbe sincerarsi che non provochino guasti e abusi maggiori e che, se saggiamente predisposti da riformatori illuminati, possano poi essere messi in pratica senza danno dai loro successori:*

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) trova più difficile*
- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: pronunciarsi sui rimedi, (...);*

[Egli si pronuncia sui rimedi]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
 - *Predicato: (...) vorrebbe sincerarsi (...);*
 - *Soggetto: (...) i rimedi (...);*
 - *Predicato: (...) non provochino guasti e abusi maggiori.*
 - *Soggetto:(...) rimedi (...);*
 - *Predicato: (...) possano poi (...);*
 - *Soggetto: (...) rimedi (...);*
 - *Predicato: (...) essere messi in pratica senza danno dai loro successori.*
- *Non gli manca che esporre questi bei pensieri in forma sistematica, ma uno scrupolo lo trattiene:*
- *Soggetto: sottinteso (Palomar);*
 - *Predicato: (...) gli manca che*
 - *Soggetto: sottinteso (Palomar)*
 - *Predicato: esporre questi bei pensieri in forma sistematica.*

[Palomar espone questi bei pensieri in forma sistematica].

- *Soggetto: (...) uno scrupolo (...);*
- *Predicato: (...) lo trattiene.*
- *e se ne venisse fuori un modello?*
 - *Soggetto: (...) un modello (...);*
 - *Predicato: (...) ne venisse fuori (...);*
- *Così preferisce tenere le sue convinzioni allo stato fluido, verificarle caso per caso e farne la regola implicita del proprio comportamento quotidiano, nel fare o nel non fare, nello scegliere o escludere, nel parlare o nel tacere.*
 - *Soggetto: sottinteso (egli);*
 - *Predicato: (...) preferisce (...)*
 - *Soggetto: sottinteso (egli);*
 - *Predicato: (...) tenere le sue convinzioni allo stato fluido, (...).*

[Egli tiene]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) verificarle caso per caso e (...)*

[Egli verifica]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) farne la regola implicita del proprio comportamento quotidiano.*

[Egli fa la regola implicita del proprio comportamento umano]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) nel fare o nel (...);*

[Egli fa]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) non fare, (...);*

[Egli non fa]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) nello scegliere o (...);*

[Egli sceglie]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) escludere, (...);*

[Egli esclude]

- *Soggetto: sottinteso (egli);*

- *Predicato: (...) nel parlare o (...);*
[Egli parla]
- *Soggetto: sottinteso (egli);*
- *Predicato: (...) nel tacere.*
[Egli tace]

7.3 Análises sintática/lógica e inferência

As funções sintáticas desempenham um papel na compreensão e inferência de textos. Identificação de Relações entre Elementos: As funções sintáticas ajudam a estabelecer relações claras entre as palavras em uma frase. Por exemplo, identificar o sujeito e o predicado em uma sentença permite entender quem está realizando a ação e o que está sendo dito sobre o sujeito. Essas relações são essenciais para inferir o significado de uma frase ou passagem. Por exemplo, na frase “Contam que um admirador de Albert Einstein foi visitar o mestre em sua casa”, o sujeito é “um admirador de Albert Einstein” e o predicado é “foi visitar o mestre em sua casa”. Isso nos ajuda a entender a ação do admirador em relação a Einstein.

Na frase “*Nella vita del signor Palomar c'è stata un'epoca in cui la sua regola era questa*”, o sujeito é “*un'epoca*” e o predicado é “*c'è stata*”. Isso nos ajuda a entender a fase da vida de Palomar e suas regras de pensamento. as construções *c'è* e *ci sono* da língua italiana geralmente são traduzidas para o português com o verbo *haver* como pode-se depreender da tradução dessa frase: “Houve na vida do senhor Palomar uma época em que sua regra era esta:”. Penso que cabe aqui um estudo particular para essa ocorrência. Com esse intuito, além das gramáticas já analisadas, foram utilizados também os dicionários *Lo Zingarelli* para a Língua italiana e o Houaiss para Língua portuguesa.

Assim, verificou-se que em Língua portuguesa as orações formadas com o verbo *haver* não têm sujeito, mas nas orações formadas com o seu equivalente em Língua italiana, o verbo *esserci*, são formadas com o sujeito colocado após o verbo e concordando com ele.

Quadro 15 - contraste verbo haver e verbo *esserci*

Trifone e Palermo	Dardano e Trifone	Zingarelli	Bechara	Azeredo	Dicionário Houaiss
“(...) <i>spesso sono usati [ci e vi] con il verbo essere nel senso generico di “esistere”, “trovarsi”: c’è molto da fare in casa; ci sono tanti nuovi film da vedere</i> ”. ⁵¹ (Trifone e Palermo, 2007, p. 100)	“(...) <i>Ci e vi sono particolarmente usati in costruzione con il verbo essere nel senso generico di ‘esistere, trovarsi’: c’era una volta...; c’è ancora qualche posto libero in sala; vi sono tanti tipi strani nel mondo</i> ”; ⁵² (Dardano e Trifone, 1996, p. 165).	Esserci , exprime presença, existência: non ci sono uomini perfetti; non c’è nessuno che sia così ingenuo; ⁵³ (...) (Lo Zingarelli, 2010, p. 820).	A chamada 3. ^a pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito. (...) Os principais verbos ou expressões impessoais da língua são: (...)b) haver e ser em orações equivalentes às constituídas com existir, do tipo de: Há bons livros. Eram vinte pessoas no máximo. (Bechara, 2019, p. 431).	“As orações desprovidas de sujeito formam um conjunto à parte na sintaxe do português. Elas são formadas pelos verbos chamados ‘impessoais’, integrantes de uma lista finita. (...) a) o verbo haver (ou ter, no uso coloquial brasileiro) empregado nas acepções de ‘existir’ e de ‘acontecer’: Não havia alunos suficientes para a formação de uma turma. Houve pelo menos dois acidentes na estrada. (...)” (Azeredo, 2014, p.232, 235).	Haver (...) t.d. [impessoal] ter existência (material ou espiritual); existir (para ela, só há no mundo o neto) (não havia mulher que ele não desejasse) (haverá deuses, enquanto alguém neles acreditar) (quando há paixão, não raro o ciúme aparece) (...)” (Houaiss, 2001, p. 1508).

Fonte: A autora, 2024.

⁵¹ "(...) frequentemente são usados [ci e vi] com o verbo *essere* com o sentido genérico de "existir", "encontrar-se": há muito o que fazer em casa; há muito filmes novos a serem vistos" (tradução livre).

⁵² *Ci e vi* são particularmente usados em construções com o verbo *essere* no sentido genérico de "existir, encontrar-se": era uma vez...; ainda há um lugar livre na sala; há muitos tipos estranhos no mundo (tradução livre).

⁵³ *Esserci* exprime presença, existência: não há homens perfeitos; não há ninguém que seja tão ingênuo (tradução livre).

Ao desenvolver as análises sintática e lógica de ambos os textos, depreendeu-se que há diferenças em como os Sujeitos podem ser classificados: O Sujeito sintático (ou gramatical) é implícito (o que em outrora era chamado de Sujeito oculto), ou é um pronome. Já o Sujeito semântico é aquele que efetivamente promove a ação, processo ou estado designado pelo verbo. Por exemplo, nas sequencias a seguir:

“Não estava dormindo. Estava pensando. Sempre fazia isso. Sentava naquela poltrona, atirava a cabeça para trás, fechava os olhos e deixava o cérebro funcionar” (Veríssimo, 2020, p.359).

“Così preferisce tenere le sue convinzioni allo stato fluido, verificarle caso per caso e farne la regola implicita del proprio comportamento quotidiano, nel fare o nel non fare, nello scegliere o escludere, nel parlare o nel tacere” (Calvino, 2002 p.138).

Há verbos que não apresentam o Sujeito explícito, mas que pode ser apreendido pelo contexto. Do primeiro exceto, sabe-se que “quem não estava dormindo, mas pensando” era Einstein, e do segundo que quem *“preferisce tenere le sue convinzioni allo stato fluido, verificarle caso per caso e farne la regola implicita del proprio comportamento quotidiano”* é Palomar.

A conclusão a que se chegou é próxima da que chegou Palomar: é necessário um modelo, mas que não seja rígido, sendo possível e até necessária a criação de um modelo de análise para cada caso, para cada situação, ou seja, no contexto da análise sintática/lógica deve-se perceber o contexto ao qual cada termo se encontra no discurso. A compreensão das relações dentro da sintaxe está além da mera análise da sua estrutura (Sujeito, verbo, complementos).

As funções sintáticas também auxiliam na construção de frases coesas, garantindo que os elementos de uma frase ou entre frases estejam logicamente conectados. Isso facilita a compreensão do texto como um todo e ajuda na inferência de informações que podem não ser explicitamente declaradas.

Por exemplo, as frases “Einstein nem abriu os olhos. Fez que sim com a cabeça” demonstram como os eventos estão relacionados, contribuindo para a compreensão da cena.

As frases *“Questo procedimento, elaborato dai fisici e dagli astronomi che indagano sulla struttura della materia e dell’universo, pareva a Palomar il solo che gli permettesse d’affrontare i più aggrovigliati problemi umani”* demonstram como Palomar relaciona seu método com a abordagem científica.

Pronomes e outras palavras de referência dependem das funções sintáticas para serem corretamente interpretadas. Por exemplo, entender a função sintática de um pronome como

“ele” ou “ela” requer que você identifique seu antecedente na frase. Isso é crucial para inferir quem ou o que está sendo referenciado.

Como o pronome “ele” referindo-se a Einstein. Isso é importante para entender *quem* ou o *que* está sendo mencionado em cada parte do texto. Isso é crucial para entender quem ou o que está sendo mencionado em cada parte do texto. como pronome “*egli*” referindo-se a Palomar. Isso é crucial para entender quem ou o que está sendo mencionado em cada parte do texto.

As funções sintáticas ajudam a identificar a estrutura lógica do argumento, incluindo as premissas, a conclusão e as relações entre elas. Isso permite que os leitores avaliem a validade do argumento e façam inferências sobre sua eficácia persuasiva. Embora não seja explicitamente um texto argumentativo, há uma estrutura argumentativa subjacente na reflexão de Einstein sobre seu processo de pensamento e a necessidade de resistir à metafísica. As funções sintáticas ajudam a identificar as partes desse argumento e como elas se relacionam.

O texto segue uma estrutura argumentativa em que Palomar elabora sua abordagem para resolver questões sociais e governamentais através da construção de modelos mentais. As funções sintáticas ajudam a identificar as partes desse argumento e como elas se relacionam.

A escolha das funções sintáticas pode influenciar o estilo e o tom de um texto. Por exemplo, frases curtas e diretas podem transmitir um tom assertivo, enquanto frases complexas e subordinadas podem sugerir um estilo mais formal ou acadêmico. Entender essas nuances ajuda na inferência sobre a intenção do autor e a interpretação do texto.

O estilo do texto “Metafísica” é informal e narrativo, com um toque de humor. As funções sintáticas auxiliam na interpretação desse estilo, ajudando a identificar o tom das falas dos personagens e as nuances de sua interação. Em Palomar, o estilo do texto é reflexivo e contemplativo, com uma abordagem filosófica. As funções sintáticas auxiliam na interpretação desse estilo, ajudando a identificar o tom das reflexões de Palomar e as nuances de sua abordagem.

As funções sintáticas são essenciais para a compreensão da estrutura e do significado do texto, facilitando a inferência de informações sobre o pensamento e as ações de Palomar em relação aos problemas sociais e governamentais que ele enfrenta. Assim, as funções sintáticas fornecem o arcabouço necessário para entender a estrutura e o significado das sentenças, facilitando a inferência de informações e o entendimento do texto como um todo.

No contexto da inferencialidade, Peirce argumentou que a compreensão do significado de um signo ocorre através do processo de inferência, no qual um signo leva a outro em uma cadeia de raciocínio. E raciocínio é inferência (Chauí, 2005, 110). A análise das funções

sintáticas dos signos é crucial para entender como essa inferência ocorre. Por exemplo, a estrutura sintática de uma proposição pode indicar relações lógicas entre seus componentes, como causa e efeito, condição e consequência etc.

Portanto, a análise das funções sintáticas na semiótica de Peirce está intimamente ligada à compreensão da inferencialidade, pois ambos os aspectos estão envolvidos na interpretação e na produção de significado através dos signos.

todas as proposições ordinárias se referem ao universo real e, habitualmente, ao meio circundante mais próxima (...). São as circunstâncias sob as quais a proposição é pronunciada ou escrita que indicam esse meio circundante com aquilo a que se refere. Contudo, elas o fazem não apenas como índice desse meio ambiente, mas como evidência de uma relação intencional do discurso com seu objeto, relação esta que ele não poderia ter se não se destinasse a ser um signo (Peirce, 2008, pg. 101).

(...)

Quando o sujeito não é um nome próprio ou outra designação de um individual dentro da experiência (próxima ou remota) tanto do elocutor como do ouvinte, o lugar de tal designação é tomado como um preceito virtual que declara como deve o ouvinte proceder a fim de encontrar um objeto ao qual a proposição se destina a fazer referência (Peirce, 2008, pg. 102)

Segundo Peirce (2008, p. 51), os signos são divisíveis conforme três tricotomias;

1ª) conforme o signo em si mesmo:

- for uma mera qualidade – qualissigno;
- um existente concreto – sinsigno;
- ou uma lei geral – legissigno.

2ª) conforme a relação do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo ter algum

- caráter em si mesmo – ícone;
- manter alguma relação existencial com esse objeto – índice;
- em sua relação com um interpretante – símbolo;

3ª) conforme seu Interpretante representá-lo como um signo:

- possibilidade – rema;
- como um signo de fato – dicissigno ou dicente;
- como um signo de razão – argumento.

Quadro 16 – as tricotomias de Peirce

Relação	Signo-meio	Signo-objeto	Signo-interpretante
Signo-meio	Qualissigno	Sinsigno	Legissigno
Signo-objeto	Índice	Ícone	Símbolo
Signo-interpretante	Rema ou sumissignos	Dicente ou dicissigno	Argumento ou suadissignos

Fonte: Epstein, 1990, p. 51.

A partir desse quadro, destaca-se a definição de dicissigno pois é a categorização de Peirce, que se aproxima da análise da proposição simples, tal como a seguir.

(...) um Dicissigno, definido como um *Representamen* cujo Interpretante o representa como um Índice de seu Objeto, deve ter as seguintes características:
 Primeira: A fim de ser compreendido, deve ser considerado como tendo duas partes. Destas, uma, *que pode ser chamada de Sujeito*, é ou representa um Índice de um Segundo existente independentemente de ser representado, enquanto que a outra, *que pode ser chamada de Predicado*, é ou representa um Ícone de uma Primeiridade (ou qualidade, ou essência); Segunda: Estas duas partes devem ser representadas como conectadas; e de uma tal forma que, se o Dicissigno tiver algum Objeto, ele (o Dicissigno) deve ser um Índice de uma Secundidade que subsiste entre o Objeto Real representado numa parte representada do Dicissigno a ser indicado e uma Primeiridade representada na outra parte representada do Dicissigno a ser Iconizado (2008, p. 79).

Ainda segundo Peirce, dicissigno é o tipo de signo que veicula informação (2008, p. 77), é representado como sendo um *índice* de seu *objeto* (idem, p. 78). É um signo que indica uma existência específica para seu *interpretante* (Rodrigues, 2017), ou seja, no nível da relação entre a teoria de Peirce e as funções sintáticas, o sujeito em uma frase pode ser considerado o “signo” que aponta para o “objeto”. Esse objeto é o objeto semiótico, ou seja, aquilo que é representado pelo signo e não deve ser confundido com o objeto complemento de verbo.

Assim, o conceito de *dicissigno*, ou *dicente*, pode ser desenvolvido conforme a seguir: “na relação signo interpretante Dicissigno é capaz de ser afirmado e, portanto, logicamente pode ser verdadeiro ou falso” (Epstein, 1990, p. 50). Essa definição assemelha-se a de proposição pela lógica.

Desse modo na sentença a seguir:

Um admirador de Albert Einstein foi visitar o mestre em sua casa (LFV).

Sendo “*um admirador de Albert Einstein*”, o sujeito, o “signo” que está apontando para o objeto (o homem que está indo visitar o cientista). No texto *Metafísica* (anexo A), as relações triádicas são analisadas de modo que em cada sentença no texto pode ser vista como um signo composto pelo *representamen* (a própria sentença ou frase), o objeto (o conteúdo ou a ideia que a sentença visa representar) e o interpretante (a interpretação que o leitor faz da sentença). Por exemplo, na frase “Einstein nem abriu os olhos. Fez que sim com a cabeça”, o *representamen* é a descrição das ações de Einstein, o objeto é a indiferença ou o profundo pensamento de Einstein, e o interpretante é a compreensão de que ele estava profundamente envolvido em seus pensamentos e não perturbado pela ação do ratinho.

A interação dinâmica entre os elementos do texto e o leitor é um exemplo de semiose, no qual o significado é construído através das ações descritas e da interpretação dos símbolos e índices. A maneira como o visitante e os leitores interpretam o comportamento de Einstein e as ações do ratinho refletem um processo contínuo de significação e reinterpretação baseado em novos elementos que surgem ao longo do texto.

Analisar a sintaxe do texto “Metafísica” com a semiótica de Peirce nos permite ver além da estrutura gramatical e considerar como as frases funcionam como signos dentro de um processo de comunicação mais amplo. Este método revela não apenas a estrutura superficial da linguagem, mas também como o texto constrói significado de maneira dinâmica e contextualizada.

“O mundo real não pode ser distinguido do mundo fictício por nenhuma descrição” (Peirce, 2008, p. 91).

Com respeito a sua relação para com o interpretante, o signo será um Rema, um Dicente ou Argumento. Essa divisão corresponde à velha divisão, Termo, Proposição, Argumento, modificada de modo a se tornar aplicável aos signos de modo geral (Peirce, 1975, p. 144).

Um dicente como signo representado em seu interpretante *como se estivesse* em Relação Real para com seu Objeto (ou como estando em tal relação se for asseverado (idem, p. 145).

nossa definição do Dicissigno mais do que reconhece verdade de que ao fazer essa enunciação (supondo-se que a proposição seja um Dicissigno) seu Interpretante (isto é, a representação mental, ou o pensamento, que ela tende a determinar) representa a proposição como um índice genuíno de um Objeto Real, independente da representação (...).

Procedamos agora a uma comparação entre as conclusões que derivam da definição abstrata de um Dicissigno com os fatos relativos às proposições. A primeira conclusão é que toda proposição contém um Sujeito e um Predicado, com o primeiro representando (ou sendo) um Índice do Objeto Primeiro, ou Correlato da relação representada, e o último representando (ou sendo) um Ícone do Dicissigno, sob algum aspecto (Idem, p. 80).

Na inferencialidade, um signo pode conduzir a outro signo através de uma relação de semelhança (ícone), uma relação de contiguidade (índice) ou uma relação de convenção (símbolo).

Sujeito – índice do objeto;

Predicado – ícone.

Símbolo é algo convencionalizado e arbitrário, e as palavras são símbolos⁵⁴. No entanto, em algum momento da história de cada palavra, houve alguma motivação para o que cada uma designaria. Especificamente, nesse estudo, a palavra *sujeito*, designando aquele a quem é atribuído um predicado, teve uma motivação oriunda das categorizações lógicas. Nesse sentido, conforme a tipologia dos signos de Peirce, o signo *sujeito* pode ser entendido como um *índice*, visto que há uma ligação com a categorização proveniente da lógica/filosofia.

⁵⁴ “Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são Símbolos” (Peirce, 2008, p. 71).

7.4 Relações triádicas entre sujeito/predicado e *soggetto/predicato*

Peirce classificaria o sujeito como o signo que indica o objeto (aquele sobre o qual se faz uma declaração), e o predicado como o signo que descreve o objeto, constituindo uma relação triádica com o interpretante, que é o conceito mental gerado no intérprete. Desse modo, foi desenvolvido o quadro a seguir no qual, pode-se observar que para que haja o interpretante é preciso ir para além das estruturas sintática, sendo necessário também observar o contexto geral na qual sujeitos e predicados se relacionam.

Quadro 17 - relações triádicas entre sujeito/ predicado e *soggetto* e *predicato*

	Sujeito	Predicado	Interpretante		<i>Soggetto</i>	<i>Predicato</i>	Interpretante
Língua Portuguesa	Um admirador de Albert Einstein	Foi visitar o mestre em sua casa e o encontrou estirado numa poltrona, com a cabeça para trás e os olhos fechados. Não querendo perturbar o aparente repouso do professor, o visitante sentou-se num canto e ficou esperando.	O visitante vê o professor descansando e decide esperar.	Língua Italiana	<i>Il signor Palomar</i>	<i>Ha avuto un'epoca in cui la sua regola era costruire nella sua mente un modello perfetto, logico, geometrico, verificare se il modello s'adatta ai casi pratici, apportare le correzioni necessarie.</i>	Palomar tenta aplicar métodos científicos aos problemas humanos.

	O professor	Continuava estirado na poltrona, a cabeça para trás e os olhos fechados.	O professor parece estar descansando, mas está pensando.		<i>Palomar</i>	<i>Pensava che questo procedimento fosse il solo che permettesse d'affrontare i problemi umani, della società e del miglior modo di governare.</i>	Palomar usa a ciência para entender e governar a sociedade.
	O visitante	Viu um ratinho aparecer debaixo da mesa e dirigir-se para os pés de Albert Einstein. Ficou em pânico e pensou no que fazer.	O visitante fica ansioso sobre como lidar com a situação.		<i>La realtà</i>	<i>Era informe e dissennata, generando mostruosità e disastri.</i>	A realidade humana é complexa e caótica, contrastando com o modelo ideal.
	O ratinho	Chegou até o pé direito de Einstein e deu uma mordidinha no seu dedão pelo buraco do chinelo.	A mordida do ratinho serve como um “sinal divino” para Einstein.		<i>Un modello d'organismo sociale perfetto</i>	<i>Doveva essere disegnato con linee nettamente tracciate, rette e circoli, parallelogrammi di forze, diagrammi con ascisse e ordinate.</i>	A necessidade de um modelo social estruturado e lógico.

Einstein	Abriu os olhos e viu o visitante no canto. Disse que não estava dormindo, estava pensando.	Einstein explica seu processo de pensamento e a “cosquinha”.	<i>Sapeva che per costruire un modello occorre partire da qualcosa, avere dei principi, assiomi o postulati, che già si hanno.</i>	Palomar reconhece a importância dos princípios fundamentais.
A mente de Einstein	Tinha uma tendência muito grande para a metafísica, escapava ao controle.	Einstein descreve o desafio de manter o foco na física.	<i>Non si curava di definirli, dedicandosi alla deduzione da solo, in silenzio.</i>	A prática solitária e introspectiva de Palomar ao construir modelos.
O visitante	Engoliu em seco.	A reação do visitante reflete seu espanto e respeito por Einstein.	<i>Aveva una certa diffidenza verso l'induzione, forse per esperienze approssimative.</i>	A preferência de Palomar pela dedução sobre a indução.
O visitante	Perguntou se Einstein tinha uma explicação para a cosquinha no dedão.	O visitante busca uma explicação racional para o fenômeno.	<i>La costruzione d'un modello</i> <i>Era un miracolo d'equilibrio tra i principi e l'esperienza.</i>	A construção de um modelo equilibrado e coerente segundo Palomar.

Einstein	Disse que a cosquinha só podia ser explicada como um sinal divino e que precisava resistir à metafísica.	Einstein reconhece a limitação da ciência em explicar tudo.
O visitante	Procurou o ratinho com o olhar mas não o avistou. Além de tudo, era modesto.	O visitante percebe a modéstia de Einstein mesmo diante do inexplicável.

Fonte: A autora, 2023.

<i>Un modello ben costruito</i>	<i>Ogni dettaglio dev'essere condizionato dagli altri, come in un meccanismo.</i>	A interdependência dos elementos em um modelo bem construído.
<i>La realtà</i>	<i>Non funziona e si spappola da tutte le parti, costringendola a prendere la forma del modello.</i>	A diferença entre a realidade e o modelo ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há a concordância entre Língua Portuguesa e Língua Italiana: a estrutura da frase em sujeito e predicado, como já era observado por Aristóteles. O que procurei demonstrar foi que as análises *sintática* e *lógica* estão em um *continuum*. A semiótica de Peirce e o estruturalismo de Saussure representam duas abordagens distintas no estudo dos signos e da linguagem. Enquanto Saussure concentra-se principalmente na relação entre signo e significado dentro de um sistema linguístico fechado, Peirce amplia essa visão ao considerar os signos como entidades dinâmicas e contextuais, interligadas por relações triádicas de representação. Ele enfatiza a natureza triádica dos signos, composta por um signo representante, um objeto representado e um interpretante que media essa relação. Assim, enquanto Saussure enfatiza a estrutura estática e arbitrária da linguagem, Peirce propõe uma visão mais dinâmica e relacional, que incorpora a interpretação e o contexto na produção de significado.

A análise sintática da língua portuguesa e a análise lógica da língua italiana centram-se na estrutura gramatical, identificando o sujeito e o predicado como componentes essenciais da sentença. A semiótica de Peirce, ao estudar como os signos representam e comunicam significados, amplia essa perspectiva ao considerar como os signos (sujeito e predicado) são interpretados. Peirce classificaria o sujeito como o signo que indica o objeto (aquele sobre o qual se faz uma declaração), e o predicado como o signo que descreve o objeto, constituindo uma relação triádica com o interpretante, que é o conceito mental gerado no receptor. Assim, a compreensão semiótica enriquece a análise gramatical ao considerar não apenas a estrutura, mas também a dinâmica interpretativa entre os signos e seus significados nos contextos comunicativos das línguas.

As palavras que nomeiam os termos da frase, sujeito/predicado em língua portuguesa e *soggetto/predicato* em língua italiana, sob a perspectiva da Semiótica de Peirce, podem ser consideradas *índice*, visto que têm uma origem comum com a lógica aristotélica em uma perspectiva diacrônica. Em uma perspectiva sincrônica, também podem ser consideradas *símbolos*, porque entre as palavras e o que elas denotam há uma relação estabelecida socialmente.

Nota-se que a teoria de Peirce seria mais abrangente que a de Saussure quando em alguns momentos em sua 39ª edição, a *Moderna Gramática Portuguesa (...)*, aludindo à influência do mundo extralinguístico no entendimento da análise sintática com expressões como “realidade designada” (Bechara, 2019, p. 429); “o nosso saber do mundo” (Bechara, 2019, p. 433) e

quando disserta sobre sujeito “Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de agente e paciente. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal” (Bechara, 2019, p. 435).

A necessidade da criação da NGB (1959) aconteceu porque, até então, cada autor designava os termos da frase de acordo com suas convicções então havia “um total conflito no emprego dos termos” (Henriques, 2009, p.16). Na *Moderna Gramática*, no tópico que trata de orações com sujeito indeterminado com o pronome *se*, o autor faz a seguinte observação “Divergem os autores na classificação deste tipo de indeterminação com o pronome *se*; para uns, trata-se de oração de sujeito indeterminado, para outros, de oração sem sujeito” (Bechara, 2019, p. 433). Ou seja, mesmo depois de 60 anos de NGB ainda há releituras possíveis de como são classificados os termos da frase.

A separação da proposição entre sujeito e predicado reflete diretamente a estrutura básica das proposições na lógica aristotélica, na qual um sujeito é identificado e o predicado é algo afirmado sobre ele. Esta estrutura dicotômica se reflete tanto no português quanto no italiano, demonstrando a influência duradoura da lógica clássica na gramática de ambas as línguas.

Percebeu-se nas gramáticas, tanto de Língua portuguesa quanto de Língua italiana, a tendência à utilização das valências, o que parece ser uma inclinação para se dispor da Semântica e Pragmática na análise das sentenças. Na gramática do professor Azeredo, os termos que se ligam ao verbo são chamados de *termos adjacentes* (ex. p. 212). O autor fala de análise sintática ao tratar da classe de palavras. Exemplo disso pode ser visto no capítulo nono quando há a classificação da tipologia dos verbos. Nota-se também, em Azeredo, uma tendência a se adotar o conceito de *papéis temáticos*, como se pode notar no tópico 9.4, quando fala do contínuo que existe entre os verbos intransitivos e os verbos transitivos.

Assim como tantas outras distinções que fazemos ao analisar a estrutura da língua, a distribuição dos verbos em transitivos e intransitivos nos termos expostos acima é simplista, visto que iguala, com prejuízo para a descrição, uma grande variedade de tipos. Isto não é uma crítica, até porque todos os nossos mestres do passado reconheciam esse fato. Não há uma fronteira rígida entre verbos transitivos e verbos intransitivos; o que há é um contínuo, em cujos extremos se encontram o verbo que sempre recusa complemento (ex.: *nascer*) e o verbo que sempre seleciona complemento (ex.: *fazer*). Na ampla faixa que medeia entre estes dois tipos temos uma rica variedade de casos. Nota-se nessa faixa uma gradação do vínculo entre o verbo (p. 214-215).

(...)

temos visto que, ao se vincular a um verbo, um sintagma nominal contrai com ele uma relação sintática (*sujeito, complemento*) e uma relação semântica (*agente, paciente, instrumento*) (p. 270).

(...)

OS SIGNIFICADOS RELACIONAIS DO SUJEITO (...) cada constituinte que se vincula a um verbo não só trava com ele uma relação sintática (*sujeito, complemento,*

adjunto), mas ainda desempenha na oração, por meio dele, um papel semântico (agente, paciente, espaço).

Verbos que denotam ação envolvendo um sujeito e um objeto referentes a seres animados atribuem ao primeiro o papel de agente e ao segundo o de paciente, como em:

O cão perseguiu o gato.

O gato perseguiu o cão.

em que cão e gato trocam de papéis semânticos em virtude da troca de funções sintáticas. Os papéis semânticos, também chamados temáticos, são categorias concebidas mentalmente que aplicamos às entidades designadas pelos termos componentes do enunciado: agente, paciente, instrumento, situação, direção, origem, causa, meio, atributo, identidade, beneficiário são alguns deles.

O verbo é uma espécie de eixo que articula os papéis semânticos entre si. A agentividade ou a instrumentalidade de um constituinte são categorias mentalmente construídas e que se expressam formalmente na oração por meio de um verbo (O cão fareja ratos), de uma preposição (Os ratos são farejados pelo cão), de um sufixo (O cão é farejador de ratos). A obrigatoriedade sintática de sua presença junto ao verbo faz do sujeito, porém, um lugar sintático capaz de abrigar uma grande variedade de papéis semânticos: agente (O menino descascou a laranja), paciente (A laranja foi descascada pelo menino), instrumento (Esta chave abre todas as portas), lugar (Esta sala abriga quarenta alunos), meio (Esta estrada leva ao mar), entre outros (Azeredo, 2014, p.272).

Sujeito e predicado são termos traduzidos: sujeito (*hypokeímenon*); predicado (*rhêma*). (Neves, 2011b). *Hypokeímenon* (grego: ὑποκείμενον) ou *hypokeimeno*. Mais tarde passa a frequentemente a ser referido como substrato material, é um termo na metafísica que literalmente significa “coisa subjacente” (latim: *subjectum*).

Procurar o *hypokeímenon* é procurar a substância que persiste em algo que está passando por mudança – sua essência básica. “O termo *hypokeímenon* significa ‘substrato’; é o que é ‘susceptível de receber predicação. Essa significação vem sugerida na própria definição aristotélica de substância: o que não é atribuído a nenhum sujeito e não é inerente a nenhum sujeito’ (Neves, 2005, p. 78).

A península ibérica, onde se encontra Portugal, e a península itálica foram colonizadas pelo império romano que por sua vez importou a filosofia de uma outra colônia sua, a Grécia, levando essa disciplina para terras colonizadas. Por sua vez o Brasil foi colônia de Portugal, que importou parte de sua cultura.

Percebeu-se uma tendência das gramáticas da Língua Portuguesa em caracterizar as partes do discurso tal como foi feito pelos primeiros estudiosos da língua. Não há, por exemplo, na gramática de Azeredo um capítulo exclusivo para a categorização da distinção das funções sintáticas: estas são expostas conforme são feitas as descrições das classes de palavras. Assim como a gramática de Neves (2011a) que já na sua apresentação explicita que:

(...) partindo do princípio de que é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função (...) a interpretação das categorias linguísticas não pode prescindir da investigação de seu comportamento na unidade maior – o texto –, que é a real unidade de função (p. 15).

A autora acredita na multifuncionalidade dos itens lexicais a partir da qual “muitos constituintes de uma construção entram em mais de uma configuração construcional” (p. 15).

Para Neves, “a real unidade em função é o texto, o que está colocado em exame é a construção de seu sentido, numa teia que é mais que mera soma de partes” (2011a, p. 15).

Há a tendência de as gramáticas adotarem a dimensão semântica na análise dos itens da língua, assim como já percebido no estudo de Língua Italiana pelas autoras do texto *Estudo contrastivo entre análise sintática portuguesa e análise lógica do italiano no período simples* (2008): “no nível sintático da descrição lingüística, a Língua Italiana é muito mais semântica ao classificar, principalmente, os complementos indiretos”.

A análise sintática na língua portuguesa e a análise lógica na língua italiana compartilham uma herança comum na tradição gramatical e filosófica ocidental, especialmente no que se refere à lógica aristotélica. No entanto, elas apresentam diferenças significativas tanto na abordagem quanto nos conceitos fundamentais. Vamos explorar essas duas tradições gramaticais e o papel da lógica aristotélica nelas, destacando os contrastes.

A análise sintática na língua portuguesa é, em grande parte, uma análise estrutural que foca nas funções das palavras e frases dentro de uma oração. Essa análise identifica os elementos constitutivos de uma frase e suas relações.

A sintaxe da língua portuguesa tende a seguir uma abordagem formalista, onde o foco está nas estruturas linguísticas, com menos ênfase na relação entre as estruturas e o significado lógico. Essa abordagem é influenciada por teorias gramaticais mais modernas, como a gramática gerativa.

Na tradição gramatical italiana, particularmente no ensino tradicional, é comum o uso da *analisi logica*, que tem raízes profundas na lógica aristotélica e no método escolástico. Essa análise foca em decompor uma frase para identificar a relação entre termos lógicos e conceitos universais.

Quanto às reminiscências com a Lógica Aristotélica, esta é, em essência, uma lógica de predicções, ou seja, como elementos podem ser relacionados entre si para formar juízos ou proposições. No contexto gramatical, isso influencia tanto a análise sintática quanto a lógica das línguas românicas, embora de maneiras diferentes.

Tanto na análise sintática portuguesa quanto na análise lógica italiana, os conceitos de sujeito e predicado derivam diretamente da lógica aristotélica. O sujeito é o “particular” sobre o qual algo é afirmado, enquanto o predicado é a “universalidade” atribuída a ele. Na gramática portuguesa, essa relação é mais gramatical, enquanto na análise lógica italiana, ela preserva uma relação mais próxima com a estrutura de proposições lógicas.

Na análise lógica italiana, reminiscências da distinção aristotélica entre substância (aquilo que existe por si mesmo) e acidente (aquilo que só existe em algo mais) podem ser observadas na maneira como atributos e complementos são tratados. Um atributo, por exemplo, é visto como um “acidente” que modifica uma “substância” (o sujeito), refletindo diretamente essa distinção filosófica. Já na análise sintática portuguesa, essa distinção não é explicitamente observada na terminologia gramatical moderna, mas pode estar implícita em algumas abordagens mais clássicas.

A lógica aristotélica distingue entre o que uma coisa “é” (sua essência) e o fato de que ela “existe”. Essa distinção, embora mais filosófica, pode ser encontrada de maneira sutil na análise lógica italiana, especialmente no tratamento de predicados e complementos que expressam modos de ser ou estados. Na análise sintática portuguesa, tal distinção não é geralmente relevante.

Tanto a análise sintática da língua portuguesa quanto a análise lógica da língua italiana têm suas raízes na tradição aristotélica, mas seguem caminhos diferentes. A análise sintática portuguesa é mais orientada para a forma e a estrutura, enquanto a análise lógica italiana permanece mais conectada às categorias lógicas e filosóficas. Ambas, no entanto, compartilham uma base comum no pensamento clássico, mas se adaptaram de maneiras distintas às necessidades e tradições de seus respectivos contextos linguísticos.

Seria profícuo aos estudantes de Letras se a disciplina de Filosofia fosse oferecida na graduação. Há uma tendência das gramáticas atuais de levarem em conta a questão dos atos de fala, que é uma teoria desenvolvida a partir da Filosofia com Austin e Wittgenstein (Silva, s/d). Ao propor estudos de Filosofia para graduandos em Letras estou ratificando a genealogia do saber proposta por Foucault (Japiassu e Marcondes, 1990, p. 109), pois penso no caminho percorrido até chegarmos no ponto em que estamos no que se refere à análise da proposição simples em Língua Portuguesa e Língua Italiana.

Não foi apenas a Linguística que se afastou da Filosofia, a Lógica a se tornar meramente formal também se afastou de suas origens dedicando-se apenas à forma. Como se pode depreender em Mortari quando esse diz que “(...) a lógica não se ocupa de conteúdos, mas apenas de formas”.

Importante estudar a língua no contexto histórico na qual está inserida. O desconhecimento das raízes filosóficas nos estudos de língua é como se se estudasse algo sem uma história própria. Para uma casa ser erguida, é necessário que exista uma base, no entanto a casa não é apenas base: há paredes, teto, encanamento etc. Tudo é importante na construção da frase, e não apenas o verbo, ou o sujeito.

REFERÊNCIAS

- AMADEUS. Direção Miloš Forman. Estados Unidos. Saul Zaentz, 1984.
- AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.
- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à Sintaxe do Português*. 3ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.
- BACHA, Maria de Lurdes. *Teoria da Investigação de C. S. Peirce*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). PUC-SP. São Paulo, 1997.
- BARTHES, Roland. *A Aventura Semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BATISTA, Maria de Fátima B. de M. *A semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais*. *Revista de Letras*, [S.l.], v. 1, n. 25, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2242>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Ed Nacional; Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BORGES NETO, J. Gramática e lógica. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 15, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1299>. Acesso em: 5 de outubro 2023.
- CALVINO, Italo. *Palomar*. Milano: Mondadori, 2002.
- CALVINO, Italo. *Palomar*. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais*. Rio de Janeiro: Casa de Ruy Barbosa, 1956.
- CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima; MONTEIRO, Luiz Antônio Cavalcanti; FELIPE, Márcia da Gama Silva; SILVA-ALVES, Jefferson Evaristo do Nascimento (org.). *Evanildo Bechara e os bastidores da NGB*. Rio de Janeiro: Dialogarts 2020, 1a ed. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/EvanildoBechara_bastidoresDaNGB.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.
- CANÇADO, M. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, A.; NEGRÃO, E.; FOLTRAN, M. J. (org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto. 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2005.
- DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. *Grammatica Italiana con nozioni di linguística*. 3.

- ed. Bologna: Zanichelli editore, 1995.
- ECO, Umberto. *Semiótica e filosofia da linguagem*. São Paulo: editora Ática, 1991^a.
- ECO, Umberto. *Tratado Geral de Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991b.
- EPSTEIN, Isaac. *O Signo*. 3. ed. São Paulo: Ed. Atica, 1990.
- FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à linguística I – objetos teóricos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*, Editora Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1977.
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. 9. ed. Rio de Janeiro: ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1981.
- GRAVES, Robert. *Os Mitos Gregos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1990.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis. Editora Vozes, 2012.
- LADO, Robert. *Introdução à linguística aplicada*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LADO, Robert. *Linguistics across cultures*. Michigan: University of Michigan, 1958.
- LAFUENTE, Luis Antonio Mopi. *Semióse: o interpretante e a inferência de Charles Sanders Peirce*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2016.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- MACHADO, Irene (org.) et al. *Problema semiótico em pesquisas de comunicação e cultura*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- MORRIS, Charles. *Fundamentos da teoria dos signos*. Tradução: António Fidalgo. Covilhã: Universidade da Beira Interior. (recurso eletrônico).
- MORTARI, Cezar. *Introdução à Lógica*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2016
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (1993). A sintaxe de Apolônio Díscolo. *Clássica – Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, p. 69-74, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.24277/classica.v0i0.757>

- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática – história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: editora UNESP, 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: editora UNESP, 2011^a.
- NEVES, Maria Helena de Moura. O legado grego na terminologia gramatical brasileira. *Alfa*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 641-664, 2011b. Disponível em <https://www.scielo.br/j/alfa/a/7JLKcyQfgyhHWtMvvFMmGLF/>. Acesso em: 23 maio 2023.
- NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 2006.
- NÖTH, Winfried. *Panorama de semiótica – de Platão a Peirce*. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- NÖTH, Winfried. *Semiótica e semiologia: os conceitos e as tradições*. *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, 2006. Disponível em: <https://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=11&id=82>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- NÖTH, Winfried. *Cognição como semiose: semiótica cognitiva e cogsem*. 2021 <https://www.designisfels.net/capitulo/i35-05-cognicao-como-semiose-semiotica-cognitiva-e-cogsem/>
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia – textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- PEREIRA JR, Luiz Costa. *Filosofia na Língua Portuguesa*. Jean Lauand. São Paulo: Factash Editora, 2014.
- PIERINI, Patrizia. *Principi di linguistica contrastiva*. [S.l.]: ICoN – Italian Culture on the Net, 2004.
- PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica e ideologia. *Revista do GEL*, v. 16, n. 1, p. 132-142, 2019.
- PRAXEDES, Carmem; TRINDADE, Bruna; LEAL, Márcia, POÇO, Velaine. *Estudo contrastivo entre análise sintática portuguesa e análise lógica do italiano no período simples*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/15/11.htm>. Acesso em: 27 maio 2021.
- RENZI, Lorenzo; SALVI, Giampaolo; CARDINALETTI, Anna (a cura di). *Grande grammatica italiana di consultazione è una grammatica italiana*. Bologna: il Mulino, 2001.
- RODRIGUES, Abílio. *A Lógica*. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.
- RODRIGUES, Cassiano Terra. *Charles Sanders Peirce*. In: ENCICLOPÉDIA jurídica da PUC-SP. São Paulo: PUCSP, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/58/edicao-1/peirce,-charles-sanders>.

- SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos – semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.
- SANTAELLA, Lucia. *O método anticartesiano de C.S. Peirce*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica?* 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SENSINI, Marcello. *La grammatica della lingua italiana*. Milano: Mondatori, 1997.
- SERIANI, Luca. *Grammatica italiana e lingua letteraria*. Torino: Garzanti Editore, 1997.
- SILVA, Gláucia. *Seleção natural e biossemiótica: biologia e antropologia se renovam*. <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1085>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- SILVA, Gustavo Adolfo da. *Teoria dos atos de fala*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, [202-].
- SÜSKIND, Patrick. *O perfume*. Rio de Janeiro: Record/Altaya.
- TRIFONE, Pietro; PALERMO, Massimo. *Grammatica Italiana di Base*. 2. ed. Bologna: Zanichelli, 2007.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Verissimo antológico – meio século de crônicas, ou coisa parecida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. Edição eletrônica.
- WAGNER, Pierre. *A Lógica*. São Paulo: Parábola, 2009.
- WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2010.

ANEXO A - Metafísica, Luis Fernando Veríssimo

Metafísica

Contam que um admirador de Albert Einstein foi visitar o mestre em sua casa e o encontrou estirado numa poltrona, com a cabeça para trás e os olhos fechados. Não querendo perturbar o aparente repouso do professor, o visitante sentou-se num canto e ficou esperando que ele acordasse. Passou meia hora, o professor continuava estirado na poltrona, a cabeça para trás e os olhos fechados. Foi quando o visitante viu um ratinho aparecer debaixo da mesa e dirigir-se para os pés de Albert Einstein. O visitante ficou em pânico. O que fazer? O ratinho se aproximava dos pés do mestre com passinhos curtos mas resolutos. Devia acordar Einstein e avisar do perigo iminente? Ou esperar que o ratinho mudasse de rota? Ou, silenciosamente, sem acordar o professor, enxotar o ratinho? Enquanto o visitante decidia o que fazer, o ratinho chegou até o pé direito de Einstein e deu uma mordidinha no seu dedão pelo buraco do chinelo. Einstein nem abriu os olhos. Fez que sim com a cabeça. O ratinho voltou correndo para sua toca. Minutos mais tarde, Einstein abriu os olhos e deu com o visitante no canto. Este desculpou-se, disse que não pretendia acordá-lo, mas Einstein o silenciou com um gesto.

Não estava dormindo. Estava pensando. Sempre fazia isso. Sentava naquela poltrona, atirava a cabeça para trás, fechava os olhos e deixava o cérebro funcionar. Pensava no universo, pensava no funcionamento do universo, pensava nas explicações para o funcionamento do universo... Mas precisava ter cuidado. Sua mente tinha uma tendência muito grande para a metafísica. Escapava ao controle, disparava, quando ele via ela estava perdida no infinito, em equações fantásticas... Felizmente, sempre que isto acontecia, ele sentia uma cosquinha no dedão. Era o sinal para voltar à física, à realidade e às coisas prováveis. Fora assim que desenvolvera a sua teoria da relatividade. Seu cérebro indo em todas as direções, mas a cosquinha no dedão indicando o caminho, alertando-o para os excessos, chamando-o de volta à realidade e à razão.

O visitante engoliu em seco.

– E o senhor tem... uma explicação para a cosquinha no dedão?

Einstein não respondeu em seguida. Suspirou. Coçou a cabeça. Depois disse:

– Aí é que está. Só pode ser explicada como um sinal divino. Mas eu preciso resistir à metafísica!

O visitante procurou o ratinho com o olhar mas não o avistou. Além de tudo, era modesto.

ANEXO B - *Il modello dei modelli*, Italo Calvino

Il modello dei modelli

Nella vita del signor Palomar c'è stata un'epoca in cui la sua regola era questa: primo, costruire nella sua mente un modello, il più perfetto, logico, geometrico possibile; secondo, verificare se il modello s'adatta ai casi pratici osservabili nell'esperienza; terzo, apportare le correzioni necessarie perché modello e realtà coincidano. Questo procedimento, elaborato dai fisici e dagli astronomi che indagano sulla struttura della materia e dell'universo, pareva a Palomar il solo che gli permettesse d'affrontare i più aggrovigliati problemi umani, e in primo luogo quelli della società e del miglior modo di governare. Bisognava riuscire a tener presenti da una parte la realtà informe e dissennata della convivenza umana, che non fa che generare mostruosità e disastri, e dall'altra un modello d'organismo sociale perfetto, disegnato con linee nettamente tracciate, rette e cerchi ed ellissi, parallelogrammi di forze, diagrammi con ascisse e ordinate.

Per costruire un modello – Palomar lo sapeva –, occorre partire da qualcosa, cioè bisogna avere dei principi da cui far discendere per deduzione il proprio ragionamento. Questi principi – detti anche assiomi o postulati – uno non se li sceglie ma li ha già, perché se non li avesse non potrebbe nemmeno mettersi a pensare. Anche Palomar dunque ne aveva, ma – non essendo né un matematico né un logico – non si curava di definirli. Dedurre era comunque una delle sue attività preferite, perché poteva dedicarsi da solo e in silenzio, senza speciali attrezzature, in qualsiasi posto e momento, seduto in poltrona o passeggiando. Verso l'induzione invece aveva una certa diffidenza, forse perché le sue esperienze gli parevano approssimative e parziali. La costruzione d'un modello era dunque per lui un miracolo d'equilibrio tra i principi (lasciati nell'ombra) e l'esperienza (inafferrabile), ma il risultato doveva avere una consistenza molto più solida degli uni e dell'altra. In un modello ben costruito, infatti, ogni dettaglio dev'essere condizionato dagli altri, per cui tutto si tiene con assoluta coerenza, come in un meccanismo dove se si blocca un ingranaggio tutto si blocca. Il modello è per definizione quello in cui non c'è niente da cambiare, quello che funziona alla perfezione; mentre la realtà vediamo bene che non funziona e che si spappola da tutte le parti; dunque non resta che costringerla a prendere la forma del modello, con le buone o con le cattive.

Per molto tempo il signor Palomar si è sforzato di raggiungere un'impassibilità e un distacco tali per cui ciò che conta è solo la serena armonia delle linee del disegno: tutte le lacerazioni e contorsioni e compressioni che la realtà umana deve subire per identificarsi al modello dovevano essere considerate accidenti momentanei e irrilevanti. Ma se per un istante egli smetteva di fissare l'armoniosa figura geometrica disegnata nel cielo dei modelli ideali, gli

saltava agli occhi un paesaggio umano in cui le mostruosità e i disastri non erano affatto spariti e le linee del disegno apparivano deformate e contorte.

Quel che ci voleva allora era un sottile lavoro d'aggiustamento, che apportasse graduali correzioni al modello per avvicinarlo a una possibile realtà, e alla realtà per avvicinarla al modello. Infatti il grado di duttilità della natura umana non è illimitato come in un primo tempo egli credeva; e in compenso anche il modello più rigido può dar prova d'una qualche elasticità inaspettata. Insomma se il modello non riesce a trasformare la realtà, la realtà dovrebbe riuscire a trasformare il modello.

La regola del signor Palomar a poco a poco era andata cambiando: adesso gli ci voleva una gran varietà di modelli, magari trasformabili l'uno nell'altro secondo un procedimento combinatorio, per trovare quello che calzasse meglio su una realtà che a sua volta era sempre fatta di tante realtà diverse, nel tempo e nello spazio.

In tutto questo, non che Palomar elaborasse lui stesso dei modelli o s'adoperasse ad applicarne dei già elaborati: egli si limitava a immaginare un giusto uso di giusti modelli per colmare l'abisso che vedeva spalancarsi sempre di più tra la realtà e i principî. Insomma, il modo in cui i modelli potevano essere manovrati e gestiti non entrava nelle sue competenze né nelle sue possibilità d'intervento. Di queste cose s'occupano abitualmente persone molto diverse da lui, che ne giudicano la funzionalità secondo altri criteri: come strumenti di potere, soprattutto, più che secondo i principi o le conseguenze nella vita della gente. Cosa questa abbastanza naturale, dato che ciò che i modelli cercano di modellare è pur sempre un sistema di potere; ma se l'efficacia del sistema si misura sulla sua invulnerabilità e capacità di durare, il modello diventa una specie di fortezza le cui spesse muraglie nascondono quello che c'è fuori. Palomar che dai poteri e dai contropoteri s'aspetta sempre il peggio, ha finito per convincersi che ciò che conta veramente è ciò che avviene nonostante loro: la forma che la società va prendendo lentamente, silenziosamente, anonimamente, nelle abitudini, nel modo di pensare e di fare, nella scala dei valori. Se le cose stanno così, il modello dei modelli vagheggiato da Palomar dovrà servire a ottenere dei modelli trasparenti, diafani, sottili come ragnatele; magari addirittura a dissolvere i modelli, anzi a dissolversi.

A questo punto a Palomar non restava che cancellare dalla sua mente i modelli e i modelli di modelli. Compiuto anche questo passo, ecco si trova faccia a faccia con la realtà mal padroneggiabile e non omogeneizzabile, a formulare i suoi «sì», i suoi «no», i suoi «ma». Per far questo, è meglio che la mente resti sgombra, ammobiliata solo dalla memoria di frammenti d'esperienza e di principi sottintesi e non dimostrabili. Non è una linea di condotta da cui egli possa ricavare soddisfazioni speciali, ma è la sola che gli risulta praticabile.

Finché si tratta di riprovare i guasti della società e gli abusi di chi abusa, egli non ha esitazioni (se non in quanto teme che, a parlarne troppo, anche le cose più giuste possano suonare ripetitive, ovvie, stracche). Più difficile trova pronunciarsi sui rimedi, perché prima vorrebbe sincerarsi che non provochino guasti e abusi maggiori e che, se saggiamente predisposti da riformatori illuminati, possano poi essere messi in pratica senza danno dai loro successori: forse inetti, forse prevaricatori, forse inetti e prevaricatori a un tempo.

Non gli manca che esporre questi bei pensieri in forma sistematica, ma uno scrupolo lo trattiene: e se ne venisse fuori un modello? Così preferisce tenere le sue convinzioni allo stato fluido, verificarle caso per caso e farne la regola implicita del proprio comportamento quotidiano, nel fare o nel non fare, nello scegliere o escludere, nel parlare o nel tacere.

ANEXO C - O Modelo dos Modelos

O Modelo dos Modelos

Houve na vida do senhor Palomar uma época em que sua regra era esta: primeiro, construir um modelo na mente, o mais perfeito, lógico, geométrico possível; segundo, verificar se tal modelo se adapta aos casos práticos observáveis na experiência; terceiro, proceder às correções necessárias para que modelo e realidade coincidam. Esse procedimento, elaborado por físicos e astrônomos que indagam a estrutura da matéria e do universo, parecia a Palomaro único capaz de lhe permitir enfrentar os mais emaranhados problemas humanos, e em primeiro lugar os da sociedade e do melhor modo de governar. Precisava conseguir ter presente por um lado a realidade informe e demente da convivência humana, que só gera monstruosidades e desastres, e por outro lado um modelo de organismo social perfeito, desenhado com linhas nitidamente traçadas, retas e círculos e elipses, paralelogramos de forças, diagramas com abscissas e ordenadas.

Para construir um modelo – Palomar sabia –, é necessário partir de algo, ou seja, ter princípios dos quais derivar por dedução o próprio raciocínio. Esses princípios – também chamados axiomas ou postulados – nós não os escolhemos a posteriori, mas já os temos, porque se não os tivéssemos não poderíamos nem sequer nos pôr a pensar. Mesmo Palomar portanto os tinha, mas – não sendo nem matemático nem lógico – não se dava ao trabalho de defini-los. A dedução era, no entanto, uma de suas atividades preferidas, porque podia dedicar-se a ela sozinho e em silêncio, sem aparelhagens especiais, em qualquer lugar ou momento, sentado numa poltrona ou passeando. Quanto à indução, porém, ele tinha certa desconfiança, talvez porque suas experiências lhe pareciam aproximativas e parciais. A construção de um modelo era portanto para ele um milagre de equilíbrio entre os princípios (deixados à sombra) e a experiência (inapreensível), mas o resultado devia possuir uma consistência muito mais sólida que uns e outra. Num modelo bem construído, na verdade, cada detalhe deve estar condicionado aos demais, para que tudo se mantenha com absoluta coerência, como num mecanismo em que, parando uma engrenagem, todo o conjunto para. O modelo é por definição aquele em que não há nada a modificar, aquele que funciona com perfeição; ao passo que a realidade, vemos bem que ela não funciona e que se esfrangalha por todos os lados; portanto, resta apenas obrigá-la a adquirir a forma do modelo, por bem ou por mal.

Por muito tempo o senhor Palomar se esforçou por atingir uma impassibilidade e um alheamento tais que só levavam em conta a harmonia serena das linhas do desenho: todas

as lacerações e contorções e compressões que a realidade humana deve sofrer para identificar-se com o modelo deviam ser consideradas acidentes momentâneos e irrelevantes. Mas se por um instante ele deixava de fixar a harmoniosa figura geométrica desenhada no céu dos modelos ideais, saltava a seus olhos uma paisagem humana em que amonstrosidade e os desastres não eram de todo desaparecidos e as linhas do desenho surgiam deformadas e retorcidas.

O que se desejava então era um trabalho sutil de ajustamento, que trouxesse correções graduais ao modelo para aproximá-lo de uma realidade possível, e à realidade para aproximá-la do modelo. Na verdade o grau de ductilidade da natureza humana não é ilimitado como a princípio se pensava; e em compensação até mesmo o modelo mais rígido pode dar provas de uma elasticidade insuspeitada. Em suma, se o modelo não consegue transformar a realidade, a realidade deveria conseguir transformar o modelo.

A regra do senhor Palomar foi aos poucos se modificando: agora já desejava uma grande variedade de modelos, se possível transformáveis uns nos outros segundo um procedimento combinatório, para encontrar aquele que se adaptasse melhor a uma realidade que por sua vez fosse feita de tantas realidades distintas, no tempo e no espaço.

Mas não que Palomar elaborasse ele mesmo modelos ou se aplicasse em empregar modelos já elaborados: limitava-se a imaginar um uso correto dos modelos corretos para preencher o abismo que via escancarar-se cada vez mais entre a realidade e os princípios. Em suma, o modo pelo qual os modelos podiam ser manobrados e dirigidos não entrava em sua competência nem em suas possibilidades de intervenção. Dessas coisas ocupavam-se habitualmente pessoas muito diferentes dele, que julgavam sua funcionalidade segundo outros critérios: como instrumentos de poder, sobretudo, mais que segundo os princípios ou as consequências na vida das pessoas. Coisa aliás bastante natural, dado que tudo aquilo que os modelos procuram modelar é sempre um sistema de poder; mas se a eficácia do sistema se mede pela sua invulnerabilidade e capacidade de durar, o modelo se torna uma espécie de fortaleza cujas muralhas espessas ocultam aquilo que está fora. Palomar, que sempre espera o pior dos poderes e contra poderes, acabou por convencer-se de que o que conta na verdade é aquilo que ocorre *não obstante* eles: a forma que a sociedade vai adquirindo lentamente, silenciosamente, anonimamente, nos hábitos, no modo de pensar e de fazer, na escala de valores. Analisando assim as coisas, o modelo dos modelos almejado por Palomar deverá servir para obter modelos transparentes, diáfanos, sutis como teias de aranha; talvez até mesmo para dissolver os modelos, ou até mesmo para dissolver-se a si próprio.

Neste ponto só restava a Palomar apagar da mente os modelos e os modelos de modelos. Completado também esse passo, eis que ele se depara face a face com a realidade mal padronizável e não homogeneizável, formulando os seus “sins”, os seus “nãos”, os seus “mas”. Para fazer isso, melhor é que a mente permaneça desembaraçada, mobiliada apenas com a memória de fragmentos de experiências e de princípios subentendidos e não demonstráveis. Não é uma linha de conduta da qual possa extrair satisfações especiais, mas é a única que lhe parece praticável.

Já que se trata de reprovar os danos da sociedade e os abusos de quem abusa, ele não hesita (salvo enquanto teme que, por falar demais, também as coisas mais corretas possam soar repetitivas, óbvias, exauridas). Acha mais difícil pronunciar-se sobre os remédios, primeiro porque gostaria de certificar-se de que não provocariam danos e abusos maiores e que, se sabiamente predispostos por reformadores iluminados, poderiam pois ser postos em prática sem dano pelos seus sucessores: talvez ineptos, talvez prevaricadores, talvez ineptos e prevaricadores a um só tempo.

Só lhe falta expor esses belos pensamentos de forma sistemática, mas um escrúpulo o retém: e se daí decorresse um modelo? Assim prefere manter suas convicções em estado fluido, verificá-las caso a caso e fazer delas a regra implícita do próprio comportamento cotidiano, no fazer ou no não fazer, no escolher ou no excluir, no falar ou no calar-se.